



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**DOUGLAS NUNES ABREU**

**AS CONCEPÇÕES DA PARCERIA ANALÍTICA  
NO ENSINO DE LACAN**

Rio de Janeiro

2013



**DOUGLAS NUNES ABREU**

**AS CONCEPÇÕES DA PARCERIAS ANALÍTICA  
NO ENSINO DE LACAN**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para conclusão do curso de Doutorado em Psicologia, área de concentração: Teoria Psicanalítica.

Orientador: Professora Dr<sup>a</sup>. Tania Coelho dos Santos.

Rio de Janeiro

2013

**Ficha Catalográfica elaborada por XXX**

**Bibliotecário: XXX**

ABREU, Douglas Nunes.

**As concepções da parceria analítica no ensino de Lacan.  
[manuscrito] / Douglas Nunes Abreu. – Rio de Janeiro:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.**

150 p.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ),  
Doutorado em Psicologia, Teoria Psicanalítica.  
Orientadora: Tania Coelho dos Santos

1. Parceria analítica. 2. Interpretação. 3. Ato. 4. Forçamento. 5.  
*Parceiro-sintoma.*

I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. II. As concepções da  
parceria analítica no ensino de Lacan.

CDD – XXX.XX

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

ABREU, Douglas Nunes. As concepções da parceria analítica no ensino de Lacan. Tese apresentada como requisito parcial à conclusão do curso de Doutorado em Psicologia, área de concentração: Teoria Psicanalítica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizada no 1º semestre de 2013.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Dra. Tania Coelho dos Santos  
PPGTP/UFRJ  
Orientadora

---

Professora Dra. Andréa Martello  
UFRJ

---

Professor Dr. Sérgio Augusto Chagas deLaia  
FUMEC

---

Professora Dra. Márcia Mello de Lima  
UERJ

---

Professora Dra. Maria Cristina da Cunha Antunes  
UFRJ

Examinada em: 08/07/2013

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha mãe e irmã pela vida compartilhada, pelos desafios vencidos, por partilharem a ética e a dignidade na vida.

Agradeço a Fernanda pela parceria intensa nestes quatro anos.

Agradeço aos meus amigos, parceiros de toda hora.

Agradeço a professora Tania Coelho dos Santos, pela escuta, pelos ensinamentos e pela parceria nesse sintoma tão particular que é ser um analista.

Agradeço ao professor Jean-Claude Maleval, pela acolhida na França e pelas orientações precisas.

Agradeço aos professores Sérgio Laia, Márcia Mello, Maria Cristina Antunes e Andréa Martello, não apenas por fazerem parte desta banca, mas pela participação preciosa de cada um ao longo desse percurso.

Agradeço aos colegas do ISEPOL, um espaço sólido de pesquisa e formação psicanalítica, lugar de pares.

Agradeço ao Campo Freudiano, onde me reconheço como analista.

Agradeço a CAPES pelo fomento de minha pesquisa no Brasil e no exterior, sem o qual nada disso teria sido possível.

Agradeço a UFRJ, ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica e seus professores, pelo ensino de qualidade e estímulo a pesquisa.

Agradeço a Université Rennes II pelo apoio na minha estada em Rennes e pela qualidade do ensino ofertado.

Agradeço aos alunos, fonte inesgotável de estímulo quanto à busca de saber, e principalmente, de como transmiti-lo.

Agradeço aos colegas e usuários do CAIA, da Associação CasaViva e da COOPSAM, e aos analisandos, por serem motriz constante no meu desejo de investigação em teoria e clínica psicanalítica.

*Só se é responsável na medida de seu savoir-faire.*

*Que é o savoir-faire?*

*É a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável.*

*Jacques Lacan*

## RESUMO

Abreu, Douglas Nunes. **As concepções da parceria analítica no ensino de Lacan.** 2013. 150f. Tese (Doutorado em Psicologia, área de concentração: Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Esta tese parte de alguns impasses e questões pertinentes à prática do analista no século XXI, tais como a prática analítica na era das avaliações, no campo da saúde mental e diante das novas apresentações sintomáticas. Visando operar diante destes impasses, este trabalho aposta na lógica das parcerias analíticas no ensino de Jacques Lacan, como um eixo de orientação sobre a intervenção do psicanalista e a posição que este ocupa na cena analítica em cada momento da clínica lacaniana. Essa orientação genealógica permite delinear os principais conceitos pertinentes a cada época de investigação, possibilitando assim elencar as diferentes teorias da clínica, e, conseqüentemente, o lugar do analista e sua intervenção. Inicialmente o texto desenvolve a ideia do parceiro-imago na teoria do imaginário como momento antecedente da prática propriamente lacaniana. A seguir, trabalha duas parcerias do analista que podem ser localizadas a partir do axioma do *inconsciente estruturado como uma linguagem*, na lógica do *inconsciente transferencial*. O analista como *parceiro-símbolo* na máquina significante, ocupando a posição de *Sujeito suposto Saber* e operando pela via da *interpretação*. E o analista como *parceiro-objeto a* na clínica do fantasma, ocupando o lugar de *objeto a* na lógica discursiva e operando pela via do *ato analítico*. Posteriormente, desenvolve a parceria analítica na clínica do real, balizada pelo axioma da *não relação sexual*,

na lógica do *inconsciente real*, onde a parceria analítica é descrita como *parceiro-sintoma* e sua intervenção se faz pela via do *forçamento*. Ao final desta trabalho, discute-se as parcerias analíticas na perspectiva de alguns casos clínicos da literatura psicanalítica procurando destacar alguns tipos de parceria analítica nas estruturas clínicas.

**Palavras-chave:** Parceria analítica. Interpretação. Ato. Forçamento. Parceiro-sintoma.



## RÉSUMÉ

Abreu, Douglas Nunes. Les conceptions du partenariat analytique dans l'enseignement de Lacan. 2013. 150f. Thèse. (Doctorat em Psychologie, secteur de concentration: théorie psychanalytique) - Université Fédérale du Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

Cette thèse commence par quelques impasses et questions pertinentes en ce qui concerne la pratique de l'analyste dans le XXI<sup>e</sup> siècle, tels que la pratique analytique à l'ère des évaluations dans le champ de la santé mentale, en face des nouvelles présentations symptomatiques. Visant à opérer sur ces impasses, ce travail se concentre sur la logique de partenariats analytiques chez Jacques Lacan, comme un axe d'orientation sur l'intervention de l'analyste et la position qu'il occupe sur la scène analytique à chaque moment de la clinique lacanienne. Cette orientation généalogique permet de souligner les principaux concepts concernés à chaque période de recherche, permettant ainsi de classer les différentes théories de la clinique, et donc, la place de l'analyste et son intervention. Initialement, le texte développe l'idée du partenaire-*imago* dans la théorie de l'*imaginaire* comme un moment antécédent de la pratique proprement lacanienne. Ensuite, on travaille deux partenariats de l'analyste qui peuvent être situés à travers l'axiome de l'inconscient structuré comme un langage, la logique du inconscient transférentiel. L'analyste en tant que partenaire-*symbole* dans la machine symbolique, en occupant la position de *Sujet supposé Savoir* et intervenant par la voie de l'interprétation. Et l'analyste comme partenaire-*objet* a chez la clinique du fantasme, en prenant la place d'objet a

dans la logique discursive et intervenant par la voie de l'acte analytique. Après cela, on développe la partenariat analytique dans la clinique du réel, soutenue par l'axiome du non-rapport sexuel, dans la logique de l'inconscient réel, où le partenariat analytique est décrit comme partenaire-symptôme et son intervention est par la voie du forcément. À l'issue de ce travail, on discute des partenariats analytiques du point de vue de certains cas cliniques de la littérature psychanalytique cherchant à mettre en évidence certains types de partenariat analytique dans les structures cliniques.

**Mots-clés:** Partenariat analytique. Interprétation. Acte. Forcément. Partenaire-symptôme.

## ABSTRACT

Abreu , Douglas Nunes. Conceptions of analytic partnership in Lacan. 2013. 150f. Thesis (Ph.D. in Psychology, DOCUS area: Psychoanalytic Theory) - Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

This thesis is part of some impasses and relevant to the practice of the analyst in the twenty-first century, such as analytic practice in the era of the evaluations in the field of mental health and symptomatic presentations on new issues. Aiming to operate on these impasses, this work focus on the logic of analytical partnerships in the teaching Jacques Lacan, as an orientation axis on the intervention of the analyst and the position it occupies in the analytic scene in each moment of Lacanian clinic. This genealogical orientation allows to outline the main concepts relevant to each time of research, thus enabling ranking the different theories of the clinic, and hence the place of the analyst and his intervention. Initially the text develops the idea of imago-partner in the theory of the imaginary as an antecedent moment of properly Lacanian practice. Next, it works two partnerships of the analyst that can be located from the axiom of the unconscious structured like a language, in the logic of the unconscious transference. The analyst as a partner-symbol in the significant machine, occupying the position of Subject supposed to know and operating by way of interpretation. And the analyst as partner-object a in the clinic of the ghost, taking the place of the object in the discursive logic and operating via the analytic act. Posterly, develops the analytical partnership in the practice of the real, buoyed by the axiom of non-intercourse, in the logic of the real unconscious, where the analytic partnership is

described as partner-symptom and its intervention is done by way of forcing. Upon completion of this work, it is discussed the analytical partnerships from the perspective of some clinical cases from the psychoanalytic literature seeking to highlight some types of partnership in clinical analytic structures.

**Keywords:** analytical partnership. Interpretation. Act. Forcing. Partner-symptom.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	13
2. Questões para a parceria analítica no século XXI .....	25
2.1. O analista e as parcerias na era das avaliações e no campo da saúde mental .	26
2.2. Parceria analítica e <i>novos sintomas</i> .....	34
2.3. A lógica das parcerias analíticas .....	37
3. Antecedentes: o parceiro-imago na teoria do imaginário.....	41
4. As parcerias analíticas na lógica do inconsciente transferencial .....	52
4.1. O analista parceiro-símbolo na clínica do significante .....	52
4.1.1. Freud, os mitos e a primazia do falo .....	53
4.1.2. Lacan, o estruturalismo e o falo elevado à categoria de significante .....	62
4.1.3. O analista Sujeito suposto Saber na transferência e a interpretação.....	74
4.1.4. O gozo impossível de <i>das Ding</i> .....	79
4.2. O analista parceiro-objeto a na clínica do fantasma .....	81
4.2.1. O objeto do fantasma no discurso do inconsciente .....	82
4.2.2. Discurso, sintoma e laço social: o ato do psicanalista .....	86
5. O analista <i>parceiro-sintoma</i> na clínica do inconsciente real .....	89
5.1. Uma inversão de perspectiva .....	91
5.2. Sexuação e invenção.....	94
5.3. O forçamento do que ressoa, reitera .....	100
6. A clínica e suas parcerias .....	105
6.1. Rei sol e Rainha da Noite .....	107
6.2. A vida me ama.....	112
6.3. Gentileza gera Gentileza .....	118
7. Considerações finais.....	133
Referências bibliográficas .....	139

## 1. Introdução

Num pequeno artigo sobre o ensino da psicanálise nas universidades, Sigmund Freud advertia que o eixo epistêmico da teoria psicanalítica corria o risco de se restringir a uma face crítica e dogmática, incapaz de dar conta das nuances que a prática comporta. Ele sugere que a *experiência* seja matéria viva para reflexão constante da *clínica*. (Freud, 1919[1918]/1996). O longo percurso de Jacques Lacan, na formalização de seu ensino, sempre comportou essa lógica: levou em conta as mudanças na estrutura da civilização. Como podemos observar com Jacques-Alain Miller, a concepção lacaniana de estrutura segue a via freudiana, visto que comporta duas ações que se retroagem mutuamente: a *ação instituinte* e a *ação instituída*. A primeira, *estruturante*, parte da atualidade, da experiência obtida da prática clínica, constituindo assim seu estado, já a segunda representa o saber acumulado, *estruturado*, constituído a partir do vivido e passível de promover deduções. O estruturante regendo o real e o estruturado orientando a abordagem do acaso, da contingência. Assim, pode-se conceber a noção de estrutura como “*o que localiza uma experiência para o sujeito que ela inclui*”. (Miller, 1964/1996:11).

É esta busca pela singularidade, e de sua maneira única de inserir-se no laço social, que motivou Lacan, na abertura da sessão clínica de *Vincennes*, no ano de 1977, proferir uma convocação aos analistas: “*a clínica psicanalítica consiste em reinterrogar tudo o que Freud disse... interrogar os analistas, a fim de que eles deem conta do que a prática deles tem de acaso, o que justifica que Freud tenha existido... a Psicanálise... não é uma ciência exata.*” (Lacan, 1977/2001:08-09). A psicanálise, e sua prática, se constitui como efeito do laço social de uma determinada época, da evolução de seus conceitos, das modalidades discursivas vigentes e dos sintomas presentes na civilização e em cada ser falante.

Desde que Lyotard publicou *A Condição Pós-Moderna* (1979) ganhou força o que já se anunciava: a pós-modernidade ligada ao crescimento econômico de uma sociedade pós-industrial (principalmente a partir da década de 50), na qual o conhecimento (ciência) tornara-se a principal força econômica da produção. Esse quadro promoveu efeitos na subjetividade, ao promover mudanças discursivas com efeitos na composição dos laços e das parcerias humanas. Assim, como se apresenta o laço social em nossa época? E como intervém o analista hoje?

Coelho dos Santos, partindo da proposição lacaniana de que o sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o sujeito da ciência (Lacan, 1965-66/1966), descreve a sociedade contemporânea como aquela que testemunha de fenômenos subjetivos decorrentes de alguns fatores socioculturais que marcaram uma ruptura na civilização, tais como “a ideologia freudo-marxista, os movimentos sociais pela liberação da sexualidade, o feminismo, o declínio das grandes narrativas, o relativismo moral, a cultura do narcisismo, a absolutização do direito ao gozo”. (Coelho dos Santos, 2008a:66). A ideologia individualista surge como efeito dessa nova orientação e “impele à reivindicação generalizada do direito de ser tratado como uma exceção, ao consumismo, às compulsividades, ao império dos semblantes e à sujeição à chuva de objetos.” (op. cit.).

Nos tempos atuais dois discursos imperam, atrelados: o discurso capitalista e o discurso da ciência. No primeiro, não há separação entre o sujeito e o objeto, o sujeito se vê reduzido à mera categoria de consumidor: *compre, tenha, gaste, goze!* Se desconstroem as grandes utopias comunitárias e vemos emergir a desestabilização das hierarquias simbólicas. O sujeito é conduzido num processo inquietante e voraz de busca da satisfação, no desenvolvimento de uma cultura

narcisista, que, como conseqüência, faz ascender a intolerância, o segregacionismo e a violência.

Diante deste quadro é preciso reinterrogarmos a clínica psicanalítica a fim de demonstrar sua potência em intervir no real. Um real que no século XXI se apresenta em certa desordem, visto que rompe com os fundamentos da tradição e demonstra o declínio da função do Nome-do-Pai como metáfora do desamparo humano. (Miller, 2012). Miller aponta que a questão do real, de como se pode verdadeiramente intervir no real, foi a grande questão da ciência no século passado (Miller, 1997a/2000). Que em nosso campo, segundo Coelho dos Santos (2012), induz o analista na tarefa de interrogar-se sobre suas relações com o real na civilização contemporânea, com a clínica que o interpela no século XXI.

A orientação do trabalho empreendido pelo Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo e pelo ISEPOL – Instituto Sephora de Ensino de Psicanálise de Orientação Lacaniana, nas pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob coordenação da professora Tania Coelho dos Santos, orientadora desta tese, parte da indicação de Miller sobre a impossibilidade de abordar a clínica do sujeito sem referência à clínica da civilização. (Miller et Milner, 2003/2006:30). O valor desta posição metodológica que inclui a apreensão da subjetividade no laço social ao qual pertence está na pretensão de investigar as relações da singularidade com o campo do *Outro*, valorizando assim métodos “que visam tratar o gozo em jogo nos sintomas do capitalismo, no lugar de inventariá-los, avaliá-los, contabilizá-los e gerenciá-los.” (Coelho dos Santos et Santiago, 2012:11).



Nesse sentido, o estágio no *Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior* (PDSE/CAPES), realizado no primeiro semestre de 2012 no laboratório de pesquisa em psicopatologia EA-4050, *Novos sintomas e laço social*, da Universidade Rennes2/UHB, e orientado pelo Professor Jean-Claude Maleval, foi crucial. Em pleno ápice de um pacto entre o capital e a ciência, que rebaixa o valor da verdade do sujeito às cifras, testemunhamos, no referido laboratório, o rigor na formalização do espírito científico que motivou Lacan desde o início de sua empreitada, mas sempre orientados pelo real em jogo na experiência analítica: o real do *sinthoma*.

Ambos os espaços de pesquisa, ISEPOL/Sephora/UFRJ e EA4050/Rennes2/UHB, parecem convergir, ao nosso ver, com a tese de Coelho dos Santos (2012) de que a psicanálise participa de duas concepções do real, com fundamento único: o real como impossível. “Uma parte de nossa atividade, a clínica psicanalítica, pode ser formalizada. Haverá, entretanto, em cada experiência, o encontro com uma singularidade irreduzível.” (Coelho dos Santos, 2012:59).

Essa orientação foi tornando-se consistente para esta produção ao longo do percurso do autor desta tese. Nossa motivação de escrita partiu dos impasses extraídos da experiência do *pesquisador* na sua incidência na *polis*, no encontro de um *analista* com o campo da saúde mental. Alguns frutos destas reflexões já foram desenvolvidos em artigos precedentes. Primeiramente, ao distinguirmos as psicoterapias da psicanálise a partir do grafo do desejo proposto por Lacan (1960/1998), e orientados por Miller (2001), onde desenvolvermos alguns aspectos da relação da psicanálise pura e com a psicanálise aplicada. (Abreu, 2007). A seguir, ao debruçarmo-nos sobre o tema dos dispositivos e sobre os eixos que norteariam a aplicação da psicanálise em instituições de saúde mental, tendo como guia

experiências institucionais com a lógica da *prática entre vários*. (Abreu, 2008). Consequente, ao discutirmos os impasses e enlaces da psicanálise pura e aplicada, bem como a presença do analista na cidade. (Abreu, 2010). Todos estes trabalhos foram oriundos de uma história que há mais de quinze anos recolhe, nos projetos de psicanálise aplicada em saúde mental, os impasses cruciais e os elementos essenciais de uma prática analítica possível na *polis*.

No que tange à formalização teórica, esta tese busca responder a alguns impasses que encontramos ao longo da experiência de docência em psicanálise e psicopatologia nos cursos de pós-graduação lato senso em teoria psicanalítica da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e na Universidade de Alfenas/Campus Varginha (UNIFENAS). Atividades que convocaram o exercício de formalização de um fazer clínico sempre em movimento.

Nesse percurso pela *psicanálise aplicada à saúde mental*, evidenciamos dois aspectos que introduzem o tema deste trabalho. O primeiro é a expansão das práticas analíticas nas instituições na atualidade, com analistas inseridos na cidade intervindo no campo da saúde mental<sup>1</sup> - fato que exige elucidar o fazer do analista, sua intervenção clínica na era das avaliações. O segundo aspecto diz respeito às apresentações sintomáticas que a clínica contemporânea testemunha, problemáticas marcadas pelo excesso pulsional. Essas apresentações denunciam a precariedade dos ideais em detrimento da radicalização das ideologias individualistas que absolutizam o direito ao gozo. Para Coelho dos Santos (2002a), no novo século trata-se do domínio do inconsciente como circuito pulsional sobre o inconsciente estruturado como uma linguagem. As sintomatologias que se apresentam aos

---

<sup>1</sup> Campo que deve aqui ser compreendido no sentido ampliado, incorporando as ações *psi* na área de saúde, de assistência social, na área jurídica, educacional, dentre outras.

analistas hoje passam ao largo da dimensão simbólica da função paterna, da referência ao Nome-do-Pai, e se definem pelo predomínio do desejo da mãe, promovendo o empuxo ao gozo mortífero e às ancoragens imaginárias da pulsão. Um processo de feminilização da sociedade que influencia diretamente a distribuição dos gozos, pois, sem a vertente do supereu paterno que na época freudiana regulava a dinâmica pulsional a partir da norma fálica, vemos eclodir a potência do gozo da exceção, centrado em outra lógica, distinta da *dietética pulsional* (regulação pulsional) presente no primeiro momento do ensino lacaniano. Estes impasses nos conduziram à necessidade de operar um deslocamento das reflexões acerca da *psicanálise aplicada ao campo da saúde mental*, para desenvolver nesta tese as concepções das parcerias analíticas no ensino de Lacan, delineando *quais lugares ocupa o analista e como intervém*, com fins de elucidar o estatuto dessa prática hoje.

Como metodologia de pesquisa, optamos por uma organização genealógica da obra lacaniana, destacando duas perspectivas lógicas extraídas de seu ensino: a primeira, organizada a partir da *lógica fálica*, que se orienta pela primazia do simbólico e pela incidência motificante dos significantes no corpo; e a segunda, marcada pela dimensão do real e pela *lógica do não-todo*, que reconhece a vivacidade do real no corpo do ser falante. Constatações que nos levaram a proposição de Miller (2006-07/2010), em que a expressão *inconsciente transferencial* foi utilizada para designar o primeiro momento lógico de Lacan, marcado pelo seu retorno a Freud e pelo axioma: *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*. Momento de prevalência dos sintomas clássicos e da intervenção do analista orientada pelos termos *interpretação* e *ato analítico*. Na mesma linha de pensamento, Miller propôs a expressão *inconsciente real* para designar a inversão de perspectiva promovida por Lacan na década de setenta, orientada pelo axioma:

*não existe relação sexual*, momento de emergência de uma nova perspectiva de abordagem do sintoma e da intervenção do analista orientada pela noção de *forçamento*. Diante destas duas perspectivas lógicas desenvolveremos, ao longo deste trabalho, as várias concepções da parceria analítica em cada momento do ensino lacaniano.

Esse esforço de genealogia, parte da verificação de que a história das ciências demonstra sua resistência em estabelecer filiações, tendendo a estabelecer-se a partir de projetos de objetividade particulares, imbuídos de inclinações político-ideológicas. O exercício da genealogia das ciências depende também de um *forçamento*, fazendo valer ao mesmo tempo os pontos de dependência e de ruptura que o progresso científico implica. Lacan introduziu profundas modificações no campo do saber psicanalítico, especialmente a partir das produções da segunda metade do século passado. Marcou seu nome não apenas ao lado de Freud como grande nome e guardião de sua psicanálise, mas como um dos maiores pensadores da contemporaneidade. Com estilo e retórica rebuscada, no mais fino da erudição, que comporta doses de humor, sarcasmo e ironia, Lacan brincava com as palavras, subvertia conceitos e inovava a cada exposição. Não perdia, entretanto, seu rigor, era severo, perseverava no projeto de restabelecer a doutrina freudiana em seu tempo, com contribuições inéditas que marcaram o avanço nas pesquisas em psicanálise.

Waldir Bevidas aponta que, se encontramos em Lacan uma preocupação com a sistematização do ensino de Freud, o mesmo não pode ser dito sobre o seu ensino pelos pós-lacanianos. Na maior parte dos textos e relatos encontrados, fica fácil perceber a aglutinação de termos pinçados ao longo da obra sem a devida contextualização. Bevidas defende a necessidade de um resgate da vocação

metodológica do ensino de Lacan. O estilo de Lacan apresenta um duplo desafio: formalizar e conceituar as terminologias freudianas em seus pontos nodais e aperfeiçoar a transmissão da psicanálise. Para ele, o estilo de Lacan se confunde com a própria lógica da psicanálise. (Bevidas, 1995), proposição que será evidenciada nesta tese, ao verificarmos a correlação dos momentos e conceitos, com os lugares e intervenções do analista, definindo lógicas de parceria distintas. Veremos também que esta organização lógica acerca das parcerias analíticas também se apresentam de acordo com a lógica do próprio caso ao longo de um percurso analítico.

O trabalho empreendido por Lacan em mais de trinta anos de transmissão buscou subsídios no campo da matemática (matemas, grafos, esquemas e nós) e da linguística. Mas o minimalismo lacaniano sempre incorporou o toque de poesia do mito individual que cada ser falante carrega. Ele nomeou *organon* sua álgebra que consistia na propedêutica de nunca dar outro passo se o anterior não estivesse devidamente solidificado. (Miller, 1979/1987). Neste percurso, longo e de intensa produção, encontramos modificações significativas quanto à exposição dos conceitos, fazendo necessário um trabalho de depuração ao longo da produção lacaniana das parcerias ocupadas pelo analista.

Miller tem se dedicado à condução do ensino de Lacan a partir de uma orientação que ele define como a direção, o movimento, que Lacan imprimiu à psicanálise: um vetor orientado. (Miller, 1985/2004). Além da partição entre *inconsciente transferencial* e *inconsciente real*, já citada antes, Miller propõe uma matriz de leitura do texto lacaniano: *primeiro momento do primeiro ensino e segundo momento do primeiro ensino*, e a seguir um *último ensino*. O primeiro

momento versa acerca da estrutura de linguagem do inconsciente, o segundo do tema do gozo e o terceiro da articulação singular do gozo com o significante.

Miller denomina os textos anteriores a 1953, mais especificamente anteriores ao discurso proferido em Roma, como antecedentes do ensino lacaniano propriamente dito. A produção teórica de Jacques Lacan teve origem com a tese de doutoramento sobre o caso *Aimée* (1932/2011) e apesar de entre 1936 e 1953 encontrarmos produções importantes, como o texto *O estádio do espelho como formador da função do eu* (Lacan, 1949/1998) e os seminários ministrados em sua residência sobre os casos clássicos atendidos por Sigmund Freud, elas não representavam ainda a marca do ensino da psicanálise por Lacan, e centravam sua lógica na tópica do imaginário. É no ano de 1953, ocasião da exposição *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Lacan, 1953/1998), começo dos seminários públicos e ano do rompimento com a Sociedade Psicanalítica de Paris (com posterior fundação da Sociedade Francesa de Psicanálise), que encontramos o início de um estilo próprio de transmissão, passando à primazia do simbólico.

Para Miller (1979/1987), as duas cisões que o movimento psicanalítico francês sofreu no século XX, das quais Lacan foi penhor essencial, foram fatos que marcaram os cortes epistêmicos em sua transmissão. O próprio Lacan, na aula de 16 de novembro de 1976 de seu seminário inédito de número vinte e quatro, *L'insu que sait de l'une bévue s'aile a mourre* (1976-77/inédito), parece indicar que a cisão fez conexão com seu próprio sintoma: "Saber-fazer ali com seu sintoma, esse é o final de análise... Embarquei nesta jornada porque me provocaram... Teria, seguramente, sido mais discreto se ela [cisão de 1953] não tivesse acontecido". (Lacan, 1976-77/inédito). O segundo ensino de Lacan também foi marcado por sua cisão com a IPA (Associação Internacional de Psicanálise), no ano de 1963 –

movimento que Lacan chamou de *excomunhão*. Mas a grande inversão de perspectiva em seu ensino ocorrerá na década de setenta, onde sua abordagem do real será levado às últimas consequências.

Em cada um destes momentos descritos por Miller (1979/1987), Coelho dos Santos, no projeto de pesquisa que participamos desenvolvido junto ao CNPq no período de 2007-2010, formalizou três teorias da clínica, com respectivas modalidades de intervenção do analista. A primeira clínica, clássica e estruturalista, foi denominada por ela de *clínica do significante*, em que o analista ocuparia o lugar do *Sujeito suposto Saber* e operaria pela via da interpretação; a segunda, que ela chamou de *clínica do fantasma*, na qual o lugar do analista seria marcado pelo *objeto a* no discurso que lhe é próprio, operando pela via do ato; e a terceira clínica, a *clínica do real*, em que o lugar do analista seria descrito como *parceiro-sintoma* e sua intervenção se constituiria por um *forçamento*.

Nesta tese de doutoramento que empreendemos optamos por aglutinar as matrizes anteriormente descritas à matriz de Miller que se apoia na proposição de que “a *clínica seria o parceiro*”. O termo *parceiro* foi utilizado pela primeira vez em seminário proferido pelo autor, em colaboração com Éric Laurent, intitulado *O outro que não existe e seus comitês de ética* (1997b/1998). Com base no último ensino de Lacan, a teoria do parceiro é apresentada como um complemento à teoria do sujeito. Para jogar a partida da vida, o sujeito só é capaz de fazê-la no encontro com as mais diversas modalidades do parceiro analista que encontramos no ensino lacaniano, é nesse percurso que a análise revela. Tomaremos, portanto, neste estudo, a vertente do parceiro como eixo da investigação acerca da intervenção do psicanalista no ofício de sua clínica hoje.

Nossa tese versa que a cada momento do ensino da clínica em Lacan podemos encontrar um lugar e um fazer clínico específico do analista, constituindo diferentes concepções da parceria analítica. Esse passo metodológico, a sobreposição das matrizes de análise genealógica do ensino de Lacan, foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa e para elucidação de nosso tema acerca das parcerias analíticas. Ao mesmo tempo em que estas nuances acompanham as transformações da civilização, as concepções da parceria analítica também se presentificam, em termos lógicos, a cada momento do percurso da experiência psicanalítica em si mesma, como veremos.

No primeiro capítulo discutiremos alguns impasses e questões pertinentes à prática do analista no século XXI, tais como a prática analítica na era das avaliações, no campo da saúde mental e diante das novas apresentações sintomáticas. Elencaremos as perspectivas lógicas que podem melhor orientar a configuração da prática psicanalítica em cada momento da clínica e em cada momento da civilização, servindo de eixo para os próximos capítulos. A seguir, desenvolveremos a ideia do parceiro-imago na teoria do imaginário como momento antecedente da prática propriamente lacaniana. No terceiro capítulo, trabalharemos as parcerias do analista a partir do axioma do *inconsciente estruturado como uma linguagem*, na lógica do *inconsciente transferencial*. Serão trabalhados o analista como *parceiro-símbolo* na máquina significante, bem como sua intervenção pela via da *interpretação*; e o analista como *parceiro-objeto* a na clínica do fantasma, operando pela via do *ato analítico*. Cabe ressaltar que a dimensão do gozo de *das Ding* precederá a passagem deste aos gozos nos objetos parciais. No último capítulo, se desenvolverá a parceria analítica na clínica do real, balizada pelo axioma da *não relação sexual*, na lógica do *inconsciente real*. A parceria analítica será descrita como a de *parceiro-*



*sintoma*, e sua intervenção marcada pela noção de *forçamento*. Para finalizar este trabalho, desenvolveremos as parcerias analíticas na perspectiva de alguns casos clínicos da literatura psicanalítica procurando elucidar como se organiza a noção de parceria diante da psicopatologia específica destes relatos, para ao final, tecermos nossas considerações finais sobre os efeitos da contemporaneidade na clínica psicanalítica, na psicopatologia e na parceria analítica.

## 2. Questões para a parceria analítica no século XXI

O tema do IX Congresso da Associação Mundial de Psicanálise – AMP foi anunciado por Jacques-Alain Miller, em abril de 2012, na cidade de Buenos Aires, com o título: *O real no século XXI*. (Miller, 2012). A escolha justifica-se pela necessidade de um *aggiornamento* da psicanálise. O termo italiano indica revisão, atualização e renovação do saber e prática analítica, levando em consideração os impasses que testemunhamos no *mal-estar* da civilização atual. Neste capítulo discutiremos algumas questões relevantes à parceria analítica no século atual.

Nos guiaremos, como nos aponta Miller, pelos efeitos que o laço histórico entre o discurso da ciência e o discurso do capitalismo promoveu na prática clínica, tanto no que diz respeito às modificações do *mal viver* humano, como pela incidência direta em nosso campo, como podemos observar no *entusiasmo* que ganhou força entre os analistas nas últimas décadas: passaram a preocupar-se com a *utilidade pública* da psicanálise. (Laurent, 2007). Miller desenvolveu o tema do *entusiasmo* visando avaliar os efeitos do crescimento no número de praticantes de psicanálise aplicada, fato que pode ser configurando como praticamente uma epidemia. Tal fenômeno acompanhou a exponencial ampliação da rede de cuidados em saúde mental que cada vez mais absorve analistas iniciantes. Esse fenômeno é fruto da instalação do que foi denominado de “nova aliança com o tempo presente”, como se finalmente o psicanalista tivesse encontrado seu lugar no mundo. (Miller, 2008). Destacamos algumas questões que emergem desse momento misto de euforia e de ataques constantes à psicanálise, no embate epistêmico com as *psicoterapias autoritárias*, que ganha força diante as novas políticas de avaliação. Consequência da entrada da psicanálise no campo da saúde mental, cuja relevância inegável não deixa de exigir que os impasses desse *forçamento* mereçam a devida

atenção. Tal como nos exigem as novas formas de apresentações sintomáticas na atualidade, marcadas pela desregulação pulsional. Ao final deste capítulo desenvolveremos um breve percurso pela lógica, visando sustentar os dois paradigmas que nortearão as subseqüentes discussões sobre as parcerias analíticas em Jacques Lacan.

### **2.1.O analista e as parcerias na era das avaliações e no campo da saúde mental**

A ampliação do interesse pela psicanálise aplicada é correlata à voz imperativa das políticas de controle pelo estado sobre as práticas *psi*, em tempos de política do bem-estar social – *welfare*. Em 08 de outubro de 2003 foi aprovada emenda parlamentar que regulamenta as profissões que concernem aos tratamentos psíquicos pelo Congresso Francês – Emenda Accoyer. Tal como crescem no Brasil, e no resto do mundo, iniciativas de regulamentação da psicanálise, bem como portarias, manuais de orientação e financiamento de terapêuticas ditas recomendadas pelos órgãos governamentais para determinadas afecções. Assim, a prática analítica não ficou imune aos discursos predominantes na atualidade, anunciados por Lacan num programa de televisão em 1973, a saber, o discurso do capitalista e o discurso da ciência (Lacan, 1973/2003). O primeiro subverte o discurso do mestre e engendra a lógica do consumo. O segundo, cuja estrutura se aproxima do discurso da histórica, também o subverte através do utilitarismo e do pragmatismo opaco de estatísticas acéfalas que determinam a palavra de ordem para o campo psicanalítico – *curem!* Trata-se da era das avaliações. (Miller et Milner, 2003/2006).

A título de exemplo, no ano de 2012 a França viveu outro amplo debate com forte ataque à psicanálise, desta vez, interrogando sua eficácia no tratamento do autismo. O tema foi escolhido como grande causa nacional no corrente ano. A partir de mobilizações de associações de autoajuda mútua, constituídas de famílias que vivem tal problemática, junto à assembléia nacional, a autoridade de saúde francesa publicou recomendações de boas práticas no que concerne ao tratamento e intervenção educacional com autistas, expondo de forma clara a intenção de banir o que denominaram de práticas obscuras e ultrapassadas, entre elas a psicanálise. Jean-Claude Maleval publicou um trabalho, intitulado *Écoutez les autistes!* (Maleval, 2012a), onde apresenta bases conceituais e ilustra a pertinência da abordagem psicanalítica com autistas, bem como tece críticas bem argumentadas às abordagens comportamentais, aos limites de práticas cognitivas, ao uso da punição e aos anseios de explicações neurobiológicas e/ou terapêuticas medicamentosas. Diversos outros autores do campo psicanalítico também entraram em defesa de experiências exitosas como os trabalhos desenvolvidos no Cortil, Antenne 110 e Nonete (instituições europeias com reconhecido trabalho de intervenção com autistas), bem como em defesa da potência de intervir no real vivenciado pelo autista. Esse movimento de crítica à psicanálise encontra uma suposta sustentabilidade teórica nas psicoterapias autoritárias, que desconsideram o funcionamento subjetivo e suas apresentações singulares. (Maleval, 2012b).

Maleval (2008a/2009) já apontava em outro trabalho que testemunhamos um embate epistêmico no século XXI. A partir do século XIX, o campo da psicologia foi organizado a partir da divisão entre os métodos nomotético e idiográfico, o que permitiu estabelecer certa unidade e proporcionou a coexistência das correntes experimental e clínica da psicologia. Hoje, entretanto, observamos a expansão do

paradigma experimental, organizado a partir da biometria, de caráter universalizante, ao passo que o paradigma psicodinâmico, historicista e sustentado na singularidade, percebe-se ameaçado diante de políticas de avaliação construídas a partir de métodos eminentemente estatísticos. Ao responder a esta impostura o analista foi conduzido cada vez mais para fora de sua política - a política do sintoma (Lacan, 1969-70/1992). A psicanálise localiza a verdade, sempre mentirosa, como efeito de uma experiência, decorrente dos traços mais singulares do caso clínico. A política dos resultados terapêuticos proporciona, ao contrário, homogeneização sintomática, padronização das terapêuticas e, conseqüentemente, dos resultados esperados, sempre *prêt-à-porter*.

Nessa direção, Miller aponta que o destino da psicanálise na atualidade encontra-se em situação parecida com a da poesia, as duas estão doentes. Efeito da contemporaneidade, que ele denomina de *Megera Modernidade*. *Megera* é uma Deusa violenta, uma *Erínia*, que tem aversão pela falha, pelo furo, acusando aos gritos, dia e noite, que os equívocos que emanam da contingência são insuportáveis. *A Megera Modernidade* é como uma nova inquisição que ameaça aos poetas, ou ao que resta deles, e faz o mesmo com os psicanalistas. (Miller, 2003a/2005).

O sonho de nossa época é o de maximizar o gozo útil. O que caminha na superfície do gosto é a mensuração generalizada. Medir, regulamentar, distribuir, homogeneizar cada gozo. Assegurar o prazer seguro e dissolver cada mal-estar. O desencantamento com o mundo cresce enquanto esvaziam-se os poderes da poesia. (Coelho dos Santos, 2010:s/p).

A ciência pede que os psicanalistas na sociedade de consumo ofertem uma utilidade direta de sua *praxis*, visando resultados garantidos e imediatos na reabilitação do sujeito sob os auspícios do discurso do mestre contemporâneo. A

psicanálise, como fenômeno da civilização, é avaliada em função de seus resultados terapêuticos – fins limpos, fins de utilidade e governabilidade. (Miller, 2008-09/2011). A base de sustentação da interferência no modo de funcionamento contemporâneo da psicanálise pode ser localizada nas ações do Estado que atrelam a psicanálise à saúde mental. (Miller et Milner, 2003/2006). Entretanto, esses campos distintos quando se encontram nos oferecem um impasse quanto ao lugar do analista como trabalhador no campo da saúde mental.

Desde Freud, o tema do futuro da psicanálise e de sua aplicabilidade habitaram o campo original de sua invenção, e se encontram presentes em várias passagens, como nos textos: *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica* (1910a/1996), *Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica* (1918/1996) e *Conferência XXXIV – Explicações, aplicações e orientações* (1932/1996). Diante da preocupação com a função da psicanálise perante o progresso científico, Freud aponta para os benefícios que o avanço da aplicação da psicanálise poderia proporcionar às pessoas em condição de desamparo intenso, para a massa da população e para as camadas sociais submetidas à mais elevada vulnerabilidade. O progresso da teoria psicanalítica fez com que surgissem instituições onde o analista está presente em sua prática clínica. Freud antecipara este fato, apontando a cautela necessária diante deste avanço na oferta: os efeitos da possibilidade de revisão da técnica psicanalítica, a fim de adaptá-la às novas condições e demandas. Ele atentava para que não se confundisse o ouro da psicanálise, a regra fundamental da associação livre, com o cobre da sugestão direta que marca as práticas de psicoterapeutização do psiquismo. Não hesitou também em afirmar que os ingredientes mais efetivos e importantes da prática analítica continuariam a ser fornecidos a partir da psicanálise estrita.

Lacan sempre endereçou seu ensino aos psicanalistas em formação. (Lacan, 1964/1985). Quando funda sua própria Escola, divide-a em três seções. Uma que se ocupava do recenseamento bibliográfico, outras duas que se dividiam em seção de psicanálise pura e seção de psicanálise aplicada. A primeira destas duas últimas se ocupa da formação de analistas na doutrina da psicanálise. Comporta a psicanálise didática, ou seja, aquela que é conduzida até o seu final, com o advento de um analista. Visa o estudo e pesquisa dos conceitos psicanalíticos, a supervisão dos analistas em formação e o crítica interna de sua práxis. Mais que uma terapêutica, a psicanálise pura é da ordem de um engajamento na responsabilidade que a função de analista comporta, psicanálise em intenção. A seção de psicanálise aplicada se relaciona diretamente com a clínica e a terapêutica, procurando estabelecer articulações entre as estruturas conceituais e os termos categóricos aos resultados e indicações terapêuticas, ou seja, em extensão, sua presentificação no mundo (Lacan, 1971/2003; 1967/2003). Essa divisão pode levar a uma compreensão equivocada ao *desenlaçar* essas duas formas de psicanálise, produzindo uma oscilação entre o entusiasmo por parte dos analistas avivados pela incidência da psicanálise aplicada nas instituições, e aqueles dedicados à trajetória pura, caminho do passe.

A título de ilustração, destacamos dois momentos recentes da história psicanalítica, extraídos de dois seminários de Jacques-Alain Miller: *Um esforço de poesia* (2002-03/inédito) e *Coisas de fineza em psicanálise*, este publicado no Brasil com o título *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan* (2008-09/2011). No primeiro, Miller convoca os analistas para criar instituições de tratamento psicanalítico na cidade, fazendo frente ao avanço esmagador das teorias contemporâneas sobre a subjetividade humana, tais como as comportamentais. *Um*

*esforço de poesia*, de aposta no sujeito do desejo (Miller, 2003a/2005). Cinco anos depois foi o momento da intervenção inversa, rebatendo firmemente o avanço inesperado da psicanálise aplicada, desarticulado da política do passe e da formação do analista. Concluímos que estes impasses são efeitos da tensão entre campos distintos – o campo da psicanálise e o campo da saúde mental – e não tanto entre a psicanálise pura e psicanálise aplicada.

Luiz Tundanca (2006) propõe que se deve diferenciar *espaço*, *lugar* e *campo*. O primeiro se define como sítio/terra, *espaço* de cada um, das lutas e disputas, onde podem acontecer operações de exclusão e substituição, mas que não definem o lugar do sujeito no mundo. O *lugar* estaria ligado ao social e ao político, diz respeito ao múltiplo, aos laços e leis que localizam um sujeito na coletividade. Finalmente, o *campo* representa, para esse autor, a intercessão e o conflito no encontro do *um* com o múltiplo. A saúde mental tem como *espaços* as instituições, tais como CAPS, Hospitais, Clínicas, PSF, Residências Terapêuticas, Consultórios na Rua, dentre tantas outras organizações institucionais de acolhimento e tratamento. Como referências para o *lugar*, temos as leis, portarias, conselhos de classe, protocolos, dentre outros mecanismos de normatização. Quanto à definição de *campo*, podemos relacioná-lo à política do ajustamento à realidade social, às normas, aos costumes, às convenções coletivas. Já a psicanálise tem como *espaço* o campo da linguagem, seu *lugar* é a dinâmica transferencial, onde se opera pela função da fala, e seu *campo* é a política do *sinthoma*, ou das singularidades. Perspectiva ética outra que sustenta a psicanálise diante do utilitarismo atual.

No campo da saúde mental prevalece a crença na lógica da cura pelos saberes dominantes, tais como os padrões comportamentais e as promessas milagrosas da indústria farmacêutica. A noção vigente é a de responsabilidade



social, significa reabilitar o *psico-ao-social*. O ideal de sujeito é aquele para quem o real cessaria de ser insuportável, tornando-se domesticável pelas terapêuticas prescritas. Gozar de boa saúde mental é poder andar pelas ruas sem ser atropelado no caótico sistema de trânsito atual, sair de casa e depois voltar sem perder-se no emaranhado contemporâneo das grandes cidades, saber utilizar corretamente a medicação prescrita pelo médico e engordar as estatísticas que indicam boa qualidade de vida (Miller, 1993[1988]/1999). Esse ponto de partida só faz estimular a erupção maciça dos distúrbios e maus funcionamentos mentais. Basta conferir a crescente demanda de atenção endereçada ao campo da saúde mental pelas antigas e novas manifestações – transtornos alimentares, toxicomanias, depressões, etc. O critério da saúde mental é o conceito de adaptação: resposta universal ao mal-estar na civilização, balizada pelos manuais de psiquiatria, farmacologia ou comportamentais.

Para a psicanálise *não existe saúde mental*, visto que ela parte de uma lógica que comporta um ponto sempre inédito a cada *ser falante*. A psicanálise engendra a noção de *responsabilidade sexual* diante da incorporação de um impossível. Lacan chegou a afirmar que todo mundo é louco, delirante (Lacan, 1978/2010:31). Essa “fórmula... é um princípio, que afirma ser radical a inadequação do real e do mental (...). Ao contrário do que o otimismo governamental professa, não há saúde mental” (Miller, 2008-09/2011:10-30). O que interessa ao campo da psicanálise são as modalidades de resposta ao real (em sua vertente estrutural, tipológica e de modalidades singulares de gozar). Diante da impossibilidade da representação de um saber verdadeiro sobre a sexualidade humana, cabe a cada sujeito localizar a verdade mentirosa, o meio-dizer, único, singular, delirante e herege, de cada caso único. Assim, falar em saúde mental torna-se algo cômico, só

podendo vir a ser compreendido pela via da inserção social, vertente que nos aproxima do campo das psicoterapias. (Miller, 1993[1988]/1999).

Lacan afirmava o risco que nossa ação comporta: de aperfeiçoar este laço, de nossa posição ser utilizada a serviço do mestre contemporâneo quando articulada à função terapêutica (Lacan, 1973/2003). A orientação da psicanálise é inversa às psicoterapias, pois ela toma esse discurso pelo avesso, uma vez que não sustenta a via do ideal, da norma e do ajustamento, mesmo que sua prática produza efeitos terapêuticos. É contrária à sugestão ou ao sentido, visa o gozo e a fantasia, toca o campo das pulsões e se dirige ao real. Miller, a partir do grafo do desejo que Lacan trabalha no texto *Subversão do sujeito e a dialética do desejo* (1960/1998), localiza as psicoterapias no andar inferior do grafo e a psicanálise no andar superior, inaugurado pelo desejo do analista, que situa a causa do desejo diante da castração (Miller, 2001). Em *Variantes do tratamento padrão* (1955/1998), Lacan lembra que a psicanálise não é uma terapêutica como as outras, sustentando que as variações de seu uso não implicam variação em sua ética. Recorda o alerta de Freud (1915[1914]/1996) contra o *furor sanandi*. O analista, diferentemente do psicoterapeuta, se define por meio de seu fazer. (Lacan, 1955/1998).

Para Milner (Miller et Milner, 2003/2006), a ideia de saúde mental nos remete ao *mal viver* humano do qual se ocupam as instituições. Jacques Lacan, no texto *Televisão* (1973/2003), localizou em planos distintos os trabalhadores das instituições de saúde mental e os psicanalistas. Os trabalhadores de saúde mental, ao se dedicarem a *aguentar as misérias do mundo*, submetiam-se ao mesmo discurso que as condicionavam. Sua ação não contribuiria, portanto, para a subversão do discurso do mestre em sua vertente capitalista, mas ao contrário,

colaboraria para a manutenção do *status quo*. Miller (1993[1988]/1999) nomeou os trabalhadores de saúde mental como *agentes contra perturbação da ordem pública*.

É por essa razão que avançamos na investigação sobre o ofício do analista, na execução de sua prática, independente do local de sua presença. Trabalharemos em cada parceria analítica um modo de operar específico do analista, para além das questões que emanam do campo da saúde mental, rumo ao esclarecimento da clínica lacaniana *stricto sensu*. Os termos *interpretação*, *ato analítico* e *forçamento*, que serão desenvolvidos ao longo das variações do lugar do analista no ensino de Lacan, dizem respeito à intervenção específica do psicanalista, ao seu *saber-fazer*, que vai além da nomeação da função, além do estabelecimento da sessão, seja nos moldes da psicanálise pura ou aplicada, no consultório ou na instituição, sozinho ou entre vários. O ofício do analista comporta uma ação que dispensa a prescrição, deslocando a questão dos *standards*, do *setting* ou dos dispositivos de atenção. Como Miller (2008) aponta, não há dependência do terreno nem da natureza da clientela, mas da experiência na qual ele se engajou para que possamos conceber a psicanálise como instalação portátil e o analista como objeto nômade, o que nos permitiria assim localizar sua *praxis* no século XXI.

## **2.2. Parceria analítica e *novos sintomas***

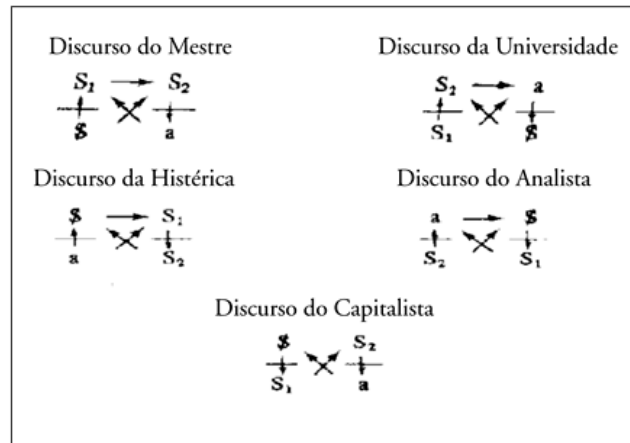
As perturbações contemporâneas nas cidades trazem a expressão da apresentação dos sintomas no laço social específico desta época. De acordo com Brousse (2009), testemunhamos na clínica o surgimento de uma série de manifestações sintomáticas que se caracterizam pela desregulação dos corpos nos valores e hábitos que organizam a realidade (alimentares, sexuais, de sono, de horários, de organização da rotina diária). A marca distintiva dos novos sintomas é o

fato de que o modo de usufruir do corpo revela o excesso pulsional disjuncto do discurso coletivo. Desde as toxicomanias até os distúrbios alimentares, passando pelas mais variadas compulsões, os *novos sintomas* não constituem formações do inconsciente estruturadas simbolicamente, e, por isso, não se prestam diretamente à interpretação, não portam um desejo cifrado como enigma. São soluções para as exigências pulsionais que prescindem do mecanismo do recalque. São capazes de produzir uma satisfação direta com o objeto, sem extrair dela a pequena cota de gozo insatisfeito que seria devida às exigências da castração. São a prova de que o significante do Nome-do-Pai não é mais sintoma coletivo. Os novos sintomas denunciam que os ideais coletivos que dependem deste significante, e que outrora organizavam o laço social, foram rebaixados graças à radicalização das ideologias individualistas que absolutizaram o direito ao gozo autoerótico.

O discurso do inconsciente que regulava o fluxo pulsional articulado à cadeia significante foi substituído por um novo discurso que incidiu diretamente na regulação dos gozos. Lacan (1972/2003; 1973/2003) o nomeou como discurso capitalista. Este subverte o discurso do mestre, pois o lugar de agente passa a ser ocupado pelo sujeito do consumo, deslocando o significante mestre para um lugar oculto, escondido sob a barra. Se no discurso do mestre, o significante mestre ( $S_1$ ) ocupa o lugar de agente e localiza o sujeito na relação com o Outro, no discurso capitalista, sem o  $S_1$ , desaparece o peso dos referenciais simbólicos. Os objetos, entendidos nesta variação discursiva como *gadgets* – objetos de consumo – figuram com parceiros do sujeito. Este último é responsável, ao mesmo tempo, pela produção e pelo consumo destes objetos: drogas, sexo, bebidas, comidas, remédios, suplementos, dívidas, engenhocas eletrônicas, dentre tantos outros. Atrelado ao progresso da ciência, e principalmente ao usos dos discursos que decorrem da

ciência, o discurso capitalista tem consequências sobre as práticas psiquiátricas, psicológicas e psicanalíticas, porque os sintomas que se produzem são de um novo tipo.

**Figura 1**



*Lacan, 1969-70/1992; 1973/2003*

A exacerbação do individualismo desvincula o gozo dos rituais coletivos e conduz a um aumento de sua fruição autista. Apoiado no saber biomédico baseado em evidências estatísticas, observamos a emergência de um saber homogeneizado que pretende substituir o modo tradicional de regulação da vida. Este perdeu espaço para manuais de regras de bem viver cientificamente elaborados e com efeitos estatisticamente comprovados. A sociedade de consumo engendra o sujeito adicto, viciado, submetido ao imperativo de usar seu corpo para gozar cada vez mais, e ao mesmo tempo ela estimula o crescimento da rede de saúde que recolhe os efeitos desta redução do sujeito a um objeto que goza e que não quer saber de mais nada.

Os impactos dessa nova configuração são sentidos na ordem jurídica e na administração pública, que, como resposta, “se colocam a produzir compulsivamente normas diversas para regular a desordem que a interpela, produzindo, ao mesmo tempo, uma sociedade cada vez mais submetida ao controle normativo”. (Barros-Brisset et al, 2012:13). A radicalização das ideologias individualistas que

contribuíram para absolutizar o direito ao gozo, empobrecem as obrigações que sedimentam os laços sociais. Se o homem contemporâneo se apresenta desbussolado, que mudanças de paradigmas lógicos determinaram as novas manifestações sintomáticas na parceria do analista com o aquele que sofre? Qual o lugar do analista diante desse quadro delicado que vivemos hoje?

### **2.3. A lógica das parcerias analíticas**

No início de seu ensino, Lacan promoveu uma releitura do inconsciente aos moldes de estrutura de linguagem, quando retomou a obra de Freud à luz da linguística estrutural e estabeleceu o funcionamento das formações do inconsciente regido pelas operações significantes de metáfora e metonímia. A castração e seu correlato, o Nome-do-Pai, foi destacada como o operador lógico estrutural de sua primeira teoria da clínica, imprimindo consequências ao desenvolvimento freudiano no que diz respeito as relações da sexualidade com a constituição psíquica. É a partir destes elementos que se organizou o diagnóstico estrutural e a dinâmica da transferência, permitindo ao analista o uso da interpretação como instrumento através do qual intervém nas tramas significantes do analisando. Na década de 1960, Lacan introduziu o objeto *a* como correlato corporal do campo da linguagem, formalizando os quatro discursos, em que articulou o significante com o objeto pulsional em jogo na fantasia, e constituiu assim uma teoria para o laço social. Lacan vai privilegiar o ato do analista como intervenção que incide sobre as modalidades de gozo que se condensam na fantasia. Apesar de Maleval (2000) afirmar que a inconsistência do Outro está presente em Lacan desde a introdução do matema  $S(\bar{A})$  no grafo do desejo, a lógica clássica permitiu, em certa medida, um suporte ao ensino lacaniano na clínica do significante ao abarcar a lógica de funcionamento significante, e na clínica do fantasma ao sustentar o gozo articulado aos discursos.

Entretanto, ao passar à sua última teoria da clínica, a clínica do real, ele será obrigado definitivamente a servir-se de uma lógica que fosse capaz de acolher o movimento da civilização que avançava. Coelho dos Santos (2002a; 2002b; 2006) destaca que Jacques Lacan efetuou uma ruptura intracientífica, no início da década de setenta, ao transpor para o seio da própria teoria psicanalítica os rumos da civilização, operando uma passagem da lógica fálica à lógica do *não-todo*. D'Ottaviano e Feitosa (2003) e Checchia (2004) afirmam que as bases da lógica clássica podem ser encontradas em Aristóteles, mas é da lógica moderna, cujo representante primeiro foi Gottlob Frege, que extraímos os princípios essenciais do funcionamento psíquico na atualidade e para a técnica da psicanálise. Acompanhemos um pequeno percurso dessa mudança lógica que possa incluir a singularidade, pois como “a singularidade é uma categoria lógica, mas está também nos limites da lógica.” (Miller, 2008-09/2011:88).

Para Frege, a matemática deveria ser pensada pela via da lógica e explicada a partir de axiomas, de proposições. Georg Cantor utilizou dessa premissa para constituir as bases da *Teoria Geral dos Conjuntos*, fundamental para a definição das classes psicopatológicas organizadas a partir do significante fálico e da incidência do Nome-do-Pai, em que as particularidades definem as categorias clínicas e seus modos de funcionamento. Mas a ideia de conjunto por via dos axiomas ocasionou o aparecimento de inúmeros paradoxos, dos quais Bertrand Russell ocupou-se, vindo a elaborar a *Teoria das descrições definidas*. Esta consistia em reconceber que uma proposição dita definida (ex.: “*Platão, o maior discípulo de Sócrates*”) representaria ao mesmo tempo uma proposição singular e uma proposição categórica, aglutinação denominada por ele de *nomes lógicos próprios*. Mas, a teoria de Russell gerava um problema de ordem autorreferencial, ou seja, os axiomas expunham uma

contradição interna, sem que por isto representassem falha do ponto de vista lógico. Um exemplo de paradoxo autorreferencial pode ser observado ao escrever numa folha de papel de um lado: “*A sentença do outro lado do papel é falsa*”; e do outro lado da folha: “*A sentença do outro lado é verdadeira*”. A contradição presente neste paradoxo expõe uma indecidibilidade.

Kürt Gödel propôs o *Teorema de Incompletude* em que, ao contrário de centrar-se na solução do problema dos paradoxos visando consistências lógicas, reafirmou que na emergência dos *nomes lógicos próprios* de Russell somos levados a incorporar a inconsistência como um princípio inato da lógica moderna. O *Princípio de Tolerância em Matemática*, desenvolvido pelo brasileiro Newton da Costa, demonstra essa nova concepção, em que, do ponto de vista sintático e semântico, toda teoria seria aceitável a partir da lógica, se não fosse trivial, ou seja, se comportasse um sistema lógico capaz de responder às questões para as quais foi criado: uma lógica interna capaz legitimar um funcionamento singular.

Para a formalização da clínica do real, no último momento do seu ensino, Lacan extraiu suas bases da lógica do *não-todo*, ou seja, de uma lógica que comporta o Outro inconsistente –  $S(\mathcal{A})$  e permite a constituição de uma lógica singular imanente a cada *fallasser*. Como afirmou Maleval (2013) em recente entrevista, existem tantas variações da organização psíquica quanto o número de pessoas existentes no mundo. Esta nova noção de lógica permitiu Lacan sustentar a tese do *sinthoma* como lei singular que não cessa de inscrever-se diante do impossível da relação sexual: projetos sempre marcados pelo ineditismo.

Desenvolveremos nos próximos capítulos as parcerias analíticas de acordo com a lógica de seu funcionamento em cada concepção clínica do ensino de Lacan.



Esta base metodológica será nosso guia de investigação, elucidando o lugar do analista, sua intervenção e a concepção de parceria ao longo do desenvolvimento de sua transmissão.

### 3. Antecedentes: o parceiro-imago na teoria do imaginário

Médico de formação, Lacan se ocupou inicialmente de textos sobre a clínica psiquiátrica. Entretanto, o trabalho que marcou seu encontro com a psicanálise foi a tese de doutoramento, *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade* (Lacan, 1932/2011), na qual analisou o chamado *Caso Aimée* – um caso de paranoia de uma funcionária dos correios que ficou famoso na França pelo ataque com navalha proferido contra uma atriz de renome nacional. Internada no *Hospital Saint-Anne*, foi entregue aos cuidados de Lacan, um jovem psiquiatra com quem a paciente estabeleceu grande transferência. Contijo Salum (2009) cita o seminário *Peças avulsas* (Miller, 2005), de Miller, demonstrando que o crime cometido por *Aimée* foi proveniente da intensificação do registro imaginário. A paciente golpeia a célebre artista tomada pelo empuxo de atingir a si mesma num duplo imaginário/especular, fruto de delírios erotomaníacos.

A teoria do imaginário e do especular será fundamental na constituição de uma base que servirá para que Lacan avance seu pensamento na proposição das outras duas instâncias da tríade que marcou a organização de sua obra: real, simbólico e imaginário. Miller (1997a/2000) demonstra que o primeiro parceiro delineado por Jacques Lacan, influenciado pela teoria freudiana do narcisismo, foi o parceiro-imagem, equivalente ao parceiro narcísico de Freud e à sua concepção sobre a condição de desamparo humano. Os primeiros textos de Lacan compreendem uma fase pré-simbólica, em que o registro do imaginário ocupa lugar central. O simbólico ocupará a seguir grande parte de sua obra e o registro do real ocupará as discussões ao final de seu ensino em equivalência com os outros dois.

A temática da função da imagem na formação do psiquismo foi o tema central dos trabalhos iniciais de Lacan. Um período marcado pelo movimento de crítica à psicologia associacionista e à filosofia existencial, que questionava a validade dos modelos organo-dinamicistas e mecanicistas para explicação dos problemas psíquicos, e das concepções do behaviorismo acerca do comportamento agressivo. (Cabral, 2009). Segundo Miller (1999/2000), a primeira abordagem do gozo feita por Lacan seguiu a via do imaginário, um paradigma que antecedeu a proposição de Lacan acerca da função do simbólico na organização da subjetividade como uma dimensão distinta na experiência analítica dentre as visões preponderantes da época.

A ênfase deste momento recaía sobre a comunicação intersubjetiva do ser humano e o jogo dialético com o semelhante. Tal como podemos observar no texto *Intervenção sobre a transferência* (1951/1998), em que Lacan formaliza a psicanálise como uma experiência dialética intersubjetiva. Essa primeira formalização acerca da transferência no tratamento analítico será reformulada *a posteriori*, com a introdução do conceito de Outro maiúsculo, constituído pela função da fala no campo da linguagem, e instaurando uma posição dissimétrica entre o analista e o analisando. Essa dissimetria permitirá, na clínica do simbólico, localizar o analista na suposição de saber sobre o inconsciente do analisando, inaugurando a via das parcerias analíticas.

A primeira formulação lacaniana do gozo também foi proveniente de um estatuto imaginário, ou seja, não advindo do campo da linguagem e da divisão subjetiva, mas sim concernente ao *eu (moi)* como instância detentora da libido. São as relações narcísicas com os semelhantes que constituíram matéria deste momento do ensino de Lacan. A fórmula *a-a'*, eixo posteriormente descrito como eixo

imaginário, marca o circuito pulsional do *eu* e do semelhante. (Miller, 1999/2000). É por esta razão que a observação do comportamento humano nas relações familiares ocupou boa parte dos textos neste período. Em 1909, Sigmund Freud tinha publicado o texto *Romances Familiares* (Freud, 1909[1908]/1996), cuja temática repousava sobre a influência das relações parentais na constituição da subjetividade humana. Trinta anos depois, Lacan publicou, na *Enciclopédia Francesa*, o ensaio *Os complexos familiares da formação do indivíduo* (1938/2003) analisando os complexos psíquicos decorrentes do drama familiar.

Neste texto, conceituou a família como um grupo natural de indivíduos unidos por uma dupla relação biológica: relação geracional e condições do meio. A primeira forneceria os componentes do grupo familiar, e a segunda diria respeito à manutenção da família. As capacidades de comunicação e regulação das atividades libidinais, funções que ocorrem primariamente no seio da família, influenciam de forma radical a vida psíquica e a realidade social, sendo assim essenciais para a constituição da cultura. (Lacan, 1938/2003). Para Freud, seria no seio da família que os valores morais seriam instaurados com efeitos na realização pulsional, que exigiria desvios e transformações em seu estatuto para possibilitar instauração da cultura e da vida em sociedade. (Freud, 1909[1908]/1996).

Miller (1988/1997) opôs o termo *cultura* ao termo *natura*, localizando a espécie humana como “desnaturada”, o humano como um ser afetivo, e, portanto, político. A linguagem opera assim uma passagem, uma substituição do termo *natura* pelo termo *cultura*, metaforizando o mundo sensível. A família seria então uma metáfora da biologia e inauguraria uma espécie de segundo nascimento, nascimento cultural, oriundo da transmissão dos valores civilizatórios. No mundo animal não há restrições quanto ao impulso instintivo sexual entre parentes, tal como nos estágios

mais primitivos da humanidade. A instauração da proibição do incesto, que fundou na cultura o recalque (*verdrängung*), operou na vida psíquica um corte das relações primitivas e incestuosas com a mãe para uma interdição no âmbito da pulsão sexual, impedindo a circulação livre dos desejos inconscientes. Abriu-se uma via diante deste interditado rumo a outras formas de satisfação nos rastros do drama edípico.

Miller aponta que a sagrada família cristã – através dos dogmas e preceitos morais religiosos – comporta a função de organizar o funcionamento social. Mas, destaca que existe um segredo, a verdade acerca do gozo e da natureza dos laços entre o pai e mãe, que permanece oculta. Este segredo tem origem no pecado, logo encarnado na família e fundado na língua materna. Comporta, assim, os mais variáveis dialetos presentes em cada singular apreensão do encontro com aquele que cuida da criança, portador de um desejo particularizado. (Miller, 1993b/2007).

Desde o início do texto sobre os complexos familiares, Lacan afirmava que a garantia da manutenção dos membros de uma família depende da ação dos adultos nos cuidados do *infans*. (Lacan, 1938/2003). Uma referência ao estado de desamparo estrutural no nascimento prematuro do ser humano, que foi descrito por Freud no *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/1996), em que os excessos de estímulos produziam uma urgência, uma necessidade de redução da tensão responsável por alterações no organismo, tais como a expressão das emoções, os gritos e inervação vascular, estas são incapazes de aliviar de fato a tensão. Faz-se necessário a interferência de um agente externo que execute uma ação específica capaz de restabelecer um equilíbrio ao organismo. (Freud, 1950[1895]/1996).

Para que o *infans* sobreviva, portanto, é preciso supor uma parceria, um sujeito que se ocupará dos cuidados do desamparado bebê humano. O recém-nascido não estabelece parcerias, visto que ainda não é sujeito marcado pela divisão e sua conseqüente instauração do desejo, mas é por ocupar a condição de objeto de um interesse particularizado que sua vida é garantida: uma resposta primeira na vias das parcerias diante do estado real do trauma do nascimento.

Quando Freud afirmou que “a condição de desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (Freud, 1950[1895]/1996:370), o que fica exposto é que esta parceria às avessas, da mãe e seu falo imaginário (a criança), garante não apenas a sobrevivência, mas introduz o *infans* no processo de ascensão à metaforização e ao enganche no campo da linguagem. É na sobre da experiência primária de satisfação que as duas vertentes primordiais no desenvolvimento humano têm sua origem: as marcas mnêmicas, fontes primárias do simbólico, e um “componente não assimilável (a *Coisa*)” (Freud, 1950[1895]/1996:370): fonte de prazer marcada pelo desencontro, pelo vazio, pelo furo.

Seguindo estas coordenadas, o *infans* fará longa e infindável jornada de reencontro com este objeto e sua primeira estação será o seio materno, ao redor do qual Lacan descreverá o primeiro de uma série de complexos familiares relatados em 1936: o complexo do desmame. Este complexo representa “a forma primordial da imago materna”. (Lacan, 1938/2003:36). Imagem esta marcada pela cultura, se apreendermos que as alterações no vínculo entre a mãe e o lactante ocorrem não pelo fim biológico da necessidade da alimentação, mas sim por fatores sociais. A interrupção da lactação marca um corte da relação biológica e por mais que o *infans* não tenha clareza dos limites entre ele e o outro nos primeiros meses de vida, ou

ainda capacidade de elaborar mentalmente o ocorrido, ele é capaz de perceber o afeto imbuído na amamentação e recusa largar o seio. (Lacan, 1938/2003).

Desta recusa temos, com efeito, a ascensão da imago materna como parceiro, um parceiro de ordem imaginária. O seio materno comporta assim o estatuto de objeto parcial, primeiro da série no rastro de *das Ding*, como Freud desenvolveu no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1996). O conceito de autoerotismo foi apresentado por ele para nomear a passagem da necessidade da amamentação ao ato de sugar o próprio dedo (ou outros objetos). A finalidade deste ato não está ligada às pulsões de autoconservação, mas visa a satisfazer uma zona erógena específica que ainda permanece pulsante. O complexo de desmame trabalhado no texto *Os complexos familiares da formação do indivíduo* (Lacan, 1938/2003), como destacou Miller (1984/2005), tem fundamental importância na teorização da constituição do eu ao longo da obra lacaniana, visto que representa um segundo traumatismo real.

O segundo complexo trabalhado por Lacan no texto *Os complexos familiares da formação do indivíduo* (Lacan, 1938/2003) foi o complexo de intrusão, referindo-se à convivência com os irmãos. O *infans* vivencia a sensação de perda de espaço junto à imago materna e o ciúme marca o afeto neste período (desde os seis meses de vida a criança já é capaz de perceber rivais). O semelhante configura-se como ponto de identificação imaginária, permeada dos mais ávidos sentimentos de agressividade, na vertente masoquista ou heteroagressiva. (Lacan, 1938/2003). A questão da agressividade mais tarde será articulada por Lacan ao advento do narcisismo, como veremos adiante. (Lacan, 1949/1998). Na série dos parceiros-imagem a imago materna desdobra-se num duplo imaginário, que têm dois destinos:

a criança aferra-se à rivalidade e regride à imago materna, e/ou fazer deste rival um objeto comunicável. (Lacan, 1938/2003).

No diálogo com Sigmund Freud encontramos o tema do duplo imaginário no texto *O estranho* (1919/1996). Motivado por um acontecimento que viveu em viagem de trem, em que um solavanco fez girar a porta do toalete, fazendo aparecer um espelho e nele Freud avistou a si mesmo sem reconhecer-se, imaginando ser outra pessoa. A imagem que chegou a Freud, uma autoimagem, causou-lhe antipatia. O estranhamento com a própria imagem é oriundo do processo de identificação imaginária que ao mesmo tempo produz um reconhecimento e um estranhamento intrínseco à sua formação, tal como Lacan vai desenvolver no texto sobre o estágio do espelho, em 1949, que será trabalhado mais adiante. Miller (1984/2005) aponta que Lacan não cita de forma explícita, no curso do desenvolvimento do texto sobre os complexos familiares, as questões relativas à fase anal, entretanto percebemos que as problemáticas relativas à retenção e à rivalidade com o semelhante aqui são bem descritas, independente da presença de um irmão, visto que são observáveis nas relações que a criança estabelece com o mundo.

O terceiro complexo trabalhado por Lacan no texto *Os complexos familiares da formação do indivíduo* (1938/2003), relaciona-se à fase fálica descrita por Freud no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996). Já neste texto, aponta que o Édipo, de forma retroativa, produz sentido às escansões anteriores. O complexo de Édipo, ponto central da construção freudiana, é tomado aqui, mais uma vez, pela via do imaginário na triangulação, criança – mãe – pai. A imago materna seria responsável pela presentificação da imago paterna, fazendo operar a castração, que aqui é tratada como uma fantasia. A figura paterna na série dos parceiros adquire estatuto de imago paterna, figura idealizada e fonte de



identificação. O pai representa uma saída sublimatória ao complexo de Édipo, que impede o acesso à imago materna, caminho que exige sublimação do desejo. (Lacan, 1938/2003). Miller (1984/2005) analisa este artigo e aponta como ponto central a diferenciação entre instinto e complexo, contribuindo para a primeira tentativa de construção do processo de simbolização (saber) acerca das experiências corporais e sua inscrição no psiquismo (objetivação da realidade e rememoração). A castração configura assim um terceiro traumatismo real, que incidirá de forma determinante nas parcerias futuras.

Outros dois termos que aparecem no texto, fixação e repetição, já demonstram um Lacan que caminha para a organização de seu pensamento a partir das estruturas, mesmo que neste momento lhe faltem as concepções linguísticas e da antropologia estruturalista. Miller (1984/2005) demonstra que, se em 1938 Jacques Lacan estava para aquém do significante, ou seja, em momento pré-estruturalista, a segunda metade de seu ensino pode ser considerada pós-estruturalista, ou seja, para além do significante, rumo ao gozo singular. Vários pontos deste texto serão retomados e modificados mais adiante, especialmente no que tange ao complexo de Édipo a partir da prevalência do simbólico. Mas neste momento apresenta-se em Lacan pela primeira vez o parceiro-imagem. Na série que parte de *das Ding*, passa pela imago materna, pela imago do semelhante e alcança a imago paterna. Os parceiros-imago são os primeiros elementos com os quais o homem estabelece sua relação com o mundo de forma especular, base da constituição da subjetividade.

Lacan, num texto de 1936, reestruturado e publicado em 1949, utiliza a metáfora do espelho – texto denominado *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como é revelado na experiência psicanalítica* – no desenvolvimento

desta constituição. Lacan busca as bases deste trabalho na experiência de Henry Wallon, que, em 1931, descreveu como a criança vai aos poucos diferenciando seu corpo da imagem que observa no espelho, a partir da compreensão simbólica de seu espaço imaginário, constituindo sua unidade corporal. Através da “prova do espelho”, ou seja, da experiência de a criança reconhecer-se na imagem do espelho (entre os seis e os dezoito meses de vida) é que Lacan assinala a passagem do especular para o imaginário, como do imaginário para o simbólico. O homem avança o estado prematuro de seu nascimento, em que a falta de coordenação motora representa imaturidade biológica. “É a aventura através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo”. (Lacan, 1953-54/1986:96). Formula assim “o estádio do espelho como uma identificação... a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”. (Lacan, 1949/1998:97). Ao ver sua imagem refletida no espelho, a criança percebe uma completude que lhe é estranha, uma vez que sua vivência corporal é a de um despedaçamento. Este é o momento de constituição de um eu-imaginário, um referencial. Esta operação causa na criança uma sensação de desconforto, pois a lança num universo relacional na dimensão com o Outro e com o mundo exterior.

O campo da linguagem e da fala vai, a partir daí, diferenciar o homem do animal e constituir a concepção do eu nas relações com o Outro. O registro do imaginário, mediado pelo simbólico, conduz à formação do *eu-ideal* –  $i(a)$  e do *Ideal-do-eu* –  $I(A)$ . O primeiro corresponde à imagem real no espelho e permite ao sujeito organizar sua realidade. O segundo conduz à identificação ao semelhante, o outro, e dá ao sujeito condições de situar, de modo mais preciso, sua relação imaginária e libidinal com o mundo externo. No espelho, no júbilo, está marcada a relação do

homem com sua alteridade. Esta dimensão se localiza, portanto, no reconhecimento do Outro, cujo espelho é sua melhor metáfora. “O estádio do espelho deve ser compreendido como o processo de formação do *eu* através da identificação do sujeito *infans* com a própria ‘imagem especular’, com a Gestalt visual de seu corpo”. (Cirino, 2001:103).

A experiência de Wallon nos faz retomar a precariedade do humano ao nascer. Poucos são os mamíferos que nascem tão imaturos biologicamente como o homem. Seu estado inicial é de total desamparo, fragilizado e, principalmente, inacabado, vindo a formar seu *eu* no mundo externo, na sua relação com a coletividade. Ao nascer o bebê não tem uma unidade corporal, não consegue ainda perceber o corpo, não tem domínio da realidade espaço-temporal. Nos primeiros anos de vida o corpo do *infans* é fragmentado, muito vinculado ainda ao corpo materno. “A criança realiza, por identificação, a assunção da unidade de seu corpo, até então indiferenciado em relação ao corpo da mãe, ao mundo exterior e vivido como fragmentado”. (Fernandez, 2000:96).

A constituição do corpo aqui exige um ato de nomeação, que, como vimos antes, marca o sujeito desde o seu nascimento. É nos olhares dos que cercam o bebê, do toque, do endereçamento, que a criança vai aos poucos se libertando da unidade corporal com a mãe e começa a perceber um corpo próprio, aqui ainda frágil. Ao olhar-se no espelho, “no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo ela já estava”. (Lacan, 1959-60/1998:685). O estádio do espelho, que num primeiro momento de Lacan localizava-se no campo imaginário, como puro reconhecimento do corpo pela identificação imaginária com os semelhantes e pela

diferenciação dos corpos, tomará, a partir de 1953, o simbólico como referência, pois o estágio do espelho não opera sem o olhar do Outro, ou seja, sem o assentimento à descoberta. Neste período inicial, Lacan qualificava de imaginário tudo o que da libido escapa de apreensão pela ordem simbólica, notando estes elementos imaginários como susceptíveis de uma representação simbólica que viria a seguir, operando uma transposição do imaginário ao simbólico.

Lacan fará uma releitura do *estádio do espelho* salientando, na dinâmica imaginária de constituição do eu, o lugar do Outro simbólico. Utiliza o jogo de espelhos da experiência do buquê invertido de H. Bouasse pela primeira vez no seminário de número um, *Os escritos técnicos de Freud* (1953-54/1985), para destacar a função do observador, o que ele chamará de Outro Primordial (aquele que no estágio do espelho atrela juízo de existência ao *infans* no momento do júbilo). Portanto, é o olhar do Outro que introduz consciência ao eu. No seminário de número dez, *A angústia* (1962-63/2005), Lacan retoma o esquema óptico mais uma vez para destacar o lugar do vazio, representante da falta, da castração, representado pelo símbolo- $\phi$ .

O interesse neste percurso desde o *estádio do espelho* fez-se necessário para introduzirmos a dimensão do simbólico como estruturante do inconsciente. Base da teorização lacaniana acerca do inconsciente estruturado como uma linguagem. Este segundo momento traz exatamente o falo na dimensão simbólica, representado pelo símbolo  $\Phi$ , como veremos a seguir na série dos parceiros, e seu correlato no campo do gozo, o objeto *a*, representante do vazio.

#### 4. As parcerias analíticas na lógica do inconsciente transferencial

A tópica do imaginário preparou as bases para que Lacan retomasse a via freudiana do valor da função da fala do paciente. Nesta feita, Lacan tomará o campo da linguagem como base de seu retorno a Freud. Desta forma, o registro do simbólico ocupará lugar de primazia durante duas décadas. Por mais que encontremos pequenas rupturas neste período, sobretudo quanto à doutrina do gozo, em especial no seminário sobre a ética e no seminário sobre a agústia, e seu posterior, permanece a lógica do significante, a lógica fálica, como eixo de orientação de Lacan. Miller (2006-07/2010) nomeia este período como *inconsciente transferencial*, endereçado ao Outro e marcado pelo Nome-do-Pai.

Este capítulo será dividido em dois tópicos. No primeiro, na clínica do significante, trabalharemos *o analista como parceiro-símbolo*. Desenvolveremos as bases freudianas sobre a sexuação e a retomada posterior de Lacan. Discutiremos o lugar do analista como o lugar do *Sujeito suposto Saber* na transferência e a sua intervenção pela via da *interpretação*. A seguir, ainda neste tópico, discutiremos a primeira formalização do gozo em Lacan para além da imagem e do significante, como base para introduzir o próximo tópico: a passagem de *das Ding* ao objeto *a*. No segundo tópico discutiremos o analista como parceiro-objeto *a* na clínica do fantasma, bem como a interpretação tomada como ato no discurso do analista.

##### 4.1. O analista parceiro-símbolo na clínica do significante

O segundo parceiro apresentado por Miller (1997a/2000) na série lacaniana foi o parceiro-símbolo, uma transposição do *parceiro-imagem*. Este período é compreendido entre os seminários de número um ao nove, bem como pelos escritos desta mesma época. Lacan realizará um retorno aos principais conceitos freudianos.

Esse momento é centrado na lógica significante e demonstra uma clínica eminentemente estrutural. Essa característica é marcada pelo encontro de Lacan com a linguística de Ferdinand Saussure e Roman Jakobson e com a antropologia de Claude Lévi-Strauss. Antes de caminharmos, faremos um breve retorno as bases da sexuação em Sigmund Freud, com suas consequências na concepção de parceria, para assentar as primeiras proposições de Lacan acerca da parceria analítica.

#### **4.1.1. Freud, os mitos e a primazia do falo**

Para Sigmund Freud, a sexualidade é causa sexual das psiconeuroses, ela orienta a identificação sexuada e o objeto do desejo. Ambos dependem da distribuição da libido presente nas relações narcísicas com o semelhante, do complexo de castração e do complexo de Édipo. Sem o processo de recalçamento desta sexualidade narcísica não existe nem masculino, nem feminino, nem desejo inconsciente, nem parceria com o Outro. O fato de termos duas posições diferentes quanto ao complexo de Édipo, uma forma masculina e uma forma feminina, evidencia que não existe verdade universal, natural ou instintiva do ser humano sobre a diferença sexual, fato que incide sobre os laços demarcando a dimensão da singularidade na constituição da posição sexuada. (Coelho dos Santos, 2009b).

Em *Algumas consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos* (1925/1996), Freud expõe que só existe um órgão genital para ambos os sexos – o masculino – marcando como primazia não os genitais, mas sim o falo. Essa primazia alcança sua potencia máxima ao passar da crença universal de que todos possuem o pênis à falta que a diferença anatômica entre os sexos faz emergir. Os homens possuem, mas podem perder, visto que a mulher não possui. O falo

metaforiza os genitais e pode ser entendido em duas dimensões: o falo imaginário, representado pelo matema  $\varphi$ , e o falo simbólico, representado pelo matema  $\Phi$ .

O falo imaginário representa a completude, um estado ideal de representação do sujeito. Nesta perspectiva, tanto a mãe como o bebê ocupam esta posição imaginária de completude: a mãe sentindo possuir de fato o falo aqui representado pelo seu bebê, que assume o lugar a ele dado. Já o falo simbólico representa exatamente a impossibilidade e aponta para a castração, para a possibilidade da perda. O falo imaginário circunda toda relação dual e maciça entre mãe-bebê. Este binário será substituído posteriormente por um ternário, com a entrada do pai assumindo o lugar de detentor do falo e a função de operar um corte, uma cisão na relação onipotente entre a criança e a mãe.

Com a entrada em função do falo, passamos de um ternário a um quaternário. O pai que é, também suposto, o portador do falo, em sua magnitude, entrará nesta relação especular mãe-bebê, conflituosa por natureza, privando a mãe de seu objeto de desejo. O pai, com seu suposto falo, priva a mãe de algo que ela já não tem, ou seja, faz emergi-lo como significante no lugar onde preexiste a falta. Em Freud, o falo já representava o significante de uma falta, aquela do Pai morto e se configurava como ponto central nas dinâmicas familiares e sociais. O complexo de Édipo promoveria a metaforização da castração.

A primeira menção ao Édipo encontra-se no *Rascunho N*, porém a primeira aparição literal surge na *Carta 71* (Freud, 1897/1996) que Freud envia a Fliess, em que cita o mito de Sófocles e o texto de Shakespeare. O termo *Complexo de Édipo* só aparece no texto *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem* (1910b/1996), em que Freud toma o termo complexo de Jung: um conjunto de ideias

carregadas de afeto que conduziam o fluxo associativo. Na *Carta 71* (1897/1996), Freud utiliza a interpretação dos próprios sonhos para discorrer sobre o desejo incestuoso pela mãe, bem como lança mão de apontamentos sobre a posição de Hamlet no drama de Sófocles. Hamlet teria hesitado em matar Cláudio por ter ficado atormentado pela ideia do assassinato do próprio pai ter passado em sua mente, e, assim, Freud relaciona a consciência moral de Hamlet ao sentimento de culpa. Ele destaca também que o afastamento sexual em relação a Ofélia, como de futura paternidade, representa ecos desse sentimento de culpa. O mesmo serve para o fato de que Hamlet repetirá, nos demonstra Freud, o mesmo destino do pai. Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1996), Freud considera que: “Apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época e que é tão importante na determinação dos sintomas da neurose posterior.” (Freud, 1900/1996:287).

Nos primeiros desenvolvimentos de Freud acerca do complexo de Édipo não encontramos uma diferenciação clara de seu funcionamento específico em cada sexo. Mas, em dois textos iniciais, ele apresenta características fundamentais da sexuação para homens e mulheres, que passaram por fundamentação mais detalhada *a posteriori*, especialmente no que tange à sexualidade feminina.

No texto *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* (1910b/1996), Freud estabelece algumas características da forma de sexuação masculina, pré-condições que derivam da fixação dos sentimentos infantis pela mãe: escolha por mulheres compromissadas, em que um terceiro seria prejudicado; escolha por mulheres de má reputação, cuja integridade e fidelidade questionável (amor à prostituta e relacionado à experiência do ciúme); escolha por mulheres íntegras (enamoramento compulsivo: única mulher que se pode amar); ânsia em



cuidar e salvar a mulher amada dos riscos dela se perder sem a sua ajuda (perigo da exposição social). Na primeira condição a terceira pessoa envolvida é uma representantação do pai. Já a prostituta é uma forma oposta do amor a mãe, esta tida como de moral inatacável. Quanto à terceira condição, remete ao medo de não encontrar substituto para o amor, tal como outrora fora perdida a mãe. Na última condição, o sujeito sabe que a pureza da mãe não é assegurada, visto as relações desta com o pai, em condição que, para a criança, tratava-se de uma traição. (Freud, 1910b/1996).

A sexualidade feminina, ainda de forma prematura, é discutida por Freud no texto *O tabu da virgindade* (1918[1917]/1996). Freud ressalta a inveja do pênis como fator da rejeição narcísica por parte de algumas mulheres para com os homens: por trás dessa hostilidade encontra-se o *penisneid*. Também as escolhas de parceiros feita pelas mulheres estariam marcadas pela dimensão edípica. Esta primeira fase apresenta as concepções iniciais sobre a primazia do falo, que mais tarde será o ponto central da argumentação sobre o complexo de Édipo e sobre o complexo de castração. (Freud, 1918[1917]/1996).

No artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914/1996), Freud expõe as diferenças das escolhas objetais entre homens e mulheres. A escolha objetal anaclítica ou de ligação seria característica do sexo masculino, com a supervalorização sexual correspondendo à transferência do narcisismo original para o objeto sexual. Já a escolha objetal narcísica seria característica do sexo feminino, com a supervalorização da imagem narcísica e demanda de ser amada maior que o próprio ato de amar, fruto de uma retenção maior de libido no próprio eu. Essas condições de escolha diferentes para os sexos são fruto da diferença em relação ao

complexo de castração: “Nos meninos, a ansiedade em relação ao pênis; nas meninas, a inveja do pênis” (Freud, 1914/1996:99).

No texto *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921/1996), Freud discute a sexuação pela via da identificação. Ele distingue que a identificação pode apresentar variações a partir do Édipo. Na primeira variação, o pai é tomado como objeto direto de identificação, em dupla vertente, tanto do ser o pai (mais comum nos meninos), como em sua fórmula invertida, do ter o pai (mais comum as meninas). Outra forma de identificação consiste no traço do pai ser tomado como ponto de identificação (tosse de Dora). A terceira variação é a identificação lateral ao semelhante mediante fenômeno do contágio. Freud situa um paralelo simétrico no Édipo masculino e feminino, apontando que no caso da menina, a identificação que provém do complexo de Édipo, significa um desejo hostil de tomar o lugar da mãe, devido a seu amor objetal pelo pai. (Freud, 1921/1996).

No texto *O ego e o id* (1923a/1996), Freud introduz a questão da bissexualidade original da criança, em relação ao Complexo de Édipo. Um menino ou uma menina, aponta, possuem sentimentos duplos em relação aos dois entes, pai e mãe, fazendo com que a questão da identificação e da escolha objetal possa tomar direções diversas em cada caso. Ele destaca uma fórmula geral que desembocará na determinação do supereu e do Ideal-do-Eu. “O ideal do ego, portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo.” (Freud, 1923a/1996:48).

No texto *A organização genital infantil* (1923b/1996), Freud novamente retoma o conceito de falo colocando-o como primazia na relação com os genitais, tanto para meninos, quanto para meninas. Ao deparar-se com a visão dos órgãos genitais femininos a crença de que todos possuem pênis é afetada, sendo

necessário um trabalho de simbolização do furo. Freud lembra que os homens depreciam as mulheres e podem apresentar inclinações ao homossexualismo devido ao medo gerado pela castração feminina. A antítese na fase pré-genital dividia-se entre ativo e passivo, e será diante da fase fálica, retomada na puberdade, que o conhecimento acerca da castração se desenvolverá a partir das posições sexuais. “A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero”. (Freud, 1923b/1996:161).

Aos poucos a diferenciação da sexuação masculina e feminina em Freud vai ganhando consistência. No texto *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924/1996), Freud relata duas fantasias de satisfação em relação à ameaça da castração no Complexo de Édipo: ativa e passiva. Na primeira, a criança coloca-se no lugar do pai, posição masculina, e elege a mãe como objeto de seu desejo, buscando suprimir o pai. Na segunda posição, a criança assume o lugar da mãe, posição feminina, para ser amada pelo pai. Na posição ativa a castração é vista como punição resultante e na passiva a punição é pré-condição. Freud nos diz que num primeiro momento o clitóris figura como representante do pênis, mesmo que provoque sensação de injustiça pela desproporcionalidade. Mas a condição real que diferencia os sexos será evidente. “Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência”. (Freud, 1924/1996:198). Se os homens temerão um futuro, no caso das meninas “seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente — dar-lhe um

filho. Tem-se a impressão de que o complexo de Édipo é então gradativamente abandonado uma vez que esse desejo jamais se realiza.” (Freud, 1924/1996:198).

Em *Algumas considerações psíquicas da distinção entre os sexos* (1925/1996), Freud retoma estas posições apontando que a ausência do pênis, detectada pela menina quando da verificação da diferença sexual, ocasiona um sentimento de injustiça e inveja do pênis. Sente-se inferior e aceita a castração como fato consumado, partindo para a mudança do objeto de desejo da mãe para o pai, nutrindo pela mãe sentimento de revolta e insatisfação por esta não ter-lhe dado um falo. A menina passa a desejar o falo do pai, num primeiro momento, passando logo a seguir ao desejo de ser possuída e dele ter um filho. Se para o menino a castração do falo representa a saída do Édipo, para a menina representa sua entrada. Como a mulher não realiza a dissolução do Complexo de Édipo teremos como consequência, além do rebaixamento do supereu em relação aos homens, uma relação com o falo que passa pela ordem do amor. (Freud, 1925/1996).

No texto *Sexualidade Feminina* (1931/1996), Freud retoma a mãe como correspondente do primeiro objeto de amor para ambos os sexos. Neste texto ele aponta que a menina precisa fazer a troca do seu objeto original, a mãe, pelo pai. Através da análise, ficou perceptível que a ligação da mulher com o pai teve como antecedente uma fase de ligação à mãe e demonstra, assim, que a ênfase na etapa pré-edípica tem maior importância nas mulheres que nos homens. Para Freud a vida sexual feminina é dividida em duas fases, a primeira com um caráter masculino e diretamente ligada ao falo enquanto órgão, e a segunda, especificamente feminina, decorrente da averiguação de sua ausência. Dessa maneira, a passagem à feminilidade da menina, depende de um processo de transição de uma fase para a outra. Para as meninas, a mãe funciona tanto como figura de identificação quanto de

investimento libidinal. Devido a isso, a menina tem de fazer a dupla operação de se desvincular da mãe como objeto primordial, e, ao mesmo tempo, identificar-se com ela na posição de castrada. Freud apresenta as saídas para a mulher diante da castração. A primeira é a recusa da sexualidade: “A menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos.” (Freud, 1931/1996:237-238). A segunda saída seria pelo complexo de masculinidade: “Até uma idade inacreditavelmente tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, frequentemente persiste como fator formativo por longos períodos. “ (Freud, 1931/1996:238). A terceira saída seria a feminilidade: “Só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo.” (Freud, 1931/1996:238).

No texto *Feminilidade* (1933[1932]/1996), Freud aponta que o desejo que faz a menina se voltar para seu pai é o desejo de possuir o pênis que não foi oferecido pela mãe e que pretende conseguir de seu pai. Não conseguindo o tão sonhado pênis, caminha rumo ao desejo de ter um filho do pai, fato que também não é realizado. A menina adota uma atitude hostil para com a mãe, atribuindo a esta a responsabilidade pela falta de pênis ou pela falta da transmissão de um componente que permitiria o reconhecimento do feminino. (Freud, 1933[1932]/1996).

No texto *Análise Terminável e Interminável* (1937/1996), Freud indica duas consequências do complexo de castração (rochedo da castração, intransponível, osso da análise): na mulher, a inveja do pênis (*penisneid*); no homem, a luta contra

sua atitude passiva ou feminina frente a outro homem. O que ele vai localizar como consequências do repúdio à feminilidade. Como nos aponta Coelho dos Santos (2009), a superação da ignorância da vagina e da lógica ter ou não ter o pênis, permite o surgimento da significação do falo (correlato ao surgimento da elaboração conceitual) e faz emergir, também como conceito, a função do vazio. O rochedo da castração apresentado por Freud, será correlativo às neuroses preponderantes em cada sexo. A neurose obsessiva e a histeria seriam manobras defensivas decorrentes do fracasso da significação do vazio na puberdade, respostas aversivas à diferença sexual e se configurariam como estratégias defensivas.

Na histeria, o complexo de masculinidade e a recusa da vagina têm, ambos, como consequência a recusa do sexual e desvelam a insatisfação de não ter o falo, um furo lógico na estruturação da sexualidade feminina, que a dificulta a assumir sua posição sexuada. Descobrir a vagina e colocar em funcionamento a função do falo representam um caminho de saída do funcionamento histérico. Já a neurose obsessiva fica às voltas com a depreciação na esfera do amor, na divisão entre a puta e a santa. Este impossível do desejo coloca o obsessivo em posição de recusa a ocupar o lugar do detentor do falo, não encarnando o lugar que lhe é próprio na dinâmica entre os sexos. Uma saída possível para a neurose obsessiva passaria pela possibilidade de amenizar a rivalidade com outro homem, construindo, para além do imaginário da castração, uma invenção obtida na superação da suposição de saber a um outro.

Para Dafunchio (2009/2013), Freud conseguiu distinguir com precisão a diferença fundamental entre homens e mulheres no complexo de Édipo e de castração. Indica, contudo, que ele ficou preso, tal como aponta Lacan em diversos momentos, em certa equivalência entre a mãe e a mulher, fruto de sua posição

obsessiva. Apesar de nos últimos momentos de sua obra ele indicar o papel fundamental das relações primitivas da mãe com a menina na constituição da sexuação feminina, os limites da interpretação via lógica fálica deixaram evidentes seus impasses pessoais. O ponto de chegada de Freud marcará as questões que Lacan, ao longo de sua obra, tentará avançar. Se Freud apoiou-se nos mitos, Lacan partirá deles para alavancar a construção das parcerias humanas a partir da noção do inconsciente estruturado como uma linguagem. Será crucial a influência da leitura estruturalista, tanto antropológica como linguística, para desenvolvermos o falo simbólico como parceiro fundamental no primeiro momento da clínica lacaniana.

#### **4.1.2. Lacan, o estruturalismo e o falo elevado à categoria de significante**

O texto *O mito individual do neurótico* (Lacan, 1952/2008) pode ser considerado o antecedente de uma virada teórica na obra lacaniana que possibilitará a retomada do Édipo freudiano a partir da lógica significante. Como vimos, os primeiros textos de Lacan versavam prioritariamente acerca do imaginário, que nas suas últimas elaborações já revelava o clamor do símbolo. A marca deste novo momento será trabalhada adiante no pronunciamento conhecido como *Relatório de Roma*, de 1953. Entretanto, desde esta intervenção no Colégio Filosófico, destaca-se a influência da dimensão significante retirada do pensamento de Claude Lévi-Strauss no desenvolvimento da obra lacaniana. Segundo Roudinesco (1993/2008), os dois foram apresentados por Alexandre Koyré no mesmo ano em que Lévi-Strauss publicou o trabalho *Estruturas elementares do parentesco* (1949/1982). Esta autora encontra em carta de Jacques Lacan à Louis Althusser, datada do ano de 1964, um precioso trecho, que optamos em transcrever, em que ele relata ao amigo a importância deste encontro:

Se eu pudesse caracterizar o sentido em que fui sustentado e impelido pelo discurso de Claude Lévi-Strauss, diria que foi no acento que ele pôs – espero que ele não recuse a amplidão dessa fórmula à qual não pretendo reduzir sua investigação sociológica ou etnográfica – naquilo que chamarei de função do significante, no sentido que tem esse termo em linguística, na medida em que o significante, não direi apenas que se distingue por suas leis, mas que prevalece sobre o significado ao qual ele as impõe. (Lacan apud Roudinesco, 1993/2008:289).

É pela antropologia estruturalista que Lacan irá se deparar com os pressupostos presentes na linguística. Esta junção da antropologia com a linguística estruturalista solucionará as críticas oriundas da antropologia ao funcionamento primitivo das sociedades humanas, presente no mito forjado por Sigmund Freud em *Totem e tabu* (1913-14/1996). Interferência esta que contribuirá para a elucidação do Complexo de Édipo, base neste momento da teoria da clínica psicanalítica, ao transpor as noções mitológicas do assassinato do pai e do tabu do incesto como universais naturais para nomeá-los como universais simbólicos. (Roudinesco, 1993/2008).

A função do mito em psicanálise será tema de trabalho no texto de 1952, que tem como título alternativo *Poesia e verdade na neurose*. Para Lacan, o mito tem a função de formular uma discursividade capaz de transmitir uma ideia com valor de verdade. O complexo de Édipo é um mito cujo valor simbólico da presença do pai é fundamental para a compreensão da subjetividade humana. Já no meio do século XX podemos observar a percepção de Lacan acerca da degradação da figura paterna na sociedade, cuja queda influenciará a modalidade de parceria com o analista na dinâmica transferencial.

A clareza descritiva neste texto demarca que o analista ocupa um lugar simbólico que baliza para o analisando o acesso dos processos inconscientes ao



funcionamento da cultura, organizada pela função do pai. (Lacan, 1952/2008). A parceria estabelecida diante do caso do Homem dos Ratos, na análise feita por Lacan, demonstra que Freud ocupava uma posição ambígua. Ao mesmo tempo em que Freud representa um personagem protetor, também representa um personagem maléfico. O desencadeamento da neurose acontece no momento em que a escolha amorosa é colocada em cena, mesmo que para o paciente este fato não se relacionasse à angústia em questão.

Lacan aborda a questão da presença da mulher e suas consequências sobre o masculino, e a atualização da cena na parceria com o analista. De fato, Freud já tinha apontado sua função de substituição na transferência com o personagem do pai do paciente. É por este lugar que Freud interpreta os sentimentos hostis dirigidos ao analista. Porém, a causa do encontro com o feminino revela na transferência a angústia em jogo, e a cena analítica fez emergir a angústia de castração diante da mulher. (Lacan, 1952/2008).

Temos esboçado a partir deste texto lacaniano, mesmo que ainda nos faltem alguns desenvolvimentos, a teoria do parceiro-simbólo descrita por Miller (Miller, 1997a/2000). Do estabelecimento da transferência ao sujeito ao qual o Homem dos Ratos supunha um saber acerca de seu sofrimento psíquico, percebemos o deslizamento, no decorrer do tratamento, à assunção no campo transferencial do símbolo fálico como operador lógico. Este significante, o falo, testemunha a marca estrutural do ensino de Lacan, tal como vamos desenvolver a partir do trabalho proferido em congresso realizado no Instituto de Psicologia da Universidade de Roma.

Elisabeth Roudinesco disserta sobre o momento histórico deste trabalho de Jacques Lacan: *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953/1998). O ano de 1953 foi marcado pela cisão da Sociedade Psicanalítica de Paris, que culminou na saída de Daniel Lagache, Françoise Dolto, dentre outros, para fundarem a Sociedade Francesa de Psicanálise. Os motivos que levaram a este embate insolucionável não eram ligados a concepções teóricas diferentes, mas a questões relativas à formação do psicanalista, especialmente o autoritarismo que marcava a admissão de candidatos nas análises didáticas.

Entretanto, Lacan, que acompanhou este movimento, era cercado de outras críticas por parte dos pares de sua primeira sociedade, entre estas críticas estava o tempo de duração das suas sessões. As chamadas sessões curtas foram empreendidas por Lacan sem interrupções, mesmo que por algumas vezes ele admitisse publicamente, a fins de pacificação, o abandono da técnica. Em pouco tempo ele já tinha tornado-se uma referência na nova sociedade, especialmente a partir do *Relatório de Roma*. (Roudinesco, 1993/2008).

Ao contrário de trabalhos anteriores, o texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953/1998) não era oriundo da preparação de conferências, mas constituía-se num elaborado texto redigido em estilo barroco. A tese central deste trabalho é o estabelecimento formal do inconsciente estruturado enquanto uma linguagem, uma retomada do inconsciente freudiano à luz do estruturalismo.

Lacan propõe renovar a disciplina psicanalítica retomando Freud pelas relações do inconsciente com o campo da linguagem, dando fundamental importância à função da fala: “A psicanálise só tem um meio: a fala do paciente”.

(Lacan, 1953/1998:248). Ele diferencia a fala vazia da fala plena. A fala plena não é uma fala centrada no imaginário, mas sim uma fala que recolhe seus efeitos no endereçamento do enigma ao campo do Outro: “A palavra plena é palavra que faz ato” (Lacan, 1953-54/1986:129) e implica o analisante na busca de sua verdade inconsciente. É no terreno da fala plena que o analista pode operar pela via da interpretação após instaurada a transferência.

Para Lacan “a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito até que se consumam suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas.” (Lacan, 1953/1998:253). Lacan indicará que “a solução [dos impasses imaginários] deve ser buscada do outro lado, do lado do Outro, distinguido por um A maiúsculo, sob cujo nome designamos um lugar essencial à estrutura do simbólico”. (1957a/1998:455). Esse outro representa o lugar da lei, da estrutura, da linguagem civilizatória. O analista nesse primeiro momento do ensino de Lacan se encontra no lugar do Outro. “É somente do lugar do Outro que o analista pode receber a investidura da transferência que o habilita a desempenhar seu papel legítimo no inconsciente do sujeito.”(1957a/1998:456). A experiência psicanalítica, segundo Lacan, promoveu a constituição do homem a partir de sua imagem no encontro com a palavra do Outro. “Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica.” (Lacan, 1953/1998:323).

A organização do inconsciente a partir da ordem simbólica ficará mais clara no texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957b/1998). Neste, Lacan desenvolve a estrutura de linguagem do inconsciente a partir da inspiração dos linguistas estruturalistas. A função da fala encontra seus efeitos no campo da linguagem. Para Lacan, o inconsciente é formado na trama linguística que

a cultura engendrou no seu processo de organização. Imerso na civilização, o sujeito é afetado pelos significantes que o precedem. Percebemos nitidamente a transposição do campo das mitologias para o campo da linguagem a título de fornecer um caráter mais cientificista à psicanálise.

Do linguista Ferdinand Saussure, Lacan extrai a estrutura binária da linguagem, significante e significado, não sem operar uma inversão. Para Saussure significante e significado são "ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação". (Lacan, 1957b/1998:500). O linguista entendia o significado em primazia diante do significante, ficando este sob a barra. Lacan elevou o significante à primazia na lógica de funcionamento do inconsciente, com especial destaque na construção da significação.

Os significantes estariam associados em cadeias discursivas cuja significação se daria de forma retroativa a partir de um ponto de estofa: função da interpretação. Esse movimento é regido por duas operações, que Lacan (1955-56/1985) desenvolve no seminário sobre as psicoses, baseadas nos mecanismos oníricos trabalhados por Freud no texto sobre a interpretação dos sonhos, deslocamento e condensação. Os significantes se movimentariam na cadeia discursiva pela operação de metonímia, deslocamento contínuo do sentido. A seguir, ocorreria o processo de metaforização, ou elaboração de uma significação.

A significação do falo será essencial na construção da fórmula da metáfora paterna. A metáfora parterna será desenvolvida para introduzir a função do pai no primeiro momento do seu ensino, representante do Ideal-do-eu. Neste momento de seu ensino, o falo tem o estatuto de significante da lei, ordenador do campo do desejo e do gozo. Como instaurador da ordem simbólica, o resultado da metáfora

paterna é a constituição de um significante fundamental, que deve ser capaz de operar uma barreira entre a mãe e a criança. “Trata-se do que chamo de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste ao nível do significante que, no Outro como sede da lei, representa o Outro”. (Lacan, 1957-58/1999:152). O complexo de Édipo em Lacan encontra sua primeira formalização na fórmula da metáfora paterna: “É precisamente isso que é expresso por esse mito necessário ao pensamento de Freud que é o mito de Édipo... O pai morto é o Nome-do-Pai.” (Lacan, 1957-58/1999:152).

No seminário *As formações do inconsciente* (1957-58/1999), Lacan desenvolve os três tempos do Édipo. Num primeiro momento a mãe aparece, primordialmente, como toda-poderosa, devoradora. É nesta ocasião que ele trata do engodo da criança diante da mãe no Édipo, em que a criança, a fim de satisfazer o desejo da mãe, que não pode ser satisfeito, se coloca como objeto, objeto esse que é fundamentalmente enganador. (Lacan, 1957-58/1999). A partir desta relação imaginária, chamada por Lacan de tapeadora, a criança atesta para a mãe que pode satisfazê-la quanto ao falo que lhe falta.

No seminário *A relação de objeto* (1956-57), que traz a devoração como tema de capa através de um óleo de Goya representando Saturno devorando seu filho, Lacan redimensiona o conceito freudiano de castração conceituando-o como uma das formas da falta de objeto. Faz da castração uma operação que não diz respeito apenas à ameaça de castração ditada por um adulto, mas, principalmente, a uma ameaça cujo efeito deve ser compreendido como uma cisão do vínculo imaginário e narcísico estabelecido entre a criança e a mãe. A única relação que existe é com a falta de objeto, elaborando esta falta a partir de suas diferentes modalidades: castração, frustração e privação. O pai, por ser o portador da lei, deve

apresentar-se como capaz de mediar e, assim, realizar a aparente contradição de efetuar na criança a privação, mas também proporcionar as coordenadas do desejo na concessão de objetos substitutivos. É o pai que, em sua função, interdita a mãe e desvela a privação materna do falo. Então, se em um momento inicial, o pai real priva o filho da posse da mãe, ele também aponta a frustração da mãe diante do real da sua própria castração. A fim de que a criança não fique assujeitada ao desejo materno, é necessário que o pai portador do falo aponte aquilo que a mãe pode desejar para além do filho.

Através das categorias da falta de objeto (castração, frustração e privação) temos que o significante da complementaridade falta para todos e, assim, a fim de ter uma orientação, o sujeito vai utilizar-se do significante Nome-do-Pai e de todas as significações que ele porta. É preciso que ocorra o reconhecimento do pai como aquele que traz a lei, primeiramente através da mãe, da palavra da mãe, para aí ser aberta à criança a possibilidade de acesso à metáfora paterna, que fundamenta a lei simbólica e faz emergir o pai enquanto símbolo. O pai simbólico surge no lugar do significante materno, o primeiro introduzido na simbolização. Na medida em que o pai substitui a mãe como significante se produz o falo como significação do desejo da mãe.

No texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1957-58/1998), Lacan apresenta a fórmula da metáfora paterna, em que constatamos que, em um primeiro momento, o desejo da mãe (DM) incide sobre o filho e posteriormente esse desejo é barrado, ou seja, incide a castração na mãe. A partir daí estabelece-se para o filho o desejo submetido à lei. Antes ele estava submetido apenas à demanda materna. Na ausência da metáfora paterna, o que ocorre é a falta de identificação do sujeito com o falo. O Nome-do-Pai (NP) vai

significar uma perda no campo do Outro. Para Lacan, “o complexo de Édipo tem uma função normativa, não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a realidade, mas quanto à assunção de seu sexo – o que, como vocês sabem, sempre persiste, na análise, dentro de uma certa ambiguidade.” (Lacan, 1957-58/1999:170-171). As posições viril e feminina traduzem a essência da posição sexuada de cada sexo diante do Ideal-do-eu, ou seja, a partir do Nome-do-Pai. “Não existe a questão do Édipo quando não existe o pai... falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai... Chegamos ao ponto... de articular claramente o complexo de Édipo e seu móbile, isto é, o complexo de castração.” (Lacan, 1957/58:185).

O triângulo filho-pai-mãe introduz algo do real, admite Lacan, mas abarcado por uma dimensão simbólica. (Lacan, 1957/58). O real é marcado pela incidência do significante, um real simbolizado, como nos apresenta Miller (1999/2000). A realidade desenhada na relação entre a mãe e o filho, necessita da entrada de um terceiro sustentado por um quarto termo: o falo.

É ao redor deste significante fundamental que Lacan desenvolverá os três tempos do Édipo. No primeiro tempo a mãe localiza a criança como o falo imaginário que lhe falta, e a criança busca satisfazer o desejo da mãe. A criança tomada como falo promove certa completude. Entretanto, a primazia do falo, que já se encontra instaurada na cultura pela existência do símbolo do discurso e da lei, incita ao segundo tempo. Neste, o pai intervém no plano imaginário quebrando a imagem especular entre a mãe e a criança, emergindo a demanda endereçada ao lugar do Outro. A lei do pai, imaginariamente concebida pela mãe, funciona como privadora desta em relação ao filho, visto que porta a lei do falo. É nesse momento que, segundo Lacan (1968-69/2008), um eclosão fóbica poderia evidenciar-se,

exatamente quando o sujeito, diante da angústia de castração, ou seja, diante da percepção da diferença sexual e da falta do pênis na mulher, deslocaria a angústia para o objeto fóbico.

A fobia não deve ser vista, de modo algum, como uma entidade clínica, mas sim como uma placa giratória... Ela gira mais do que comumente para as duas grandes ordens de neurose, a histeria e a neurose obsessiva, e também realiza a junção com a estrutura da perversão. (Lacan, 1968-69/2008:298).

O caso do menino com fobia de galinhas relatado por Helene Deutsch é exemplar. Ela relata que o menino cuidava de galinhas no galinheiro com sua mãe, onde faziam a coleta de ovos. Faziam, como de costume neste tipo de tarefa, a palpação externa das cloacas das galinhas para saber se o ovo estava ali, pronto para sair, restando apenas esperar. O menino tinha grande interesse nisto e na hora do banho pedia a mãe para fazer a mesma coisa com seu períneo e colocava-se, na brincadeira com a mãe, como a galinha que botava ovos para ela. O menino gozava por ser o objeto de interesse da mãe. Já que os ovos interessavam a mãe, seria conveniente que o menino os desse a ela. A fobia se desencadeia a partir da cena em que um irmão mais velho e mais forte que ele o agarra por trás e diz: “*Eu sou o ovo e você é a galinha*”. O menino se defende e não quer ser mais a galinha. Ao se colocar diante da diferença sexual, o menino faz a equivalência da mãe castrada, com o feminino (galinha), com a posição de objeto e com a posição passiva, ganhando a galinha uma posição de marca desta castração. A angústia de castração é, então, deslocada para o objeto galinha e o menino estabelece com o irmão uma relação narcísica de poder e identificação. (Deutsch, 1918-30/2004).

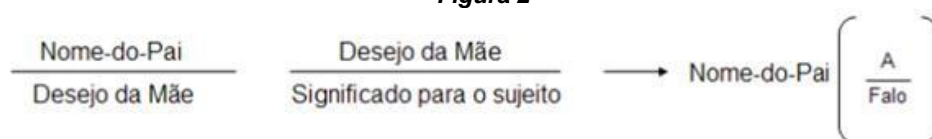
Já o terceiro tempo encaminha a saída do Édipo pela via da neurose ou da perversão. Na primeira, o pai pode dar a mãe o que ela deseja, e apenas pode dar



porque supostamente o possui, intervindo em sua potência simbólica. A metáfora paterna institui a ordem do significante, o recalque como mecanismo de defesa e promove a identificação que instaurará o Ideal-do-eu, permitindo ao sujeito constituir sua identidade sexuada. (Lacan, 1957-58/1999). Já na perversão, ao invés do recalque neurótico, o mecanismo que opera é o desmentido (*Verleugnung*). A castração no simbólico é recusada: “*Eu sei, mas mesmo assim*”. O fetiche é o mecanismo de defesa da perversão, análogo ao sintoma para a neurose. A diferença entre o amor (investimento objetual) e o fetiche é que no fetiche o desejo se agarra ao véu e não chega ao objeto. O perverso outorga completude ao Outro, tapa o buraco no Outro, ele tenta constituir um Outro que existe, ele tem fé: ele zela pelo gozo do Outro. Já a psicose não concluiu como função todos os tempos do Édipo, como veremos num dos casos discutidos ao final.

A Metáfora Paterna é que engendra o Nome-do-Pai, que se coloca para a criança como instaurador da lei. Mas isto só ocorre através da legitimação pelo discurso da mãe. É através do reconhecimento da figura paterna que o Nome-do-Pai se torna presente e metaforiza o desejo da mãe. Lacan afirmou no seminário sobre as psicoses que a única coisa de hereditário na escolha das neuroses é o desejo da mãe. (Lacan, 1955-56/1985). O significante Nome-do-Pai é colocado por Lacan como sendo o único capaz de falar na experiência do sujeito a dimensão da procriação. “A função de ser pai não é absolutamente pensável na experiência humana sem a categoria do significante”. (Lacan, 1955-56/1985:329).

**Figura 2**



**Lacan, 1957-58/1998:563**

As formações do inconsciente são a expressão do desvio no campo do código, da lei. É pela via do Nome-do-Pai, conferindo um sentido outro ao desviante do código e introduzindo algo novo, que cada sujeito engancha-se no campo do Outro. No seminário de número cinco, introduzido pela tirada espirituosa (*witz*), a questão do falo e sua relação com os objetos encontrados na psicogênese das fases freudianas aos três tempos do Édipo, instaurando assim uma psicogênese lacaniana pautada pela lógica, já introduzida anteriormente com as fases do Estádio do Espelho. (Lacan, 1957-58/1999). A junção que aqui ocorre através do tempo marca etapas sucessivas e lógicas da constituição do sujeito. O que permite um sentido é exatamente o ponto de chegada e não o ponto de saída, que retroage da sexualidade adulta à infantil, marcando suas coordenadas de um sujeito em sua exceção (engendrado pelo Nome-do-Pai) diante o código, sancionando o desvio e reconhecendo o singular de cada um.

A formalização da sexuação neste momento de Lacan pela via da metáfora paterna deixa questões acerca da diferença entre os sexos. Será nos textos *A significação do falo* (1958/1998) e *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina* (1960a/1998) que ele introduzirá as relações distintas do homem e da mulher diante do falo. Este significante é descrito como o operador lógico que permite o estabelecimento de relação entre os sexos, como índice do desejo. “Os sexos não se relacionam naturalmente entre si, relacionam-se graças ao falo”. (Dafunchio, 2009/2013:10). Essa autora destaca que no texto sobre a significação do falo Lacan diz que a sexualidade masculina deseja ascender à posição de ter o falo, insígnia da virilidade, desde sempre ameaçada pela castração materna. E para ter o falo incorporado à falta, o homem vai dirigi-la à mulher, que vai encarnar para ele o falo positivo. Positivo, nos diz Dafunchio, visto que a presença da mulher

emana a castração, em sua vertente negativa do falo. É a vertente positiva do falo que vai guiar o desejo em direção a uma mulher, enquanto que a vertente negativa vai guiar o amor: a disjunção entre o amor e o desejo. Já em relação à sexualidade feminina, Dafunchio diz que as vertentes positivas e negativas também estão presentes e disjuntas, apesar de comumente serem convergentes para o mesmo homem. A vertente positiva do falo faz ela desejar o homem por portá-lo. A vertente negativa, ao contrário, é o que faz ela amar, ou seja, a castração no homem é signo de amor. (Dafunchio, 2009/2013).

No texto *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina* (1960/1998), Lacan aponta que a castração pode ser definida como “um nó que vai permitir ao sujeito colocar-se na assunção da posição sexuada, colocar-se a respeito do tipo ideal de seu sexo. Graças a esse nó... o sujeito vai poder responder às exigências de seu parceiro.” (Dafunchio, 2009/2011:12-13). Fato que promove um problema quanto a sexualidade feminina, visto que a mediação fálica na mulher apresenta-se limitada quanto ao que Lacan chama de *corrente do instinto materno*. Em Freud a maternidade sempre tinha relação como falo. O que Lacan indica aqui já eram vias abertas para um gozo Outro que virá a se desenvolver mais adiante. O que se evidencia aqui é o limite da lógica fálica na abordagem do feminino, já que a ameaça de castração não toca o corpo.

#### **4.1.3. O analista *Sujeito suposto Saber* na transferência e a interpretação**

Freud sempre apontou as ressalvas que motivaram investimento reduzido na formalização da técnica psicanalítica, apontando que a compreensão do método deveria advir da experiência clínica, tanto da prática como analista quanto da posição de analisante, na interrogação dos próprios sonhos. Miller lembra que a

psicanálise como prática caminha muito mais para o plano da ética do que da técnica, fato que não deixa de pressupor a necessidade de formalização dos princípios que guiam a práxis analítica. (Miller, 1989/1997). No texto *Sobre o início do tratamento* (1913/1996), Freud compara o tratamento psicanalítico ao jogo de xadrez, cuja estrutura apenas permite prever as aberturas e os finais. (Freud, 1913/1996:139). Jacques-Alain Miller articula os dois termos ao afirmar que “a entrada em análise não se articula sem a conclusão da cura, e a conclusão da cura, sem a entrada em análise... A entrada, assim, está suportada pela antecipação da saída”. (Miller, 1993/1995:27). O procedimento das entrevistas preliminares permite localizar ao menos dois princípios fundamentais da clínica psicanalítica: o diagnóstico e o estabelecimento da transferência. Estes princípios regem a interpretação, visto que só podemos tratar o que conseguimos classificar e localizar: classificar a estrutura clínica e sua tipologia e localizar, no discurso do sujeito, a singularidade do modo de gozar das parcerias subjetivas estabelecidas por ele. O manejo da transferência depende diretamente do reconhecimento da estrutura clínica, das particularidades da tipologia e dos modos singulares de gozar nas parcerias subjetivas.

Observamos hoje que as demandas de tratamento que chegam aos analistas não são formuladas pelos próprios sujeitos. Geralmente a inadaptabilidade, o que não funciona bem na ordem pública, é testemunhada pelas instituições (família, trabalho, escola, judiciário, dentre outras) que prescrevem a necessidade de intervenção psíquica. O que poderíamos chamar de questão subjetiva, nos chega aos moldes da nomeação advinda do campo do Outro sobre determinadas condutas inadequadas ao laço social. Condutas que compreendem um amplo espectro de transtornos: agressividade, hiperatividade, impulsividade, recusa da lei e

enfrentamento das figuras de autoridade, dificuldades de aprendizagem, uso de drogas, bulimia, anorexia, quadros somatoformes, depressão, etc. A queixa principal presente nos encaminhamentos representa o que Ana Lydia Santiago denominou como sintoma do Outro social, denunciando o fracasso da política de ajustamento diante as condutas inadequadas dos sujeitos ao laço social. Com isso nos deparamos com uma dificuldade a mais, visto que uma das funções do dispositivo das entrevistas preliminares é operar uma passagem do sintoma do Outro para um sintoma subjetivo e instaurar a transferência, sendo necessário a transposição da demanda dirigida pelo Outro à instituição para uma demanda dirigida ao Outro pelo sujeito. (Santiago, 2009). Esta passagem configura o estabelecimento da transferência que Jacques Lacan denominou como endereçamento de uma suposição de saber ao analista localizado no lugar do Outro. (Lacan, 1967/2003). Passagem que opera uma transposição de um saber imaginário à interrogação acerca de um saber orientado pelo simbólico e marcado pelo enigma do Nome-do-Pai.

Lacan conceituou a demanda como sendo a tomada da palavra dirigida ao Outro. (Lacan, 1954-55/1985). Para inverter o agente discursivo e colocar o sujeito de posse da palavra faz-se necessário uma torção. É preciso recolher os significantes advindos das instituições como inscrições do sujeito no campo discursivo, mas crucial é nos ocupamos em interrogar ao próprio sujeito como ele elabora as demandas do Outro. Leda Guimarães propõe que o analista, ao localizar a demanda que o sujeito lhe dirige, abre uma via de acesso para o estabelecimento das parcerias sintomáticas que o sujeito estabelece com o Outro. (Guimarães, 2007/2008). É o convite à transferência, que Lacan nomeia como sendo o estabelecimento de um *Sujeito suposto Saber*. (Lacan, 1967/2003).

**Figura 3**

$$\frac{S}{s(S_1, S_2, \dots, S_n)} \rightarrow S_q$$

**Lacan, 1967/2003:253**

Miller (Miller, 2006) propõe dividirmos em três níveis o *Sujeito suposto Saber*: do sujeito, do analista e do inconsciente. O primeiro saber exposto na experiência analítica é o saber de ordem imaginária que é pronunciado pelo sujeito acerca de sua relação com o Outro. Verificar a consistência deste Outro representa um norteador do diagnóstico estrutural. Este Outro pode comparecer devastando o sujeito, sem a mediação da lei, sem interdito, Outro maciço. Um indício de psicose. Na neurose o Outro apresenta uma dialética, ao mesmo tempo em que carrega uma consistência ideal, transmite um ponto de inconsistência, a transmissão de um furo. Já a perversão oscila entre o momento de precipitação da inconsistência e seu recobrimento pelos fetiches. Restaria ainda outro giro discursivo: a passagem da suposição de saber ao analista para a emergência da suposição de saber ao próprio inconsciente. Este último nível da suposição de saber introduz a vertente real da transferência marcada pelo objeto *a* (Miller et Milner, 2003/2006).

O lugar do analista na clínica do significante fica localizado no que toca a dinâmica da transferência, ocupando a posição de *Sujeito suposto Saber* sobre o inconsciente do analisando, presentificando suas relações com a castração e com o desejo do Outro. A vertente do ato não estaria ainda presente nesta clínica a não ser pela via das formações do inconsciente, ou seja, do ato falho, visto que não fica privilegiada neste momento a questão pulsional. (Coelho dos Santos, 2002b).

A interpretação é o que figura como sendo a ação própria do analista na dinâmica transferencial. Segundo Cottet (1995), a interpretação pode ser vista no *Discurso de Roma* com a função de proporcionar o advento de uma fala verdadeira.

Na época da fala plena, Lacan exaltava a fala verdadeira, e interpretar seria liberar o significado do sujeito das cadeias significantes que o aprisionavam. Esse logro da linguagem se opõe, portanto, à fala autêntica, à fala verdadeira, e nós encontramos em seu texto *Função e campo da fala e da linguagem*, um ataque, uma crítica ao que ele chamava verbalismo – certa neutralização da verdade – pelo fato mesmo do significante. Isto justificaria uma técnica de interpretação que estivesse além de uma petrificação do enunciado pelo significante e que deveria pôr em função o *Witz*, o jogo de palavras, o equívoco, com a ideia de que o desejo, ele próprio, é por natureza, estruturado pelo equívoco. (Cottet, 1995:26).

A interpretação seria uma espécie de tradução do desejo do Outro tomando o inconsciente como uma escrita a ser decifrada. Concepção mais freudiana, que continha a ideia da interpretação como assunção de uma fala verdadeira. Na história de um sujeito existe sempre um significante particular, insiste, a interpretação visa a descobri-lo, isolá-lo e traduzi-lo. Cottet (1995) adverte sobre as dificuldades que se ligam ao termo tradução, a uma concepção de interpretação como tradução. Para ele, o risco que essa posição comporta é de evocar uma espécie de metalinguagem. Esse impasse apenas terá avanço na clínica que virá a seguir, a partir do discurso do analista e da parceria efetuada pela posição de objeto *a*. Como podemos observar no seminário de número dez e no texto *O aturdido* (Lacan, 1972/2003), em que a interpretação é descrita como ato que incide sobre a causa de desejo. A interpretação conectaria, assim, significante e gozo. De uma teorização da interpretação colada ao significante, esta nova concepção traz para o campo interpretativo a dimensão da pulsão, do gozo. É o resultado da valorização do objeto

causa em uma época em que a escuta do significante podia conduzir a uma deriva metonímica infinita, uma clínica que podemos denominar de clínica da insatisfação. Veremos como avança a questão do gozo em Lacan no seminário da ética, abrindo vias para a clínica do fantasma.

#### **4.1.4. O gozo impossível de *das Ding***

Lacan levou ao máximo a significação do gozo nos primeiros seminários e escritos de seu ensino. Será necessário uma retomada no seminário *A ética da psicanálise* (1959-60/1988), para que ele introduza outra dimensão do gozo que não a absorção pelo significante. Lacan retomará a *Coisa* freudiana para introduzir um gozo enquanto impossível, um gozo mais real que nas primeiras proposições. A pulsão será retomada para além da mortificação pelo significante. Segundo Coelho dos Santos, Lacan relê os textos *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/1996) e *O Mal-estar na Civilização* (Freud, 1930[1929]/1996), teorizando sobre a pulsão de morte a partir das articulações de Freud que deslocam a questão do campo da moral e da dicotomia entre bem e mal. Lacan toma a questão da ética e da felicidade, através de *das Ding* (a Coisa freudiana), objeto irrepresentável na cadeia de significantes. Suas tentativas de representação do gozo na cadeia discursiva demonstra que algo do gozo que escapa à cadeia significante. No que tange ao final de análise, ou o sujeito fica preso na cadeia significante, enquanto desejo sempre insatisfeito (objeto impossível), ou sai pela via da vontade de gozo transgressivo. (Coelho dos Santos, 2008).

A leitura do mal-estar e da dualidade pulsional, fez Lacan recorrer à articulação de Emanuel Kant com o Marquês de Sade em texto dos *Escritos*, chamado *Kant com Sade*. (Lacan, 1963/1998). Kant é tomado a partir da *Crítica da*



*Razão Prática* (1788) e *Sade pelo A Filosofia da Alcova* (1795), textos que possuem poucos anos de diferença entre si e se completam, acrescentam verdade ao outro na perspectiva da ética abordada por Lacan, que formaliza com Kant a intuição freudiana de que o recalque não é uma vicissitude moral, imemorial da espécie humana, mas uma contingência histórica ligada ao advento da modernidade e apresenta o imperativo categórico: “todos devem ser livres e iguais”. Ou seja, não pode haver felicidade de um que não seja felicidade de todos, perspectiva que impõe a seguinte verdade: não há ética se não recusamos os interesses particulares, levando a dedução de que, se eu não posso a partir do objeto que toca cada um extrair coordenadas morais que servem para todos, então escolho o caminho da ética coletiva como caminho de negação do particular, gerando, assim, uma moral coletiva. Como se fosse possível viver na cultura desejando o mesmo que todos para que a mesma se sustente, instituindo um Ideal-do-eu universal, *para todos*. (Coelho dos Santos, 2001a).

Esta primeira formulação está em sintonia com a primeira tópica freudiana sobre a pulsão e ligada ao espírito das luzes, ao bem comum e à recusa dos prazeres individuais. Entretanto, neste primeiro momento não encontramos a percepção de que quanto mais o sujeito renuncia ao gozo, pela sublimação, por exemplo, consente e recalca o desejo, mais ele se aprofunda nas profundezas do gosto pelo mal e pela transgressão imposta pela dimensão pulsional. Eis a genialidade de Lacan ao aproximar o texto de Sade em que a pulsão de morte, que reconhece o mal radical, entra em contraponto com a filosofia das luzes, inserindo a ideia de um homem atravessado pelas “forças demoníacas”, atormentado e angustiado. Opera, assim, oposição ao espírito da ciência e à passagem ao romantismo. Se, inicialmente, o sujeito perseverará no princípio do prazer diante do

*quantum* de pulsão que escapava à regulação, momento ligado à memória do código linguístico com características deterministas, num segundo momento, ao caminhar com Freud em direção à pulsão de morte, mais se afasta da ordem da memória, ficando fora do campo da representação determinista. Lacan defende a ideia de que o que está presente no *mais além* não é ligado à quantidade e sim ao que escapa ao simbólico. (Coelho dos Santos, 2001a). Entretanto, como nos apontou Miller (1999/2000), essa ideia comporta um forçamento diante da inacessibilidade, que acaba por engendrar o caminho da transgressão. Será necessário um passo a mais, rumo às vertentes parciais do objeto *a*.

#### **4.2. O analista *parceiro-objeto a* na clínica do fantasma**

Segundo Miller (1979/1987), a segunda ruptura interna no ensino de Lacan é marcada por mais um encontro com o traumático: a cisão de Lacan com a IPA (Associação Internacional de Psicanálise), em 1963, movimento que ele chama de excomunhão (Lacan, 1964/1985). No mesmo ano, em 1964, Lacan funda sua própria Escola. (Lacan, 1967/2003). Este período do ensino se estenderá até a proposição dos quatro discursos, momento de radicalização da proposta estruturalista em Lacan, quando começa a perder força com as primeiras interrogações, a partir da noção de semblante diante da marca do impossível presente nas parcerias. Coelho dos Santos (2009) acredita que essa nova clínica, que ela nomeia como *clínica do fantasma*, não se inicia precisamente no movimento político institucional, mas numa mudança clínica que é introduzida a partir do seminário de número dez. O questionamento acerca do final de análise e do acesso ao gozo delimita a passagem da clínica do singnificante para uma clínica que incorpora o objeto fantasmático.

#### 4.2.1. O objeto do fantasma no discurso do inconsciente

Como aponta Lopes (2007/2008), o conceito de Nome-do-Pai organiza a estrutura simbólica, mas deixa o gozo na ordem de um impossível de ser alcançado. A alteração do estatuto do pai a partir do seminário sobre a angústia (Lacan, 1962-63/2005) introduz, para além da função de interdição, a função de dar testemunho de um gozo acessível parcialmente em pequenos fragmentos nas zonas erógenas. Ao deparar-se com a castração, neste momento colocada em primazia em relação ao Édipo, permite ao sujeito localizar no campo da fantasia o objeto causa do desejo, o objeto pequeno *a*: “o sujeito que foi longe o bastante na realização de seu desejo para reintegrá-lo no que há de irreduzível na função de *a*”. (Lacan, 1962-63/2005:365-66).

Na clínica do significante a questão do gozo permanecia diante de um impasse. Ou o gozo, significantizado, deslizava eternamente na cadeia significante, promovendo uma satisfação impossível e próxima à comédia. Ou o gozo é tomado pela via trágica, encarnado no impossível acesso à *Coisa*, a não ser que pela via do binômio renúncia-transgressão. (Coelho dos Santos, 2001b). A solução deste impasse foi a localização do objeto *a* como um passo adiante de *das Ding*, este idealizado e impossível, realizando um retorno às pulsões parciais, aos objetos parciais da psicogênese freudiana, acrescentando o objeto voz e o objeto olhar, em correlação direta, após a passagem pelo objeto fálico, com o objeto oral e o objeto anal, respectivamente. (Coelho dos Santos, 2005). As variações do objeto *a* estão ligadas as zonas erógenas da pulsão e representam pequenas formas de ter acesso ao gozo, indicando outra visada para o final de análise que não o cômico ou o trágico, na medida em que aproxima a saída pela via da perversidade do objeto parcial na fantasia.

Dafunchio destaca que no seminário da angústia alguns apontamentos de Lacan permitem distinguir melhor os efeitos da castração no homem e na mulher. Para o homem o falo ocupa lugar central na dinâmica subjetiva como limite do gozo, a se verificar no corpo pela detumescência do órgão e do lado da mulher o gozo não é de todo limitado pelo falo. (Dafunchio, 2009/2011).

O seminário seguinte, *Os conceitos fundamentais da psicanálise* (Lacan, 1964/1985), marcará definitivamente esta mudança clínica. Segundo Miller (1990/1997), os quatro conceitos fundamentais extraídos da obra freudiana podem ser divididos em duas vertentes. De um lado Lacan desenvolve de forma revitalizada o conceito de inconsciente. O sujeito para Lacan era definido como estruturado entre dois significantes, como efeito da cadeia discursiva. O sujeito, conceito lacaniano cunhado por um reordenamento da obra freudiana, é descrito no tropeço, na rachadura. A seguir, Lacan demonstra o inconsciente a partir do conceito de repetição, o que retorna sempre no mesmo lugar. Desta forma, nos diz Miller sobre o inconsciente, “ele não é apenas uma falha, mas também uma repetição.” (Miller, 1990/1997:24). O terceiro conceito fundamental destacado por Lacan foi a transferência. Para ele, a transferência era uma modalidade de repetição do inconsciente, uma atualização na parceria analítica dos romances familiares. Miller (1990/1997) esclarece que a atualização de que se trata é da realidade psíquica, e não do real. O real aparece na ordem da repetição, daquilo que reitera. O quarto conceito desenvolvido por Lacan neste seminário é o conceito de pulsão. Tanto o conceito de inconsciente quanto o de transferência dizem respeito ao plano linguístico, enquanto a repetição e a pulsão podem ser localizadas no plano do gozo, no plano do corpo.

Neste mesmo seminário, Lacan apresenta duas operações, alienação e separação, como uma tentativa de articulação íntima entre o significante e o gozo. A primeira consiste no caminhar do sujeito em direção ao Outro, ao desejo do Outro. “O Outro precede o sujeito, preexistindo mesmo ao seu nascimento e o condicionando por suas coordenadas, a um lugar único de onde ele poderá vir a desejar, a se subjetivar”. (Fernandez, 2000:57). Trata-se da ordem simbólica, amarrado o sujeito ao significante do Outro pela via da identificação. Já a operação de separação traz a dimensão do gozo que escapa ao simbólico. Introduce o vazio, e nele se desprende como resto da operação o objeto *a*. Lacan introduz, desde já, certa vivacidade ao corpo pela via do gozo, um corpo vivo e sexuado. O real nessa vertente não mais está obliterado pelo significante, como na clínica do simbólico, nem marcado pelo impossível de *das Ding*. O real aparece elementarizado nos objetos parciais: uma matéria significante que contém substância de gozo, e é nesse ponto que se mantém a diferença entre o objeto e o significante.

No seminário de número quatorze, *A lógica do fantasma* (Lacan, 1966-67/inédito), Lacan desenvolve a fórmula do fantasma. Ele procura avançar exatamente sobre o resto da operação de separação. O fantasma relaciona-se com este objeto, que Miller denominou de *peça avulsa* (Miller, 2005), destacada do corpo como representante das coordenadas do desejo e que produz angústia. (Coelho dos Santos, 2009b). Esse resto é o representante do (des)encontro entre os sexos, marcado pela dimensão do falo.

Nos seminários de número dezesseis e dezessete, Lacan (1968-69/2008; 1969-70/1992) elabora a teoria dos quatro discursos. É o ponto máximo do estruturalismo lacaniano, que se radicaliza no seminário de número dezoito com a busca de um discurso sem palavras. (Coelho dos Santos, 2008). Lacan nomeia

quatro lugares na lógica discursiva (agente/semblante, trabalho, produção e verdade) e localiza as quatro letras anteriormente apresentadas, que giram ocupando em cada um dos quatro discursos um ponto específico (do mestre, da histórica, do universitário e do analista). As letras em jogo são o \$ (Sujeito do Inconsciente), o  $S_1$  (Traços Unário), o  $S_2$  (Saber) e o objeto  $a$ . Esses termos organizados no discurso do mestre, também chamado de discurso do inconsciente, traduzem a segunda formalização do complexo de Édipo em Lacan. O  $S_1$  no lugar do agente representa o pai que dita a lei. O Nome-do-Pai figura como matriz organizadora no discurso do inconsciente do saber,  $S_2$ , sobre o desejo da mãe. Lacan reorganiza no discurso do inconsciente a operação da metáfora paterna, localizando como produto dessa operação a causa do desejo, objeto  $a$ . A verdade do discurso do inconsciente é que ele cinde o sujeito, que permanece inserido na lei do pai. O fantasma representa a possibilidade de reencontro desse gozo a mais, que resta à operação de recalque. Para além do pai morto que Freud expõe no mito de *Totem e Tabu*, Lacan aponta para as coordenadas do desejo que a morte do pai instaura na mitologia dos filhos. O pai não apenas interdita o gozo, mas o sanciona, sendo assim condição de gozo.

Lopes (2010) afirma que a proposição do aparelho discursivo por Lacan define o significante não apenas como o que representa o sujeito para outro significante, mas também o que regula e aparelha o gozo. Coelho dos Santos (2001) destaca que essa proposição fez equivaler, seguindo Miller, os discursos, o sintoma e laço social, visto que engendra o aparelhamento do gozo à linguagem.

#### 4.2.2. Discurso, sintoma e laço social: o ato do psicanalista

Segundo Cottet (1989), não encontramos em Freud qualquer desenvolvimento acerca do desejo do analista. Lopes (2007/2008) indica que a noção de desejo do analista foi introduzida por Lacan em 1958, sem configurar um conceito definido ao longo de sua obra. Lopes (2007/2008) defende que a proposição do desejo do analista em Lacan é correlata ao discurso do analista “a partir de dois axiomas: o que define o sujeito da psicanálise como equacionado ao sujeito da ciência e o que situa a tarefa da psicanálise como sendo a de reintroduzir o Nome-do-Pai na consideração científica”. (Lopes, 2007/2008). A autora encontra na proposição do discurso do analista a materialização no laço social do desejo do analista, visto que o objeto *a* na posição de agente é capaz efetivar a tarefa da psicanálise diante da ciência.

O discurso do analista é apresentado por Lacan como o avesso do discurso do mestre, tendo como ocupante do lugar de agente exatamente o excesso de gozo: o objeto mais-de-gozar. É nesse lugar que vamos desenvolver a parceria do analista como objeto *a* do analisando no discurso do analista. Para Cottet (1985/1988), essa proposição traz um outro lugar para o analista do que aquele descrito como simbólico, no lugar do *A* onde exerce a função de *Sujeito suposto Saber*. Agora temos uma inversão, já que o analista ocupa um lugar real, que escapa, que excede ao simbólico. Cabe ressaltar que esta passagem não invalida o que já desenvolvemos em termos de abertura para o inconsciente transferencial, mas ao contrário: trata-se de um percurso inerente à experiência psicanalítica que conduz à queda do analista como aquele que detém supostamente o saber, para um saber interrogado ao analisando a partir da causa de seu desejo.

Nessa configuração, demonstra-se o impossível da cadeia significante, pois na parte de baixo do discurso o significante um e o significante dois ficam disjuntos. Posição que convoca no analisando a queda das identificações secundárias e localiza os pontos primordiais que definiram sua sujeição na trama fantasmática, promovendo um atravessamento da mesma. No seminário *O ato psicanalítico* (1967-68/inédito), Lacan, ao afirmar que o psicanalista se faz a partir do lugar de semblante do objeto *a*, opera colocando em causa o gozo do analisando. O final da análise nessa perspectiva seria a destituição do analista, como nos aponta Cottet (1985/1988), e o atravessamento do fantasma. O analista na posição de semblante do objeto *a* opera recolocando o sujeito diante de seu fantasma, fórmula que restabelece o momento irreduzível no qual o sujeito é elevado ao lugar do Outro precipitado logo a seguir, em queda, mas deixando este resto fundamental da ação, príncipe na direção da cura. (Lacan, 1962-63/2005).

Nossa leitura do ensino lacaniano foi orientada desde o início por uma matriz lógica (Coelho dos Santos, 2009b) que permitiu até agora delinear das parcerias do analista em cada clínica desenvolvida por Jacques Lacan: na clínica do significante, o analista como *Sujeito suposto Saber*, e na clínica do fantasma, o analista ocupando posição de semblante do objeto *a*. Partimos da teoria do imaginário e das relações dos *infans* com as imagos. A seguir, a significantização do falo e sua elevação ao estatuto de símbolo traz a reboque o desenvolvimento do tema da transferência e da interpretação da dinâmica do desejo inconsciente, estruturado como linguagem. Na clínica do fantasma, as bordas, os orifícios e o vazio foram os temas privilegiados de pesquisa. O que interessou ler nesse momento em Lacan foi o deslocamento das noções de gozo e de real, que antes estavam diretamente relacionadas à *das Ding* e ao Nome-do-Pai, logo um gozo marcado por um



impossível, pela insatisfação, para uma abordagem do gozo decantado, como dejetivo de uma operação, na trilha dos objetos parciais. O fantasma, como suporte do excesso de gozo que escapa ao princípio do prazer, articula à lógica fálica, que promove a divisão subjetiva, o objeto *a*, encarnando a incidência do real da pulsão de morte. Como parceiro do sujeito, as versões do objeto localizam a libido extraída dos eventos traumáticos, fixando-a nas pulsões parciais. A formalização dos quatro discursos permitiu a conjunção e disjunção entre a estruturação do desejo (identificação) e a emergência do gozo do fantasma (pulsão). Neste ponto, o desejo do analista é ultrapassado em prol do discurso do analista, onde, como semblante do objeto *a*, o psicanalista opera em ato em um giro discursivo que promoveria a identificação dos significantes mestres e o acesso ao gozo fantasmático, visando seu atravessamento como índice do final da análise.

Esse atravessamento leva a constatação da inexistência de relação entre os seres sexuais. O real no último ensino apenas comporta uma solução quando sustentada por um parceiro que sirva de suporte ao *sinthoma*, à maneira singular que cada um tece para inventar o enlace articulatório entre gozo de *lalíngua* e campo dos significantes, cujo efeito é o acontecimento de corpo. Nesta perspectiva seguinte de Lacan o final da análise deve ser entendido com um passo a mais que a travessia do fantasma, rumo à identificação ao *sinthoma*.

## 5. O analista *parceiro-sintoma* na clínica do inconsciente real

Nas clínicas anteriores apresentamos as concepções da parceria analítica orientadas a partir de uma laço íntimo com o campo do Outro. Trata-se de um momento tributário de Jacques Lacan ao inconsciente tal como proposto por Sigmund Freud. A invenção do real representa um passo além do pai, e foi nomeada pelo próprio Lacan como “forçamento de uma nova escrita.” (Lacan, 1975-76/2007:127). Miller (2006-07/2010) destacou no seminário *O sintoma* (Lacan, 1975-76/2007) a passagem em que o próprio Lacan nomeia essa invenção como a inscrição de uma marca própria no campo psicanalítico. A fundação de uma concepção do inconsciente para além da estrutura de linguagem, tomado em sua vertente real, presentifica uma resposta de Lacan ao traumatismo Freud, na humanidade e no próprio Lacan: o real foi sua “resposta sinthomática” (1975-76/2007:128).

Para Coelho dos Santos, “o despertar de Lacan, virá afirmar-se como a tese por excelência de seu ensino: a de que ‘não há relação sexual’. A *ex-sistencia* de Lacan - com respeito à transferência com Freud.” (Coelho dos Santos, 2010). Segundo a autora, o ponto de cisão de Lacan com Freud pode ser localizado no texto *Análise terminável, interminável* (Freud, 1937/1996), em que a questão da *feminilidade* era descrita por Freud como um *continente negro*. Restava ao homem, diante do rochedo intransponível da castração, refutar-se a submissão a outro homem, e à mulher eternizar-seno *penisneid*. Lacan introduz um passo lógico para além do falo a partir da sexualidade feminina que apresenta um *não-todo* referenciado ao falo. A lógica do *não-todo* ocasiona uma desproporção no regime do gozo e incide nas soluções possíveis diante do traumatismo.

Miller e Laurent, no seminário que proferiram em conjunto, *O Outro que não existe e seus comitês de ética* (1997/1998), destacam que o primeiro ensino de Lacan foi marcado pela força do texto freudiano, estabelecendo o Nome-do-Pai como representante que garantiria, no plano simbólico, a existência do grande Outro. O sujeito se constituiria a partir do desejo do Outro. A lógica fálica que dominou o primeiro ensino de Lacan, conceituava o sujeito dividido se constituindo no intervalo de dois significantes,  $S_1$  e  $S_2$ . A seguir o objeto *a* foi apresentado como um resto extraído do próprio corpo e não assimilável na operação de recalque e simbolização. Ao deslocar o gozo do significante, e do impossível de *das Ding* que incitava a transgressão, para o objeto *a* que localiza esse excesso de gozo no fantasma, Lacan abre as vias para interrogar um mais além do falo, do gozo sexual. A teoria dos discursos viria a comportar, a seguir, a conjunção da cadeia significante com o *mais-de-gozar* engendrada na lógica do fantasma. O deslocamento do gozo na série *imagem, simbólico, das Ding e objeto a* desemboca pontualmente na interrogação sobre a existência do Outro para além de seu caráter de semblante nos discursos, em busca do mais real do gozo.

No último ensino de Lacan, o gozo se presentifica, reitera e vivifica o corpo. A nova concepção de sujeito é definida pela incidência do gozo no corpo, fora do sentido. Lacan define agora o sujeito como *falasser*, um ser que é por que goza, e goza por que fala. Isso implica a construção de uma nova concepção de conjunção/disjunção do desejo com o gozo, como muda também a lógica do parceiro em jogo na cena analítica. A terminologia começou a ser delineada no curso citado acima, onde a partir do axioma da *não há relação sexual* temos uma inversão de perspectiva que introduz o analista como *parceiro-sintoma do falasser*.

### 5.1. Uma inversão de perspectiva

Rememoração e reminiscência, são termos propostos por Lacan no seminário *O sintoma* (1975-76/2007), e que Miller (2006-07/2010) esclarece como termos que fazem referência ao novo tratamento dado por ele diante da energética freudiana. Na *Carta 52* (Freud, 1896/1996), enviada a Fliees em 1896, Freud utiliza o termo *traços* para designar um primeiro momento em que o material captado pela percepção, uma vez inscrito, nunca mais se perde: uma espécie de marca no corpo. Essa espécie de *traço* será retomada no texto *O inconsciente* (1915/1996), em que Freud utiliza o termo fixação para se referir à afetação do corpo no trauma originário, reminiscência que funcionaria como pólo de atração para os outros traços. Num segundo momento, Freud refere-se ao inconsciente como “lembranças conceituais” correspondentes aos traços fixados, capazes de inaugurar uma série de representantes pulsionais que, num terceiro momento, serão conduzidos à representação verbal e à elaboração de sentido. (Freud, 1896/1996).

No *Projeto para uma psicologia científica*, Freud mantém a discussão sobre a energética psíquica através da diferença entre repouso e atividade neuronal, que produz um estado de tensão no organismo humano. Esta tensão necessita de uma ação específica realizada por um agente externo para ser eliminada. Essa ação proporciona o que Freud denominou como experiência primária de satisfação. Diante do estado de desamparo estrutural causado pelo nascimento prematuro do ser humano, os excessos de estímulos geram uma urgência, uma necessidade de redução da tensão, que culmina em alterações no organismo tais como a expressão das emoções, os gritos e inervação vascular. Expressões que não são capazes de aliviar de fato a tensão, fazendo-se necessária a interferência de um agente externo, que executa uma ação específica capaz de restabelecer um equilíbrio ao organismo.

Diante do traumatismo, a experiência primária de satisfação abre vias para duas vertentes: o das marcas mnêmicas que serão fontes primárias do simbólico; e, um *componente não assimilável*. (Freud,1950[1895]/1996).

A rememoração refere-se à articulação simbólica e a reminiscência ao fora do sentido, ao fora da cadeia simbólica, nos esclarece Miller (2006-07/2010). O inconsciente cunhado por Lacan é da ordem das reminiscências, daquilo que reitera. Coelho dos Santos nos aponta que “o real é o nome que Lacan inventa para o campo da pulsão de morte, afastando-se por meio da invenção de uma nova escrita borromeana da pulsão, da energética freudiana.” (Coelho dos Santos, 2008:117). Segundo a autora, o seminário de número vinte (Lacan, 1972-73/1985) promove uma inversão: “na primeira formalização, a primazia é do significante que mortifica o gozo, deixando como resto o objeto *a*.” (Coelho dos Santos, 2009b:19). Nessa nova perspectiva o significante vivifica o corpo a partir da noção de *lalíngua*: “o ponto de partida agora é o gozo de *lalíngua*.” (Coelho dos Santos, 2009b:19).

Miller (1998) desenvolve essa mudança de perspectiva no seminário, proferido no Brasil, chamado *O osso de uma análise*. No percurso da análise, analisada a partir do primeiro ensino, estaríamos expostos ao fenômeno da *amplificação-significante*. Os significantes se encadeariam em outros significantes, através das operações metonímicas e metafóricas, produzindo uma proliferação de sentido. Em oposição, ele nos propõe a *operação-redução*. Essa *operação* se desenvolve a partir de duas operações: a *repetição* do gozo na trama fanstasmática e a *convergência* ao significante mestre que ordena o destino do sujeito. Miller propõe uma terceira operação, a *operação-evitação*. Trata-se do vazio, da função do *nada* que apresenta-se na análise para além da cadeia significativa e do enquadre do fantasma, ambos referenciados à primazia do simbólico e à lógica do *todo*. Esta

operação, formulada por Miller a partir do seminário de número dezenove, introduz a possibilidade da extração contingencial do *Um*, de uma redução ao real, ao núcleo do gozo de *lalíngua*.

Este último conceito foi cunhado por Lacan na série de seminários proferidos no *Hospital Saint-Anne* publicados com o título *Estou falando com as paredes* (1971-72/2011), e, de forma concomitante, no seminário de número dezenove *...Ou pior* (1971-72/2012). O termo *lalíngua* representa a busca de Lacan ao mais real do gozo. O neologismo aglutina os efeitos do encontro com a língua materna, o gozo presente na lalação do *infans*. Trata-se da constituição de um *léxico lógico singular* que fundamenta um saber inédito no uso da fala e condiciona as relações do *falasser* com a linguagem. Baseada em Lacan no seminário de número vinte e três, *O sintoma* (1975-76/2007), Coelho dos Santos nos lembra que “o real redefinido como *lalíngua* é excluído da linguagem articulada, embora faça parte, como tudo que é humano, do campo do significante.” (Coelho dos Santos, 2009b:20). Lacan (1974/inédito) demonstrou que toda língua, por estrutura, é morta mesmo que ainda seja falada. A língua só ganha vida para o *falasser* quando articulada à *lalíngua* que lhe é própria.

Esse uso inédito promove um “princípio de identidade de si para si, e não é alguma coisa que se produza no nível do Outro, mas no nível da lógica.” (Lacan, 1974/inédito). Na primeira lição do seminário sobre James Joyce, intitulado *Do uso lógico do sintoma ou Freud com Joyce*, Lacan demonstra como o escritor irlandês injetou sua *lalíngua* na língua inglesa, de forma a subvertê-la e assim inaugurar uma maneira singular de fazer literatura: “o sintoma é puramente o que *lalíngua* condiciona, mas de certa maneira Joyce o eleva à potência da linguagem.” (Lacan, 1975-76/2007:162). O que Lacan demonstra é que *Joyce*, diante da carência da

transmissão paterna, inscreve um nome próprio campo da linguagem condicionado por sua *lalíngua*, uma invenção singular para tratar o real da inexistência da relação sexual.

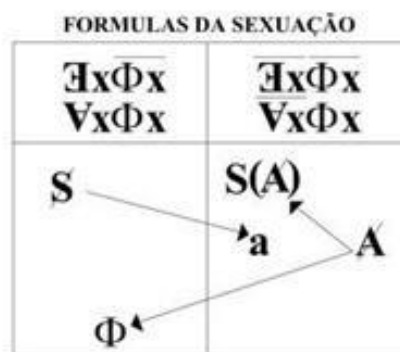
## 5.2. Sexuação e invenção

Na época de uma presença legítima da psicanálise lacaniana, à fórmula geral reduzida ao axioma da *não relação*, é correlata outra expressão encontrada no seminário *O sintoma*: “não há Outro do Outro” (Lacan, 1975-76/2007:54). Não há metalinguagem que garanta a inserção do ser sexuado no laço social, no mundo de partilhas entre os *seres falantes*. Maleval (2000) aponta que a inconsistência do Outro já era apontada de forma discreta no grafo do desejo, apresentado por Lacan no seminário de número cinco (1957-58/1999) e no texto *A subversão do sujeito e a dialética do desejo* (1960b/1998). Nestes, no lugar em que se encontra o gozo, Lacan introduziu o matema  $S(\bar{A})$ , representando a falta de um significante essencial no campo do Outro, o que denuncia um buraco. Entendemos que esse furo se apresenta como expressão dos eventos traumáticos que cindem o Outro ao longo da série: *nascimento*, *desmame* e *castração*. Na única aula do seminário interrompido, *Os Nomes-do-Pai* (1964/2006), fica exposto que a incompletude do Outro não permite mais concernir o pai como um modelo universal que localize a conjunção do desejo com o gozo. Entretanto, Maleval salienta que será apenas nos textos e seminários proferidos na década de 1970 que a inconsistência do Outro ganhará o vigor propriamente lacaniano, e, conseqüentemente, uma nova ótica da parceria analítica que se organiza pela lógica edípica revista à luz de um para além do falo.

No seminário *Mais, ainda* (Lacan, 1971-72/1985), Lacan apresenta numa tábua as fórmulas quânticas da sexuação, um quadrado composto de suas barras,

uma horizontal e outra vertical. Do lado esquerdo se localiza o lado masculino e do lado direito o lado feminino. Na parte superior encontramos como a castração opera, se localizando junto do segundo tempo do Édipo e na parte inferior temos os resultados da castração, ou seja, as saídas possíveis diante da castração e do impossível da relação sexual. Estas fórmulas representam a tentativa de Lacan ordenar as diferentes formas de distribuição do gozo entre os sexos.

**Figura 4**



*Lacan, 1972-73/1985*

O primeiro matema desta fórmula quântica do lado masculino é  $\exists x\Phi x$  que demonstra do lado masculino a existência de um homem (x) que não estaria referenciado à norma fálica, a exceção. É o pai enquanto agente da castração, a instância do Outro que funda o *todo*. Esta exceção faz constituir o conjunto dos homens representado pelo matema  $\forall x\Phi x$ , ou seja, o conjunto dos homens está referenciado à norma fálica. O sujeito barrado, marcado pela falta, ascende à identificação fálica que engendra a escolha do parceiro-sexual a partir da versão fetichista do objeto *a* que comporta seu fantasma. É a primeira referência expressa ao termo parceiro, aqui completado pela palavra sexual. Não sem razão, visto que o que se trata aqui é do amor, entendido como o encontro contingente no parceiro do objeto que causa o desejo e localiza, para o homem, a conjunção de saber e verdade. No seminário de número vinte e três, Lacan definirá a mulher como o



sintoma do homem, sintoma que é a grafia capaz de realizar a conjunção entre sintoma – identificação – e fantasma – gozo.

No andar de baixo temos no lado masculino dois matemas: o  $\Phi$  e o  $\$$ . O primeiro representa a verdade enquanto o  $S_1$ , ou seja, a verdade inexistente desta representação metafórica. O  $\$$  representa exatamente a tentativa de inscrever algo sobre o enigma, é o sujeito que surge dividido, clivado, entre  $S_1$  e  $S_2$ . Só ganha sentido em relação ao objeto  $a$  do outro lado configurando assim o matema da fantasia:  $\$ \diamond a$ . Temos aqui a representação do Édipo no menino. Diante da ameaça de castração: ou o menino se identifica ao pai e faz de uma mulher objeto de seu desejo, ou goza de seu próprio falo como crença real de sua existência, ou se coloca numa posição feminina como objeto de desejo do pai. Esta última escolha pode ocasionar uma opção real de objeto homossexual ou apenas permanecer na fantasia.

Dafuncho esclarece que a divisão do homem constitui sua maneira de fazer parceria. Ele toma a mulher como aparece no mito da horda primeva, como objeto de gozo. Trata-se para o homem de quem goza das mulheres. Essa abordagem do feminino pela via da fantasia do homem define como se organiza o gozo para o macho. O homem acredita gozar do corpo da mulher, ao passo que apenas goza de sua fantasia. (Dafuncho, 2009/2011).

Observamos neste andar superior como opera no menino e na menina a questão da castração. Enquanto do lado masculino, detentor do representante do falo, o pênis, a questão identificatória se dirige ao pai como interditor onipotente da relação com a mãe, nas meninas este referencial do que seria ser uma mulher não está colocado. A constatação da diferença sexual nos homens interdita seu desejo

incestuoso e permite uma saída da situação edípica localizando seu gozo no fantasma. No caso das mulheres essa configuração coloca um problema a mais, elas ficam à deriva, sem conseguir localizarem-se diante da castração.

No lado feminino das fórmulas temos outra configuração. Não existe nenhuma exceção deste lado, não existe uma mulher que não esteja referenciada à norma fálica, pois não existe *A* mulher, plena, toda:  $\overline{\exists x \Phi x}$ . Isso resulta que *não-toda* mulher está referenciada à norma fálica:  $\overline{\forall x \Phi x}$ . Isto ocasiona a inexistência de um conjunto de mulheres, elas são sempre uma a uma. No andar de baixo do lado feminino temos três matemas. O primeiro,  $\overline{A}$ , representa a inexistência de um grande Outro da Mulher, uma mulher plena, visto que a castração é fato consumado em todas as fêmeas, posição original da mulher da qual pouco se pode dizer. A mulher está *não-toda* referenciada à norma fálica, mas conserva como ponto incurável a reivindicação da falta do pênis no corpo, o *penisneid*. Freud, no texto *A sexualidade feminina* (1931/1996), descrevia essa posição a partir do complexo de masculinidade que deve ser entendida em Lacan de forma ampliada, abrangendo todas as relações da mulher com o falo, inclusive a posição materna, visto que os filhos ocupam para ela o substituto deste. A mulher, entretanto, comporta outra dimensão do gozo que vai além do gozo fálico. Ela se endereça ao matema  $S(\overline{A})$ , ou significante que marca a falta do grande Outro representando a inexistência da metalinguagem: não há Outro do Outro, é o que denuncia a feminilidade. O gozo suplementar ao qual se referia Lacan é o gozo eminentemente feminino, chamado por ele de gozo Outro. Este gozo é experimentado pelos místicos, estes que creem no amor de Deus, tal como encontramos representado na estátua de Bernini: o êxtase de Santa Tereza no seu encontro divino com um anjo.

Com a organização das posições sexuadas do homem e da mulher, Lacan estrutura as maneiras típicas da escolha do parceiro. O homem não goza do corpo da mulher, ele goza do próprio falo e encarna na mulher, tomada na malha de seu fantasma, seu objeto fetiche: pequeno *a*. A perversão é a estrutura clínica que se arranja num certo *saber-fazer* com o real da não complementaridade entre os sexos. Freud há muito já afirma ser a neurose o negativo da perversão, interrogando ser a predisposição universal da pulsão sexual humana. (Freud, 1905/1996). Caracteres que orientam a escolha do parceiro e engendram, pela identificação ao falo, a conjunção entre saber e verdade. É impossível que o homem faça amor, ele só o faz enquanto semblante. O ato de amor no homem é sua perversão polimorfa. No seminário de número vinte e dois (Lacan, 1974-75/inédito), o pai em Lacan é tomado cada vez mais como um pai vivo, pai que comporta a marca da castração e a transmite. Assim, ele constitui um modelo a partir de sua exceção para o filho na constituição de uma parceria *père-vertidamente* orientada pelo objeto causa de seu desejo.

A maneira masculina de tratar o impossível da relação sexual é a partir do gozo fálico, e a maneira feminina se dá a partir de um gozo que faz referência ao *não-todo*. A mulher é *não-toda* inscrita na lógica fálica. Ela comporta uma relação intransponível com o falo, como apontava Freud, mas é marcada por um gozo suplementar, o gozo Outro. Esse gozo para além do falo nos remete à mística, por seu efeito de amor pleno. A mulher ama o homem na medida em que comporta a dimensão do saber sobre o gozo do falo, entretanto, essa vertente não é a única. A mulher escolhe seu parceiro, se entrega a ele, pelo que ele lhe diz, a saber, pela fala. O fantasma na mulher só entra em cena enquanto função quando esta é mãe, quando cuida dos objetos pequeno *a* que representam para ela o falo tão sonhado.

No seminário de número vinte e dois, Lacan (1974-75/inédito) nos diz que a mulher se ocupa dos objetos pequeno *a* que são as crianças. Nesta perspectiva a fantasia deixa de ser unissex e localiza-se do lado masculino da fórmula. Até mesmo o masoquismo feminino já era apresentado por Lacan no seminário sobre a angústia como sendo uma fantasia eminentemente masculina, como todas as outras perversões. É uma maneira do homem abordar a angústia diante do feminino. O enfrentamento da castração poderia promover no homem outra relação com o gozo Outro, permitindo amar e fazer poesia para além do sexo. Já do lado feminino, a disjunção e o desdobramento entre o gozo fálico e o gozo Outro só se faz possível no encontro com um homem e pela via da fala, encontro que ao mesmo tempo provoca aflição. (Dafunchio, 2009/2011).

No seminário *O sintoma* (1975-76/2007), Lacan afirma que a mulher é para um homem um sintoma. A mulher representa a verdade para um homem. A palavra dela permite a conjunção entre semblante e gozo. O gozo fálico é o que permite a conjunção do semblante com o gozo. Desta forma a mulher é equivalente ao Nome-do-Pai. O falo é semblante do gozo. Na neurose obsessiva o que está em jogo é a verdade como tentativa de evitar a castração, diferentemente da posição masculina que traria na mulher a localização desta verdade (mulher como objeto causa de seu desejo). Já na mulher, Lacan retoma Freud ao dizer que elas têm um supereu rebaixado (logo não concernem à identificação) e se prendem na tentativa de serem tratadas como exceção: *A Mulher* não existe. A posição de objeto *a* é o que permite realizar, ao se fazer objeto causa de desejo para um homem, uma conjunção de satisfação, tanto pelo falo (falo do homem e os filhos), quanto pelo amor. Um homem é para uma mulher pior que um sintoma, é uma devastação. No lado da mulher, na

neurose histérica, encontramos uma disjunção entre o falo e o filho, como resistência em passar do pai ao homem.

Veremos a seguir como o analista nesta clínica opera como *parceiro-sinthoma* das invenções singulares acerca do impossível do sexual, a partir de um Nome do Pai encarnado, singular, em sua pai-versão (Lacan, 1974-75/inédito): *père-vertidamente* orientado.

### 5.3. O forçamento do que ressoa, reitera

Se na clínicas anteriores o fazer do analista era descrito pela interpretação e pelo ato analítico, neste momento do ensino de Lacan é a noção de forçamento que acompanha o analista *parceiro-sintoma*. Na aula de 19 de abril de 1977, *L'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-77/inédito), Lacan define o analista como aquele capaz de realizar uma parceria com o analisando a partir da *lalíngua*, do que se apresenta no dizer, e interroga a seguir se a psicanálise seria portanto um autismo a dois. Conclui que a garantia de a psicanálise não cair no inefável de uma lalação a dois é a correlação estrutural de *lalíngua*, a língua parental com a língua comum. Mesmo existindo uma variedade infinita de *sinthomas* (Lacan propõe o neologismo *varidade* na aglutinação da *variedade* com a *verdade*), o discurso tem a função de ordenar o laço social. Se a subjetividade humana comporta a ideia da debilidade, do fora do sentido, caberia ao discurso constituir um mental. Nesse sentido a conjunção entre o mental e debilidade de cada um, ou em outros termos, entre *lalíngua* e o campo da linguagem, ou entre o gozo autista e o significante, só se faz possível por efeito de forçamento. Esse forçamento seria da ordem da poética, da inscrição de um significante novo no laço social. É como se apresenta no último Lacan o fazer do analista na direção da cura.

Se vocês são psicanalistas, verão que o forçamento é por onde um psicanalista pode fazer ressoar outra coisa que o sentido. O sentido é o que ressoa com a ajuda do significante. Mas o que ressoa, não vai longe, é de preferência fraco. O sentido tampona. Mas com a ajuda do que se chama a escrita poética, vocês podem ter a dimensão do que poderia ser a interpretação analítica... Ser eventualmente inspirado por alguma coisa da ordem da poesia para intervir enquanto psicanalista? É bem nesta direção que é preciso voltar, porque a linguística é uma ciência muito mal orientada... A metáfora, a metonímia, não têm alcance para a interpretação a não ser na medida em que sejam capazes de fazer função de outra coisa, pela qual se unem estreitamente o som e o sentido. É na medida em que uma interpretação justa extingue um sintoma que a verdade se especifica em ser poética. Não é do lado da lógica articulada - ainda que por aí eu deslize na oportunidade - que se deve sentir o alcance de nosso dizer. Não que não haja nada que mereça duas vertentes, o que nós enunciamos sempre, porque é a lei do discurso como sistema de oposições. É isso mesmo o que precisamos ultrapassar. A primeira coisa seria extinguir a noção do belo. Não temos nada a dizer do belo. É de uma outra ressonância que se trata, a ser fundada sobre o chiste. Um chiste não é belo. Ele não se sustenta senão de um equívoco ou, como diz Freud, de uma economia. Nada mais ambíguo que esta noção de economia. Porém podemos dizer que a economia funda o valor. Pois bem! Uma prática sem valor, eis o que se trataria para nós de instituir. (Lacan, 1976-77/inédito).

Tinoco (2004) utiliza um texto de Naveau, ao discutir o tema da voz na alucinação verbal, para destacar que “a relação que se estabelece entre o significante e a voz em sua dimensão de objeto destacado do corpo é concebida por Naveau através de um significante específico, unívoco, o  $S_1$ .” Ela cita Naveau quanto à voz tomada como objeto que resta: “é o equívoco reduzido, por um forçamento, ao unívoco” (Naveau, 2004:27). A autora segue esclarecendo que realiza-se uma conjunção entre o  $S_1$  e o objeto *a* em termos de equivalência. Arenas (2012) remete a Miller no texto *O lugar e o laço* (2001-02), para reafirmar que:

A experiência psicanalítica é um forçamento do autismo entre dois, graças à linguagem. Um forçamento do Um do gozo graças ao Outro da linguagem. A linguagem, o discurso, o laço, tratamento do real descoberto por Freud que Lacan atualiza, situando-o na época e oferecendo ao psicanalista do século XXI ferramentas com as quais o inconsciente transferencial permite contornar, afetar, o inconsciente real. (Arenas, 2012).

Entre o Outro da linguagem e o gozo do Um, Coelho dos Santos (2009) sugere que esta nova abordagem da clínica renova a potência do amor de transferência se o analista torna-se parceiro das versões encarnadas no *sinthoma*. Trata-se de um lugar sempre inédito que se sustenta por um *sinthoma* muito específico: o *sinthoma do analista*. É nestes termos que Lacan define o analista no seminário *O sintoma* (1975-76/2007). Para além do desejo do analista e do discurso do analista, Lacan nos diz que não é a psicanálise que é um *sinthoma*, mas o psicanalista.

Para defini-lo desse novo modo, suponho que é preciso ir além de uma ética do desejo em direção a uma ética da responsabilidade pela solidão do inconsciente de cada um. Implica tomar cada ato de fala como essencialmente sem Outro, como um forçamento de um inconsciente particular que pode esperar converter-se em um dizer se ele consegue se engancha no inconsciente de alguém. Por essa razão, o Outro de cada um é sempre um outro localizado. Ao analista cabe a tarefa de recriar esse atributo paterno que é o poder de surpreender e de envolver o sujeito na experiência analítica. (Coelho dos Santos, 2009b:23).

Diante dessa nova concepção da ética, que caminha para além da ética do desejo do Outro, rumo a ética da responsabilidade de cada um, a autora citada nos adverte que é necessário lançar mão do saber da realidade na clínica: “Penso que ‘*Uma questão preliminar a toda psicanálise possível*’ seria perguntar se é possível operar psicanaliticamente sem conceder, nem que seja como artifício, a primazia ao

simbólico. Nem que seja como um artifício.” (Coelho dos Santos, 2002). Miller (2002-03/inédito) propõe um esforço a mais de poesia, para que a interpretação possa promover a enunciação que precipite um ponto de invenção que permite ao *falasser* inscrever-se no laço social. Miller (1998) entende o final da análise na redução da ficção à uma letra. A operação-redução caminha rumo à poética pulsional, operação que amplifica os efeitos do acontecimento do corpo. Miranda (2008) afirma que “no último ensino de Lacan a letra resta como presença do ‘intratável’, torna-se ela própria essa presença; desvinculada do compromisso com o significado, aparece como presença de um gozo *fora do sentido* e não como peça da engrenagem da comunicação”. (Miranda, 2008:43).

Cabe fazermos a distinção entre o significante e a letra, o que se escreve é a letra. O significante se relaciona à linguagem, ao Outro, e se funda a partir da inscrição de uma letra. A letra é pura, são os ajuntamentos, pela lógica da teoria dos conjuntos, que podem gerar os sentidos da lógica significante. “O inconsciente é estruturado por uma linguagem. O inconsciente é estruturado como os ajuntamentos de que tratam na teoria dos conjuntos como sendo letras.” (Miranda, 2008:66). O discurso do analista é uma tentativa de colocar as letras em cadeia, e o faz por acreditar que a linguagem vem em suplência da *não relação sexual*. Esse discurso promove efeitos ao introduzir as letras no discurso que as condiciona, já que o signo é efeito da incidência do significante no corpo.

No fim das contas, há apenas isto, o laço social. Eu o designo com o termo discurso, porque não há outro meio de designá-lo, uma vez que se percebeu que o laço social só se instaura por ancorar-se na maneira pela qual a linguagem se situa e se imprime... sobre... o falasser... Não há outro aparelho senão a linguagem. É assim que no falasser o gozo é aparelhado. (Lacan, 1971-72/1985:74).



Na aula de 21 de dezembro de 1976, do seminário *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, Lacan interroga sobre como cessar o movimento da banda de Moëbius, que faz com que o que estava antes, de um mesmo ponto de vista, seja passado logo a seguir para trás. Para ele, seria da ordem de um *saber-fazer*.

O interior e o exterior... são noções de estrutura ou de forma? Tudo depende da concepção que se tem do espaço, e direi, até certo ponto, do que pontuaremos como a verdade do espaço. Há certamente uma verdade do espaço que é a do corpo. O corpo é algo que não se funda a não ser sobre a verdade do espaço. É bem nisso que a espécie de dissimetria que coloco em evidência tem seu fundamento... Há uma mesma dissimetria não apenas concernente ao corpo, mas concernente ao que designei de simbólico. Há uma dissimetria do significante e do significado que permanece enigmática. A questão que queria avançar este ano, é exatamente esta: será que a dissimetria do significante e do significado é da mesma natureza daquela do continente e do conteúdo, que é, de fato, alguma coisa que tem sua função no que diz respeito ao corpo? Aqui importa a distinção da forma e da estrutura... Será que a forma é algo que se presta à sugestão? Eis aí a questão que coloco e avançando a primazia da estrutura. Que o corpo possa apresentar toda sorte de aspecto que são de pura forma e que tenho, há pouco, colocado sob a dependência da sugestão, eis aí o que me interessa. A diferença da forma, enquanto é sempre mais ou menos sugerida, com a estrutura, é o que eu gostaria, este ano, de colocar em evidência. (Lacan, 1976-77/inédito).

É por esta razão que faz equivalência entre discurso, laço social e sintoma: a realidade da relação sexual se funda e se define no discurso.

## 6. A clínica e suas parcerias

Na conferência de abertura do instituto clínico de Buenos Aires realizada por Miller, *O Rouxinol de Lacan* (1998), a figura do rouxinol serviu de retórica. A ave, extraída de um texto de Jorge Luis Borges, mas também citada por tantos outros escritores, como Ovídio e Shakespeare, fez ecoar ao longo dos tempo seu canto poético, que muito serviu de inspiração. Não se trata, entretanto, do mesmo rouxinol, enquanto matéria, que cada poeta encontrou em sua caminhada, mas uma melodia própria que fez ressoar o que é típico da espécie: um canto cuja singularidade estética impressiona aos ouvidos. Nas palavras de Miller: “um animal realiza totalmente a espécie” (Miller, 1998), ou seja, o canto de um rouxinol representaria um todo comum à espécie. Nesta dimensão, o rouxinol de Keats, citado por Borges, é o mesmo de Ovídio ou de Shakespeare. Mas, os efeitos e a poesia que seu canto engendra em cada literato, não são da mesma ordem, visto que o homem é sempre único e não realiza assim totalmente sua espécie. Ao contrário, é sempre da ordem do equívoco que o sujeito se apresenta, deslocando seu *ser* da espécie, seu particular do universal, seu caso diante da regra, e, com isso, inscreve no coletivo um *modus* de viver singular. Lacan, no texto *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos escritos* (1973/2003), aponta que

(...) existem tipos de sintoma... os tipos de sintoma decorrem da estrutura... o que decorre da mesma estrutura não tem forcosamente o mesmo sentido. É por isso que só existe análise do particular... os sujeitos de um tipo, portanto, não têm utilidade para os outros do mesmo tipo. (Lacan, 1973/2003:554).

Este trabalho aposta na tese de que a psicanálise é tributária de duas concepções, a da experiência e a da clínica, e por isso investimos na ideia de que as

parcerias analíticas se desenrolam entre essas duas concepções, como nos aponta Guimarães (2007/2008): “a psicanálise consiste nessa articulação entre o real da experiência e a teoria relativa a este real”. Em busca de destacar a fineza da prática analítica tomaremos alguns fragmentos de casos, extraídos dos testemunhos de passe de Dominique Laurent (2000; 2000/2001) e Antoni Vicens (2009), bem como o caso do Profeta Gentileza, apresentado por Guerra (2007). Procuraremos destacar os fenômenos, os aspectos estruturais e tipológicos, bem como tecer em cada caso a marca da singularidade sintomática e as parcerias com as quais estes sujeitos jogaram as partidas de suas vidas.

Miller (1997a/2000) conta um relato de caso exemplar para introduzir a dimensão do parceiro na clínica. Trata-se de uma mulher cuja gravidez da mãe ocorre numa relação sexual casual. O pai não assumiu a paternidade e abandonou suas funções antes mesmo do nascimento da filha. A função de introdução da metáfora paterna opera pela substituição do pai biológico pelo homem com quem a mãe se casa. “Alguém ocupa o lugar de pai, mas não a ponto de impedir uma divisão precoce: *‘Ninguém pagará por mim’*, decisão que faz dos males um bem por assumir o desamparo em que foi largada. *‘Necessidade de ninguém’*, eis como ela se sai. Isso a lança em uma certa errância.” (Miller, 1997a/2000:194).

A lógica do fantasma está instalada e a escolha do parceiro segue esta tópica. O homem ao qual ela se apega, com quem se casa e tem filhos comporta uma particularidade: *ele não quer pagar sua cota para uma mulher*, é um homossexual. “*Nobody is perfect*. Eles se amam, se entendem. Um não pagará pelo outro, eis o lema do casal.” (Miller, 1997a/2000:195). Na análise, um sonho revela o desejo de que o Outro pague por ela, “uma butique de infância conduz a associação de que, quando ia comprar alguma coisa embaixo do prédio onde morava, ela dizia:

‘Papai vai pagar’. Papai era o substituto. E ei-la que se põe a desejar que o homem, o pai de seus filhos, pague sua parte.” (Miller, 1997a/2000:195). O casal se separa depois de vinte anos, assim que uma nova proposta (uma nova conta à pagar) se torna insuportável àquela parceria que se sustentava em outras bases sintomáticas.

Diante da relação sexual que não existe, o casal citado fez uso da posição da fantasia para constituir uma parceria de duas décadas, constituíram uma família. Laços que funcionaram por um tempo, visto que respondiam a certo arranjo. Ao embaralhar os significantes no endereçamento ao analista pela via associação livre, a paciente pouco a pouco encadeia sua história, remonta o curso de suas escolhas. O discurso analítico operando um corte na voz inflexiva do Outro, reconduz a causa do desejo ao lugar de agente e permite que a analisanda atrevesse sua fantasia. O *sinthoma* para Lacan na clínica do real é o que aparelha o gozo, que substitui a relação sexual que não se increve. (Miller, 1998). O *sinthoma* com *th* não é a patologia, como propõem os DSM's, mas sim o parceiro do *falasser*.

### **6.1. Rei sol e Rainha da Noite**

Para Miller (1997a/2000), o lugar do pai é essencial nas escolhas dos parceiros conjugais na histeria, promovendo efeitos no seu corpo. No relato do passe de Dominique Laurent (Laurent, 2000; 2000/2001) temos que a falização de seu corpo, por identificação ao pai na tentativa de salvá-lo da castração, promoveu uma postura andrógena e anorética, sem traços femininos. Um corpo marcado por uma tristeza constante, que encontrava no trabalho incessante suporte fálico para a vida. Ela se sentia com um imperativo de *salvar* seus pacientes, o casamento, ela mesma. O relato de passe de Dominique é um trabalho cuidadoso, que, segundo a autora, visa a ser capaz de traduzir em matemas a experiência de uma análise,

elecionando neles os significantes de uma história singular. Ela organiza seu depoimento procurando distinguir o termo *salvar* na ordem de um significante parterno, ordenado na cadeia linguística, do que esse termo diz a respeito do gozo materno, e principalmente, como o *sinthoma* aparelhou sua letra de gozo. O relato extrai o nome que reitera, e permite assim um *saber-fazer* com o real, modificando as relações e o engajamento dela na vida e na causa analítica. (Laurent, 2000; 2000/2001).

A primeira observação pertinente à formalização do caso clínico centra-se na configuração da formulação da demanda dirigida ao analista pelo analisando, ela nos permite localizar como se organizam as relações do sujeito com o parceiro, desvelando a estrutura e as modalidades de parceria da amarração subjetiva. (Guimarães, 2007/2008). O significante de entrada presente na demanda endereçada por Dominique ao analista podia ser resumido na expressão *salvar*, termo que surge no momento de crise no casamento que a conduz à análise. Suas queixas relativas às dificuldades e fragilidades do parceiro demonstravam a estrutura de incompletude lógica de sua fantasia histórica. Esse significante evidenciará ao longo do seu primeiro processo analítico a identificação fálica, parceiro-símbolo fundamental. Sua primeira análise (que durou 14 anos) desvelou a posição subjetiva de *salvar o pai*, inválido de guerra. Também aparece uma identificação com o *Dr. Schweitzer*, médico caridoso que tinha como missão *salvar* os necessitados. Estas duas identificações foram significativas, na escolha profissional pela medicina; pela postura firme e dura; por sua dedicação extrema ao trabalho; por seu corpo esquelético, sem formas e com poucos aspectos femininos. (Laurent, 2000).

A escolha do analista foi marcada por alguns significantes que já demonstravam as regras do jogo: a analista deveria ser mulher; o nome de sua

analista era o mesmo de sua mãe, o sobrenome também a captura; não deveria ter formação médica-psiquiátrica; deveria ter competência reconhecida; e também um ponto de vista específico acerca da questão feminina. Apesar das questões relativas ao falo ocuparem o primeiro período de tratamento, os significantes da transferência já destacavam o lugar do Outro materno no caso. (Laurent, 2000; 2000/2001).

Segundo Guimarães (2007/2008), faz-se fundamental determinar o ponto de desestabilização da estrutura que a leva à análise. A medicina sempre sustentou a possibilidade de salvar, entretanto, naquele momento de sofrimento psíquico, o saber psiquiátrico pouco lhe ajudou, não conseguir afastá-la de seu tormento. A frase que expressa a angústia diante do interesse inédito por outro homem que não o marido foi transmitida na demanda: *Ela quer salvar seu casamento*. As queixas iniciais logo recaem sobre o marido, que na ocasião estava embarçado com a novidade de ser pai. No discurso da histérica aponta-se para a carência do pai, e sua fantasia, como nos aponta Lacan (1960-61/1992), é marcada pela insatisfação, pela incompletude. Diante de suas carências, Dominique expunha a carência do marido, do pai, dos homens. O outro homem de seus pensamentos é pai, de filhos de outra mulher, e é elevado à potência viril: sabia ser pai, “*um pai a postos*”. No fundo, a questão em jogo na transferência era com o próprio pai. Entre o pai e a medicina, salvar e ser salvo. (Laurent, 2000).

O pai era vítima de guerra, o que exigiu muitos cuidados: “*Quando eu crescer, quero ser médica, ou isso, ou nada: igual ao Albert Schweitzer.*” Dar o que não tem (aos pobres), demonstra sua identificação ao homem castrado, o pai herói castrado pela guerra. O médico Schweitzer, conhecido por sua dedicação aos enfermos, nasceu na Alsácia, cidade do império alemão que depois passou para a

França e que se localizava a apenas alguns quilômetros do lugar onde o pai teria sido ferido. (Laurent, 2000).

Neste mesmo local, ela relata uma lembrança encobridora que emergia no lugar da castração paterna. *Certa vez, quando se asfixiava por um acesso de tosse engolindo a língua, seu pai colocou o dedo em sua garganta e lhe salvou, mas ela mordeu o dedo do pai.* O irmão de Dominique também apresentava suas fragilidades, sofria de moléstias. Metáforas militares eram utilizadas pelo pai para exprimir a virilidade. Entre o parceiro atual e o pretendido, entre o pai e o Dr. Schweitzer, ela assumiu o lugar fálico. (Laurent, 2000).

A primeira análise só a colocou diante do gozo fálico, mas não tocou o gozo Outro. A posição da analista a deixava diante de um terror, e após uma interpretação selvagem que a lançou mais ainda na depressão, ela deixou essa análise com um saldo que se expressa em forma de sonho: *Analista, mãe da analista e ela juntas; a analista tinha vergonha da mãe, a analisante queria conhecê-la; essa senhora se apresenta como uma figura de papelão, ridícula, como uma personagem de opera de Mozart: A rainha da Noite.* (Laurent, 2000; 2000/2001).

Na segunda análise evidencia-se um para além do falo. O significante *salvar* desvela as relações mais primitivas de Dominique com sua mãe. Ela tinha incorporado a demanda materna de ser *salva*, ela deveria *salvar* a mãe de uma posição melancólica e mortificante. Dominique relata que a mãe dela não gozava do pai, gozava em outro lugar, do lugar da morte. Se a identificação fálica serviu de eixo para organização de sua vida, a versão de gozo materno a desorganizava. A mãe era depressiva desde criança e ideias suicidas eram relatadas à filha, que se

inundava pelas questões da mãe. *Salvar* a mãe desta aspiração à morte era outra vertente deste termo. (Laurent, 2000).

Quando Dominique já fazia parceria com o homem dos pensamentos da primeira análise, inicia-se a segunda, que ela demanda a um homem e começa colocando em cena estes termos: *Rainha da Noite*. Das conversas sobre morte, Dominique lembra que a mãe contara sobre um gosto pelas roupas de luto da avó. O analista interpreta que a expressão *Rainha da Noite* era na verdade *Rainha da Morte*, e encerra a sessão. Nome de gozo que traduz o termo *salvar* oriundo do desejo da mãe, que apenas num segundo tempo teria sido metaforizado pelas nomeações advindas do pai. O gesto de morder o dedo do pai não se referia ao pai que a salva, mas a mordida localiza a posição na fantasia de Dominique: *se deixar ser mordida pelo Outro*. Os pares *morder - morrer; eu mordo - eu morto*, apontam para um gozo para além do falo, da ordem de *lalíngua*. (Laurent, 2000; 2000/2001).

A insígnia da mãe voraz na expressão *Rainha da Noite*, será substituída pela insígnia da lei paterna: *Rei Sol*. Essa insígnia do pai morto, morto em sua potência após a guerra, era verificável pelo símbolo da medalha de Honra ao mérito e pelo símbolo do local do acontecido com o pai. A conjunção entre o plano da linguagem e o campo do gozo é a questão central da teoria do parceiro. Na primeira clínica, Lacan localiza a conexão entre o significante e gozo pela via do falo, o que trazia um problema quanto à diferença entre os sexos. A seguir, a fórmula da fantasia não representava da mesma forma uma conjunção que fosse capaz de dar conta de um excesso não limitado de gozo do lado feminino, ele continuava atrelado à cadeia significante. Na perspectiva da clínica do real o significante aparelha o gozo. E, no caso de Dominique, percebemos como se enlaçam as insígnias *Rei Sol* ( $S_1$ ) e



*Rainha da Noite* (S(~~A~~)), promovendo a emergência do *sinthoma*. (Laurent, 2000/2001; 2006).

## **6.2. A vida me ama**

Miller (1997a/2000) aponta como parceiro essencial do obsessivo seus próprios pensamentos, tal qual nos demonstra o caso do Homens dos Ratos descrito por Freud. Mais importava ao Tenente Ernest Lehrs eram muito mais os seus pensamentos sobre a dama do que a Dama em si. No caso de Antoni Vicens se evidencia que “ele sempre se servia do pensamento como um guia da sua vida”. (Murta, 2011), e que o final de sua análise revela: “Não tinha mais necessidade da destruição pelo pensamento para amar a vida. A vida porta nela mesma sua destruição; da vida ela mesma.” (Vicens, 2008:22). Na neurose obsessiva, neurose do forçamento, os pensamentos governam religiosamente a vida numa tentativa de negar a pulsão de morte: “Eu deixei cair aí uma doce ambição, aquela de desconhecer a pulsão de morte. Eu reconhecia o impossível do negócio: alimentar a vida do que a destrói.” (Vicens, 2008:22).

Vejamos como se desenvolve o relato de Antoni Vicens a vida guiada pelos pensamentos que se desenrola em seu testemunho entre duas posições morais: o cinismo e a ironia. Ele nos relata que o cínico acredita poder abrir mão do discurso e do laço social. Mas, apesar de sua aparente soberania, precisa de demonstração e exibição, recuperando assim o Outro que pretendia abandonar. Já o irônico vive o risco de não conseguir fazer laço social, sua vertente é singular e não prevalece no campo do Outro, que para se inserir pode vir a apagar-se como sujeito da enunciação. A escola, para ele, surge como uma possibilidade de fazer laço sem eximir de sua responsabilidade. (Vicens, 2009).

A questão da responsabilidade é outro ponto crucial nas relações da neurose obsessiva com o gozo. Trata-se de uma neurose que, devido ao imperativo do gozo da fantasia, opera uma disjunção entre o semblante viril e o gozo. Desta forma o obsessivo recusa ser o mestre e evita reunir as condições para tal. (Lacan, 1968-69/2008). No lugar do mestre idealiza o Outro feroz, tal qual o Capitão Cruel no caso do Homem dos Ratos. De forma que o caminho para o final de análise passa pelo trato da angústia diante do semblante da virilidade, com a qual o sujeito vai se haver, se responsabilizar-se pela causa do seu desejo. Resta talvez com um incurável, que exige responsabilizar-se por sua neurose. (Laia, 2006).

Assim, temos no parceiro-símbolo um parceiro essencial na estrutura obsessiva. O desejo obsessivo é por estrutura enclausurado no Outro, preso ao redor do falo, que no caso de Antoni vemos desvelar a clausura literalmente desvelada nas relações de seu pai e seu avô com um presídio bem presente em sua história infantil. Para além do cárcere real, a religião e a fé eram marcas presentes que contribuíram para ornamentar a clausura estrutural do pensamento obsessivo. A força do supereu na neurose obsessiva age como um Juiz ou Deus severo, obrigando-o a resistir ao gozo e fazer cárcere seu desejo. (Vicens, 2008).

As coordenadas do desejo da mãe eram marcadas por uma particularidade da morte. O único irmão homem da mãe morreu ainda quando criança, até o próximo varão nascer e ganhar o mesmo nome do defunto. Sua mãe amava um jovem que morreu na guerra, um luto nunca resolvido a levou ao casamento apressado com o pai de Antoni. O casal teve dificuldades de ter filhos, o primeiro nasceu morto, logo a seguir veio o irmão de Antoni, que segundo seu relato subjetivo, era o *desejado* que cumpriria as expectativas familiares. Os pais, já resolvido a questão do herdeiro homem e em tempos de muita dificuldade política e

socioeconômica, evitavam outro filho, mas Antoni nasce. Desenha-se aqui um desarranjo, que tem efeitos na vida cotidiana, tal como se evidenciam os sintomas de desinserção simbólica e “falta de sustento generalizada”. (Vicens, 2008).

Um interpretação do analista o lança num sonho onde ouve deste: “*Você nasceu de um erro burocrático!*”. Diante da dúvida diante ao enigma do desejo do Outro, surgem três destinos possíveis: identificar-se a série dos *mortos* (irmão da mãe, jovem amado pela mãe, irmão natimorto), como *falo morto*; ou identificar-se às irmãs na função do *falo em ser* diante do pai castrado; ou a via que lhe restou: uma identificação ao *falo de combate* diante do avô déspota e intimidante diante de toda família. Como reação diante aos outros dois destinos, se coloca ao longo da vida a enfrentar os caprichos do avô paterno, demanda que supunha vir do Outro e que encarnava como imperativo. Como estratégia do desejo, evita, anula, recobre o desejo pela demanda, quanto ao seu próprio desejo ele o mantém como impossível. Lacan no seminário de numero oito (Lacan, 1962-62/1992) descreve a fantasia do obsessivo como fantasia de completude: amor em relação ao ser. O neurótico obsessivo se coloca no lugar do  $\hat{A}$  do qual ele tenta incansavelmente completar através da coleção de objetos fálicos que produz, coleciona, oferta, etc, visando restituir o falta no Outro: identificado às fezes e tenta responder a demanda. (Gazzola, 2002/2005).

Mais uma vez diante da morte, desta vez a do avô cruel, se sente despachado, como quem escuta um “*Vá*”. Credo nos significantes é escravo de seus pensamentos e do imperativo que advém da consistência que delega ao Outro que diz: *Tu debes!* O obsessivo para ter aceso ao gozo identificando-se ao Outro de forma a tentar negar sua castração, inflando o narcisismo, ficando tributário ao saber que supõe ao Outro. Antoni recolhe como restos o gosto pela beleza e certa

curiosidade pela cultura e segue, sem rumo e desinserido no laço social, visto que carrega na bagagem embaraços quanto a regras de educação e bons costumes, apesar de aos olhos dos pais ser tido como instruído. Precebe-se carente de recursos simbólicos e paupérrimo quanto ao saber, marcado pela solidão e pela morte. (Vicens, 2008).

Em seu percurso, o desejo da mãe emerge novamente na via de um terceiro filho homem que nasce com retardo mental. Se encontra com um primeiro livro lacaniano, de Maud Manoni, *A criança retardada e a mãe*. As inquietações acerca do saber e da ignorância o levaram a escolha da filosofia onde encontrou algumas respostas, mas a obra de Sigmund Freud lhe causava estranheza, e como um saber ameaçador o mantém sob o olhar, mas sempre adiado. (Vicens, 2008).

A primeira análise é marcada por uma interpretação do analista de que suas dificuldades de edificar uma metáfora do amor eram causadas por um ciclo de amor fechado entre Antoni, sua mãe e seu irmão caçula. Sai dessa curta análise com uma relação amorosa constituída, apesar das metáforas da destruição rechearem o sintomas obsessivos que não tinham sido trabalhados. A vida não lhe parecia encadear um projeto, sentia-se sacrificado pela na vida e em vão. Ele se esforçava a revelar as condições necessárias, que paralisava e/ou dispersava. Permanecia assim morto, aprisionado na via capenga de sua metáfora paterna. (Vicens, 2008).

Quanto ao campo do gozo, Murta (2011) indica no relato uma série de semblantes de objetos a: o objeto olhar, o objeto anal e o objeto voz. O olhar do Outro lhe causava medo, remetia ao olhar obsceno no avô, e com isso evitava olhar as pessoas nos olhos. Como satisfação substituta ao gozo escópico, envereda-se pela pintura, mas que apenas serve para domestica-lo: ele não conseguiu falar de si

na arte, ou inscrever-se neste campo. Na análise, a via de acesso ao olhar foi um sonho:

Subo a escada atrás do meu irmão. Logo a seguir, sou eu que o precede. Faço deslizar sobre o corrimão meu manteau que cai dos dois lados. Um pouco antes de chegar à altura da mansarda, meus olhos chegam à altura do patamar e estendo meu braço para bater a porta. A porta é arrombada, tragada por uma fenda no solo. Ocorre escuridão no interior e fixamente dois olhos me olham. Caí no buraco da escada (em espanhol chama-se o olho) e desperto do pesadelo. (Vicens, 2009).

O sonho relata seu esforço para adiantar-se ao nascimento do irmão mais velho, para poder saber mais, mas logo, via-se cego, na escuridão. O sonho desloca a questão do olhar para a dimensão do saber. Lembra-se que o avô vigiava a vida erótica dos pais, e ele, tal como, colocava-se em seu berço de forma a observar a cena obscena, cena que não lhe dizia respeito. Murta (2011) destaca que o relato evidencia a função do olhar e do saber, saber da morte. O final do sonho, nos diz, traz a vertente objetual análoga ao olhar, as fezes: “Podemos observar que essa disposição é encontrada no sonho em que o objeto olhar está semeado e, em outra associação, o sonhador faz uma equivalência entre a porta arrombada e o objeto anal enquanto evacuado.” (op. cit.). A prevalência obsessiva no gozo escópico acompanha Antoni na busca sobre a verdade de seu gozo na nova análise que se inicia depois da negativa do cartel do passe.

Já o objeto voz se presentificava no silêncio acerca de sua vida. De uma voz imperativa, *Olhe! Goze!*, resta o silêncio, *Cale-se!* A voz deslocada do falar sobre o saber de si, para ser usada para dizer do que se sabe na teoria, sobre um saber adquirido. Antoni virou professor de filosofia, uma tradição familiar que serve como tentativa para domesticar a voz. Entretanto, ensinava o que vinha do Outro na

estrutura do discurso universitário. Um outro sonho prescripta uma voz que lhe diz: “*Vá embora*”. O analista interpreta sobre o saber do que teria sido visto: “Não vistes nada, vá.”

Esta interpretação o conduz ao cinismo, como sinônimo de desapego. Tentava desvincular-se dos significantes de sua história, tentativa insólita, visto que o imperativo superegóico retornava. O Outro se presentificava, destino do cínico. Isso bloqueava o caminho do amor, dos laços e o lançava no deserto solitário, isolado, mortificado, num encontro íntimo e perigoso com o tema da morte sem o termo dialético: a vida. O cinismo o fazia descrente, descrente da existência do Outro, de Deus, que ao negar-lo ele aproximava-se ainda mais potente. O desapego a vida produzia terror, presença da morte, que era confundida com a mulher, e o fazia ver-se como louco, outro sinônimo da morte.

O discurso do analista parecia ser o único possível, um discurso que se basearia no impossível, no furo. Retomava sua história não para se fixar nela, mas, para partir dela, estabelecer outro traçado. Antoni procurava encontrar condições de amar a vida, tal que a análise prescripta um aparição no pensamento: “*A vida me ama*.” Tal como um delírio, o amor da vida por ele constitui um ponto de passagem da angústia ao êxtase. Antes a angústia determinava a miséria simbólica para abordar o mundo fazendo da vida uma escravidão patética ao desejo do Outro, mortificado pela palavra, pelo significante advindo do campo do Outro. Esta reverberação de um sintagma libertou o sujeito do pensamento para gozar do que é próprio de seu corpo. Um êxtase que se coloca no lugar da angústia ao testemunhar uma experiência singular, uma sensação de ironia. O dizer sobre o amor da vida por ele, subverte o imperativo contrário de que a vida não o amava, não valia a pena. Ele opera assim uma passagem do nome do indecifrável sobre a morte para uma

nomeação para a vida. A ironia é fora do sentido, demonstra as incoerências. Mas coube um endereçamento a Escola a título de evitar embaraços diante da ironia. No diz Vincent (2008): “Eu não podia chegar a nenhuma decisão firme na vida nem no amor; até que me dei conta de que havia decidido firmemente ser um neurótico obsessivo.” (Vicens, 2008)

Segundo Murta (2011), “*A vida me ama*” remete ao um fora do sentido, ao mesmo tempo que funciona para descompletar o Outro da linguagem com esse pedaço de real. “O semblante ‘a vida me ama’ é oferecido a ele como tratamento ao gozo... A satisfação obtida pela nomeação passou a ser uma nova escolha: a invenção de um estilo de vida.” (Murta, 2011).

### **6.3. Gentileza gera Gentileza**

Para Miller (1997a/2000), o parceiro essencial da psicose são as vozes, e quando bem sucedido um caso, seus delírios. Podemos dividir em três momentos as abordagens de Lacan sobre esta estrutura clínica, de acordo com cada uma das clínicas apresentadas.

O primeiro momento corresponde à clínica do significante, marcada pela lógica fálica, pela operação da metáfora paterna e no conceito de Nome-do-Pai. Na década de 1950, em especial no seminário de número três e no texto dos Escritos *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (Lacan, 1958/1998), o conceito de psicose é descrito na lógica do inconsciente estruturado como uma linguagem. A questão em jogo é a presença ou ausência do Nome-do-Pai, a marca de cisão da relação entre a mãe e o bebê. Um corte simbólico, capaz de metaforizar este desejo e de introduzir o sujeito na dimensão da lei fálica.

Para que o ser humano possa estabelecer a relação mais natural, aquela do macho com a fêmea, é preciso que intervenha um terceiro, que seja a imagem de alguma coisa de bem-sucedido, o modelo da harmonia. (...) é preciso aí uma lei, uma cadeia, uma ordem simbólica, a intervenção da ordem da palavra, isto é, do pai. Não o pai natural, mas do que se chama o pai. A ordem que impede a colisão e o rebentar da situação no conjunto está fundada na existência desse Nome-do-Pai. (Lacan, 1955-6/1985:114).

No sujeito psicótico os tempos do Édipo não caminham como na neurose. Na psicose a metáfora paterna não opera, impossibilitando o processo de identificação e incorporação do pai enquanto símbolo, ou significante, no lugar do desejo da mãe, ou seja, há a forclusão do Nome-do-Pai. Falta um significante, o significante da lei do pai, que viesse barrar o Outro Materno. Significa que o prazo para esta operação expirou e o sujeito perdeu o direito de criar para si uma pergunta, um enigma sobre o desejo do Outro. A criança não pode metaforizar o desejo da mãe e, no lugar de uma pergunta neurótica sobre o que o Outro quer, o que emerge é uma certeza psicótica, algo no real que é tomado como uma resposta para uma pergunta que sequer foi formulada.

É num acidente desse registro [simbólico] e do que se realiza aí, a saber, a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna que nós designamos a falha que dá à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose. (Lacan, 1958/1998:582).

Ficando o psicótico marcado pela não metaforização, preso na cadeia metonímica. O que foi foracluído retorna no Real pela via das alucinações, distúrbios de linguagem. Lacan propõe que a alucinação é um *perceptum sem objeto*, questionando proposições fenomenológicas da psiquiatria de seu tempo, baseadas na noção de percepção ou na audição. Para Lacan, é a voz que advém do campo do



Outro, do campo da linguagem e da fala, e retorna como um ritornelo, símbolo musical que faz a música repetir, tal como a voz imperativa que incide de forma avassaladora sobre o psicótico. O desencadeamento da psicose ocorreria:

No momento em que ele é evocado, invocado pelo Outro, através do surgimento de um significante primordial, mas excluído para o sujeito. Esse significante, nomeei-o na última vez – tu és aquele que é, ou que será, pai. Como significante ele não pode em caso algum ser acolhido na medida em que o significante representa um suporte indeterminado em torno do qual se agrupa [...] uma série de significações, que vêm convergir através e a partir da existência desse significante. (Lacan, 1955-6/1985)

Influenciado por Clerambault, Lacan aposta numa leitura das alucinações a partir dos fenômenos de automatismo. Miller (1989/1997) esclarece que podemos dividir em três estes fenômenos, conforme a natureza de sua incidência. Os fenômenos de automatismo mental são as irrupção de vozes alheias à mais íntima esfera psíquica. Os fenômenos de automatismo corporal se relacionam às decomposições do corpo, estranheza e/ou desmembramento. E, finalmente, os fenômenos concernentes ao sentido, vivências inefáveis, inexprimíveis, para o sujeito e para o Outro.

O que se desenrola na psicose é que se trata da abordagem pelo sujeito de um significante como tal, e da impossibilidade dessa abordagem. Não torno à voltar à noção de *Verwerfung* de que parti, e para a qual, tudo bem refletido, proponho que vocês adotem definitivamente esta tradução que creio ser a melhor – a forclusão. (Lacan, 1955-56/1985:360).

A zerificação do Nome-do-Pai ( $NP_0$ ), forclusão do significante fundamental no lugar do Outro, e o fracasso da significação do falo ( $\Phi_0$ ), como ponto de estofa da cadeia delirante, são os fundamentos centrais desta estrutura clínica neste período, onde o parceiro fundamental é o símbolo que falta. Cabe ao analista operar como

secretário do alienado na perspectiva de construção da metáfora delirante, substituta da metáfora paterna no tratamento da psicose. Ou como testemunho dessa construção simbólica reparadora. O delírio, ou metáfora delirante, é uma tentativa de cura, de ordenação, de simbolização da atividade alucinatória. São construções que buscam atribuir significação das ideias não dialetizáveis, que irrompem em forma de blocos monolíticos. O delírio é uma tentativa de tratamento da alucinação que se inicia no encontro com um ponto invocante no Outro:

O delírio começa a partir do momento em que a iniciativa vem de um Outro, com um *A* [*Autrem* = *Outro*] maiúsculo, (...) eu lhes disse que ele estava excluído, enquanto detentor do significante. Por isso ele é tanto mais potencialmente afirmado, entre ele e o sujeito, no nível do outro com minúscula, do imaginário. É aí que se passam todos os fenômenos de entre-eu que constituem o que é aparente na sintomatologia da psicose. (LACAN, 1955-56:220).

Já na clínica do fantasma, Lacan privilegia não a dimensão do significante, mas a dimensão do gozo nas psicoses. Ao discutir no seminário de número onze as operações de alienação e separação, verificamos que na psicose não encontramos a operação de separação, não promovendo assim a extração do objeto *a*, ficando o sujeito alienado ao gozo do Outro. O delírio seria aqui a cunhagem de localização do objeto encarnado no próprio sujeito, um gozo sem articulação com o significante, objeto que retorna nas vozes alucinatórias. O tratamento do gozo passa pela localização dos parceiros na lógica discursiva cunhada pelo louco, numa tentativa de separação do Outro e localização do objeto voz. No discurso aos psiquiatras realizado por Lacan em 1967, ele nos diz que o psicótico carrega o objeto *a* no bolso, não separado.

O último momento da psicose em Lacan ocorre na década de 1970, quando ele propõe pensar a psicose em relação à disjunção radical dos três registros, o real, o simbólico e o imaginário. A lógica é da *não relação sexual*, pluralização dos Nomes-do-Pai e a noção de *lalíngua* são os elementos que darão consistência à invenção de um tratamento inédito ao real. Nesse sentido, o paradigma das psicoses deixa de ser a apresentação clássica, mas incorpora uma fineza no diagnóstico que esteja atenta aos quadros ordinários, ou seja, cujas soluções singulares engendram enganches *suis genesis* no laço social.

Na história da psicanálise houve um interesse muito especial pelas psicoses extraordinárias, por gente que conseguia realmente um êxito ressonante. (...) enquanto que aqui temos psicóticos mais modestos, que reservam surpresas, mas que podem fundir-se em um tipo de média: a psicose compensada, a psicose suplementada, a psicose não-desencadeada, a psicose medicada, a psicose em terapia, a psicose em análise, a psicose que evolui, a psicose sintomatizada – se me permitem. A psicose joyciana é discreta, à diferença da obra de Joyce. (Miller, 2009/2010).

Maleval (2003) aponta que desde a elaboração do conceito de forclusão do Nome-do-Pai, em meados dos anos 50, numa revisão conceitual da *Verwerfung* freudiana, e que constituiu um marco nas elaborações sobre a estrutura psicótica, os avanços iniciais do tema em Lacan foram marcados pela referência à psiquiatria, em especial à Clerambault. Esta concepção, atrelada ao termo *pré-psicose* (1955-56/1985) nos faria supor um momento de descompensação esperado em toda psicose e não responderia aos casos onde não observamos a presença de fenômenos elementares, nem rupturas aparentes. A série de conversações sobre casos de difícil diagnóstico – Conciliábulo de Angers (1996), Conversação de Arcachon (1997) e Convenção de Antibes (1998) – culminou na cunhagem por

Jacques-Alain Miller (1998) do termo *psicose ordinária* para designar casos de psicose que não apresentam fenômenos extraordinários, fora da ordenação simbólica, casos que podemos recolher formas singulares de estabelecer relação com o laço social. Na primeira foram acrescentados três pontos relativos as psicoses: o “novo desencadeamento”, a “nova transferência” e a “nova conversão”. O primeiro termo se refere às psicoses onde não chega a acontecer o desencadeamento, porém são manifestadas em momentos e movimentos de desligamento e re-ligamento do laço social. O segundo termo representa as vicissitudes dos laços sociais do psicótico. E o terceiro termo ressalta os fenômenos ligados ao corpo, fazendo série entre a neurose histérica, o fenômeno psicossomático e os fenômenos do corpo determinados pela falta da significação fálica.

Maleval (2003) se posiciona a favor das psicoses ordinárias incluídas na estrutura psicótica, posição reafirmada por Miller alguns anos mais tarde (2009/2010), em que afirma que a proposição do termo na ocasião das conversações teve como objetivo introduzir a clínica do real nas discussões cristalizadas na lógica da presença ou ausência do Nome-do-Pai, apontando para a variedade das soluções singulares apresentadas por Lacan em seu último ensino. Tal como a noção de *neo-transferência*, que dever ser entendida como uma apresentação da passagem da posição do analista *Sujeito suposto Saber*, e seu avesso, a posição de objeto *a* na lógica discursiva do inconsciente estruturado como linguagem, para o analista *parceiro-sintoma* de *lalíngua*. (Maia, 2006)

A noção de desencadeamento (*déclenchement*) da psicose, tributária da clínica estrutural, é substituída nas conversações por *neo-desencadeamentos*, relativos à noção de desenganche estrutural (*débranchement*) dos três registros,

real, simbólico e imaginário, e suas modalidades de amarração, que não comprometem necessariamente a localização do sujeito no laço social, ao contrário, servem de suplência ao significante fundamental foracluído. Maleval (2003) aponta que a pluralização dos Nomes-do-Pai traz a reboque uma pluralização das formas de suplência, de amarração da estrutura de além da amarração borromeana da neurose. As soluções psicóticas operam uma substituição a partir do elemento que falta nessa estrutura, com função de limitar, de localizar, o gozo e permitir uma resposta ao encontro traumático, ou até mesmo representar o enganche do sujeito no laço social.

As três características fundamentais que orientam o diagnóstico da psicose, mesmo das chamadas psicoses ordinárias, não devem ser buscadas na fenomenologia, mas nos índices de não-extração do objeto *a*, falhas discretas dos pontos de captonagem, nas demonstrações de tênues amarrações subjetivas e na prevalência de identificações imaginárias. Os efeitos da não-extração do objeto *a* (índices do real), segundo Maleval (2003), são observáveis na emergência deslocalizada do gozo, fruto da carência da fantasia fundamental que configura uma falta de orientação no transcorrer da vida. O empobrecimento no campo do afeto e o empuxo-à-mulher são efeitos da não significação fálica, revelados na identificação do sujeito como objeto de gozo do Outro. Os sinais do espelho demonstram a dificuldade de apreensão da imagem corporal, não são ligados a problemas de identidade, mas são correlativos à deslocalização do gozo e à carência da função do traço unário em portar a marca do objeto *a*. O que evidencia neste momento a posição de *parceiro-sintoma* das construções inéditas de tratar o gozo que invade.

Guerra (2007) realizou uma interessante pesquisa acerca do caso do *Profeta Gentileza*. Em sua tese de doutoramento extraiu os dados brutos de dois livros

biográficos sobre Gentileza escritos por Leonardo Guelman, em 1997 e 2000, de entrevistas com este autor, de entrevistas com Maria Alice Datrino, filha de Gentileza, e de entrevistas gravadas em vídeo com depoimentos do próprio Profeta Gentileza. Esse personagem e sua obra figuram como símbolos da cidade do Rio de Janeiro, cuja máxima difundida numa cidade em constante conflito urbano é: “*Gentileza gera gentileza*”.

O termo “obra” se refere à produção cultural e artística de Gentileza, mas fazemos referência ao seminário de número vinte e três, *O sintoma* (1975-76/2007), em que Jacques Lacan interroga a função da arte, da escrita, na tessitura de um novo uso do sintoma. Lacan propõe uma inversão de perspectiva: do olhar sobre a transformação artesanal do mundo exterior, para um olhar sobre a transformação do próprio artesão no fazer do qual é capaz e no qual empenha sua libido. Essa transformação transpassa o fazer material, sem dela prescindir. Trata-se de uma escrita singular na tentativa de nomear o que manca, o que rateia, a saber, a forclusão do Nome-do-Pai, mas se acompanharmos o último ensino de Lacan, vemos índices da solução sintomática diante da *não existência da relação sexual*.

James Joyce escreveu seu nome na literatura inglesa e endereçou sua obra, sua subversão da língua, aos estudantes universitários. Lacan comenta: “Ele escreve isso. O que ele escreve é consequência do que ele é... Quando se escreve podemos muito bem tocar o real, mas não o verdadeiro.” (Lacan, 1975-76/2007:77-8). O Profeta Gentileza tece, no uso subvertido que faz da língua portuguesa, um novo nome próprio e o endereça ao campo do Outro, à comunidade brasileira “*doente por falta de amor*”. Gentileza faz emergir uma forma singular de articulação do gozo que o invadira, materializando o significante que lhe falta ao uso da letra. Foi capaz de inventar, organizando de forma delirante a perplexidade inicial do

momento de desestabilização e promovendo o apaziguamento da angústia provada por um gozo deslocalizado.

Maleval, no livro *Logique du délire* (1996), expõe contribuições inéditas para o campo psicanalítico. Nesta obra, o autor destaca a fineza do texto freudiano e lacaniano e propõe princípios lógicos no processo de construção delirante. Maleval parte da tese freudiana segundo a qual o delírio é apontado como tentativa de cura na psicose, e parte também das contribuições de Jacques Lacan sobre o tema, no momento em que ele identifica a metáfora delirante como um processo complexo que faz do delírio um substituto à metáfora paterna ausente na psicose devido à forclusão do significante Nome-do-Pai, para discorrer sobre os elementos estruturais do trabalho psicótico. Maleval elenca três condições que possibilitam a produção da metáfora delirante: a presença da atividade delirante; o trabalho de localização delirante do gozo do Outro, através de uma operação de redução significante; o consentimento com a experiência de gozo aí nomeada.

Lacan (1955-56/1985; 1958/1998), ao analisar o caso Schreber, relembra a perplexidade e o horror inicial de Schreber quanto à ideia de ser mulher, ideia que acaba por ser aceita quando passa a configurar-se como um compromisso razoável. Ao final da construção do delírio, Schreber assume o estatuto de mulher de Deus, decisão irreversível motivada pela crença delirante de que de sua cópula com Deus emergiria uma nova humanidade. Através de uma cuidadosa leitura deste caso clínico paradigmático para o estudo das psicoses em psicanálise, Maleval (1996) elabora quatro fases da construção delirante que representam uma ferramenta indispensável na condução desta clínica.

A primeira fase Lacan denomina como *deslocalização do gozo e perplexidade angustiante*. Trata-se do momento em que irrompem os significantes e o gozo torna-se disperso, desencadeado da estrutura simbólica. Para Lacan, “é num acidente desse registro e do que se realiza aí, a saber, a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna que nós designamos a falha que dá à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose.” (Lacan, 1958/1998). O momento do desencadeamento da psicose emerge quando o psicótico se depara com a invocação do campo do Outro. Desprovido de um referencial simbólico, do significante primordial, ocorre um desencadeamento da cadeia. (Lacan, 1955-56/1985). Lacan expôs no seminário sobre as psicoses o caso da alucinação *Porca!* Tratava-se de uma paciente de Lacan que vivia com sua mãe e ambas consideravam uma vizinha como demasiado invasiva, de modo que toda vez que estavam fazendo algo, esta vizinha as importunava. Um dia, a paciente, ao cruzar com o amante desta vizinha, ouviu-o chamá-la de porca. E Lacan acentua que, ao perguntá-la acerca do que estava pensando antes que ouvisse a palavra porca, ela lhe responde que pensava: “*Eu venho do salsicheiro*”. Não se tratava de um outro qualquer que falava à paciente, ela recebia dele sua própria fala, não de maneira invertida como na neurose, mas a própria fala está no outro, este outro semelhante, seu reflexo no espelho. Diz Lacan que, neste exemplo, o ciclo se fecha no eixo *a* e *a'* onde há uma exclusão do Outro. (Lacan, 1955-56/1985).

A deslocalização do gozo no caso Schreber ocorre quando ele apresenta um quadro de esgotamento nervoso, em 1893. O sentimento de perplexidade angustiante decorre de um desencadeamento da cadeia significativa. O que emerge no real é o gozo deslocalizado “provocando fenômenos diversos sobre o corpo do



psicótico, sejam agradáveis ou penosos, voluptuosos ou agonizantes, ou mesmo hipocondríacos.” (Guerra, 2007).

Quanto ao Profeta Gentileza, Guerra (2007) pontua a deslocalização do gozo e a perplexidade no episódio em que José Datrino, nome de batismo de Gentileza, foi convidado para a criação de uma sociedade civil que ampliaria seus negócios com fretes. Nessa ocasião, ao final da conversa, ele caminha para os fundos da casa, solta todos os passarinhos das gaiolas e passa lama do quintal no corpo nu. Entretanto, destacamos que, conforme afirma Guerra (2007), aos doze anos de idade José Datrino começou a apresentar comportamento diferente e anunciou a ciência de uma missão: “ter uma família, filhos, construir bens, mas um dia teria de deixar tudo”. Essa emergência foi suplantada por uma identificação imaginária de um ideal de família que sustentou até um novo desencadeamento que, aí sim, localiza-se no episódio da lama.

O segundo momento descrito por Maleval é a *significação do gozo deslocalizado*. Ao irromperem-se as amarras imaginárias, o gozo eclode de forma deslocalizada. O tratamento da psicose necessita de um trabalho de localização e tratamento do gozo pelo significante. Isso decorre da necessidade de colocar em curso os fenômenos de invasão. No caso Schreber, a ideia surgida em 1894 de como seria belo ser uma mulher no momento da cópula já anunciava um processo que viria a configurar uma forma de amarração dos três registros. A tessitura dessa saída delirante inicia-se com uma explicação paranóica de que existiria um complô tramado pelo seu médico, Dr. Flechsig. Uma explicação delicada pela condição insuportável de estar à mercê de um Outro todo-poderoso e gozador, precipita um novo deslizamento na construção significante. Schreber vincula o médico a Deus, cúmplice e idealizador da conspiração. Ambos planejavam assassinar sua alma,

transformá-lo em mulher e usurpar de seu corpo como uma rameira. Esta nova conjugação do gozo com o significante apresenta-se mais razoável, visto que o sacrifício da eviração serviria aos desígnios de Deus. (Lacan, 1957-58/1998).

Como já afirmamos, a ideia de família de Gentileza, que já era anunciada desde os doze anos, é retomada quando ele recebe o aviso astral de que tinha chegado o momento de abandonar tudo o que tinha (família, uma empresa, três caminhões, terreno, casa, etc). Essa revelação, emerge no momento em que escuta a notícia de um incêndio ocorrido num circo em Niterói, que matou mais de quatrocentas pessoas. Ele segue para Niterói para pregar e ocupa o lugar onde o incêndio ocorreu, instaurando alí o *Paraíso Gentileza*.

A terceira fase descrita por Maleval é a *identificação do gozo do Outro*. No caso Schreber, a ideia de tornar-se a mulher de Deus localizava o lugar do médico e de Deus, e assim, organizava o campo do Outro na construção de uma malha significante em que o gozo pode assentar-se. A proposta lacaniana no último ensino toma a letra como suporte material do significante, que funciona como ponto de localização do gozo. Para Gentileza, ele se identifica como como um representante de Jesus de Nazaré, e pactua com Deus sua missão de pregador. Os elementos que compõem essa tessitura de localização do gozo do Outro na cadeia significante são retirados de sua própria história, da importância dada por sua família à religiosidade.

Guerra (2007) aponta que a escrita do delírio de Gentileza foi organizada por um binário de significantes. Dos termos *por favor* e *obrigado*, que representavam a invasão do Outro, ele passa aos significantes *por gentileza* e *agradecido*. Ao compor dois elementos binários, nos diz Guerra, ele inaugura uma série de elementos cruciais na lógica de seu delírio. A autora agrupa três proposições lacanianas bem

interessantes: a letra como suporte material que o discurso toma emprestado da linguagem (Lacan, 1957/1998); a letra se manifestando no inconsciente pela homofonia (Lacan, 1957-58/1998); e a ideia de que são nos sulcos da linguagem que faz vibrar em *lalíngua* uma forma de gozo (Lacan, 1971/2003). Veremos que os elementos que irão compor a última fase, identificando o *falasser* ao seu *sinthoma*, estarão assentados nos termos Gentileza como marca de gozo de *lalíngua* e na nova nomeação que emerge de agradecido – *Jozze Agradecido*.

A última fase da construção lógica do delírio é descrita por Maleval como fase do *consentimento ao gozo do Outro*. Uma nova realidade é construída de forma delirante, configurando-se como um saber fundamentalmente adquirido. O motivo forjado por Schreber em 1897 para o drama que vivia serviu de ponto de ancoragem: a feminilização que culminará com sua eviração em mulher tem como objetivo sua preparação para ser fecundado por Deus e gerar uma raça superior – homens schrebianos. O delírio que antes era persecutório se transforma em delírio erotomaníaco, e a seguir em delírio de grandeza com construções fantásticas e megalomaníacas. (Maleval, 1996). Freud (1924/1996) já destacava que a realidade na psicose teria de ser substituída por uma nova construção.

Ao passo que o novo e imaginário mundo externo de uma psicose tenta colocar-se no lugar da realidade - um fragmento diferente tem importância especial e um significado secreto que nós (nem sempre de modo inteiramente apropriado) chamamos de simbólico. Vemos, assim, que tanto na neurose quanto na psicose interessa a questão não apenas relativa a uma perda da realidade, mas também a um substituto para a realidade. (Freud, 1924/1996)

O delírio seria assim a cunhagem de uma localização do gozo desarticulado com o significante, era a isto que se referia Lacan ao dizer que o objeto *a* na psicose

estava no bolso, ou seja, livre do campo do Outro. (Lacan, 1967). Em Gentileza a fase de consentimento ao gozo do Outro se desenvolve através da construção de sua missão, que pouco a pouco vai recolhendo elementos constitutivos até figurar em sua forma final, presente nos murais. Entretanto, o fator preponderante na estabilização dele é a construção de uma grafia singular. Ao forjar um novo uso da língua, introduzindo os efeitos de sua *lalíngua* ele instaura uma escrita que inscreve seu nome no campo do Outro. Gentileza subverte a linguagem. Incorpora elementos religiosos, interpreta à sua maneira, dobra letras, insere símbolos que organizam um lógica interna própria. Essa escrita está fora do sentido do uso comum da língua. Não representa um ideário político, mas sim um destino estético ao gozo agora circunscrito.

Este percurso pelos dois casos orientados pela leitura de Maleval (1996), permite apresentar a conjunção do primeiro com o segundo ensino, ao contrário de percebermos um rompimento radical da teoria da psicose em Lacan na lógica do *todo* em relação a lógica do *não-todo* propagado no meio psicanalítico. A forclusão do Nome-do-Pai, como significante fundamental que organiza o sujeito neurótico, faz-se perceptível nos dois casos trabalhados. O desencadeamento da psicose é descrito por Lacan como o momento mesmo de chamamento a este significante. Em sua ausência na estruturação subjetiva, o gozo irrompe da cadeia que imaginariamente pode sustentar-se na fase pré-surto (podendo mesmo nunca ocorrer). Desencadeada, cabe à psicose, diante da disjunção estrutural entre os três registros, um trabalho de invenção para além do Édipo. Trata-se de inventar um nome próprio onde a nomeação falta. Essa nomeação pode ser, como nos apresenta Lacan no seminário de número vinte e dois, imaginária, real ou simbólica. A nomeação simbólica é a nomeação típica da neurose, engendrada pelo romance

familiar e pela metáfora paterna. Gentileza opera um forçamento no uso da língua que faz-se reverberar por sua obra. Gentileza desencadeia a psicose demonstrando a fragilidade de suas bengalas imaginárias, mas promove um trabalho insistente de tessitura do seu novo modo de ser no mundo. Como afirma Lacan, no seminário de número vinte e três, é exatamente disto que é feita uma análise: de suturas e emendas. (Lacan, 1975-6/2007).

## 7. Considerações finais

A prática analítica hoje constata a presença de problemáticas que testemunham o lugar de dejetos social, seja pelo abandono, pela drogadição, pela violência, dentre outras. Estas apresentações sintomatológicas denunciam a fragilidade dos vínculos conjugais, parentais e societários na atualidade, deslocando o sujeito do romance familiar e da estrutura simbólica a qual pertence. As questões relativas ao enfrentamento da lei, das figuras de autoridade e dos pactos sociais extrapolam o impasse lógico da sexuação, denunciando enfraquecimento das divisões e hierarquias da sociedade. Proliferam assim o uso de drogas, o abuso ou recusa de comida, os excessos no trato com a sexualidade, com a vida financeira, um corpo marcado por uma dietética desregulada diante de um gozo desmedido.

Estas apresentações sintomáticas trazem em comum a precariedade dos ideais societários em detrimento da radicalização das ideologias individualistas que absolutizam o direito ao gozo e promovem o empobrecimento das obrigações que sedimentam e organizam os laços sociais: tempos de vacilação da estrutura simbólica. Se a função do simbólico em tratar o real não opera a contento, resulta desta equação irrupções do real radicais, sem mediação pela palavra. A consequência é o desbusolamento do homem contemporâneo que fica alienado do pacto social de direitos e deveres. Como saída diante a fragilidade simbólica em lidar com o real, percebemos a exacerbação de respostas imaginárias, marcadas pela rivalidade narcísica e pela violência. A desinserção da ordem simbólica produz o rebaixamento no investimento em derivativos capazes de fornecer luz ao desamparo humano, tais como a ciência e a psicanálise, bem como o abandono das satisfações sublimatórias presentes no ato criativo. A vertente objetual de resposta ao desamparo

ganha força, como fruto da evanescência atual do Outro, e aparece na clínica a partir do uso e abuso dos corpos desgarrados da palavra. Diante destas apresentações, faz-se necessário recolher quais impactos dessa nova ordem incidem em nossa prática, no ofício do analista e as parcerias que este ocupa na clínica.

As parcerias analíticas que destacamos ao longo do ensino de Lacan demonstram um processo lógico onde se destacam as nuances inerentes as transformações da civilização, o curso de cada momento da teoria da clínica e o percurso da própria experiência psicanalítica.

**Figura 4**

LÓGICA FÁLICA		LÓGICA DO NÃO-TODO
CLÍNICA DO SIGNIFICANTE	CLÍNICA DO FANTASMA	CLÍNICA DO REAL
SUJEITO SUPOSTO SABER	SEMBLANTE DE OBJETO A	PARCEIRO – SINTOMA
PARCEIRO – SÍMBOLO	PARCEIRO – OBJETO A	PARCEIRO – SINTOMA
TRANSFERÊNCIA	DISCURSO	NÓS
INTERPRETAÇÃO	ATO	FORÇAMENTO

**(construção própria)**

Ao longo desta construção nos deparamos com a dimensão do diagnóstico na condução da clínica, especialmente a partir dos casos clínicos trabalhados. As parcerias analíticas dependem das coordenadas subjetivas que indicam a direção do tratamento. Se considerarmos a partir da clínica do real que o *sinthoma* é da ordem da singularidade, que efeitos essa tese lacaniana em relação a psicanálise e a contemporaneidade têm sobre as estruturas clínicas e suas tipologias, e, conseqüentemente, nas parcerias analíticas que se desenvolvem?

Na série de conversações sobre casos de difícil diagnóstico realizadas nas cidades francesas de *Angers, Antibes e Arcachon*. (1996; 1997; 1998) o tema do

diagnóstico e da intervenção do analista foi amplamente discutido. Cottet (1999) organizou essa discussão através de dois momentos da clínica: a *clínica descontinuista* e a *clínica continuista*. À primeira, corresponderia à noção de *sintoma*, fundamentada a partir da estrutura simbólica que se organiza a partir de um significante fundamental (ou por sua ausência), o *Nome-do-Pai*. A segunda concepção corresponderia à noção de *sinthoma*, oriunda das infinitas *versões do pai*, maneiras singulares de tratar o real. Enquanto a clínica descontinuista permitiria à categorização em classes psicopatológicas de acordo com as particularidades, a segunda introduziria uma plasticidade nas soluções singulares.

Miller (2008-09/2011) demonstrou que a noção continuista da psicanálise privilegia uma dimensão diferente da dimensão clínica, do ordenamento e classificação dos funcionamentos psíquicos por suas particularidades. Ele destacou o caráter inédito, plástico e dinâmico do gozo de *lalíngua*. A clínica contemporânea colocou o analista numa posição de difícil decisão diagnóstica, fruto do desvanecimento do Outro e do enfraquecimento do *Nome-do-Pai* como índice da estruturação subjetiva. Coelho dos Santos (2002; 2006; 2005), aponta que as noções de *sinthoma* e de *lalíngua* revigoraram a clínica estrutural na perspectiva do real. Quando as manifestações sintomáticas não mais respondem as particularidades das tipologias clínicas, a perspectiva continuista poderia orientar melhor o analista em sua intervenção. Entretanto, a autora adverte que esta posição não isenta o analista de servir-se do diagnóstico e do fazer clínico da lógica estrutural. O que deveria ser enfatizado seria o modo de gozar do inconsciente como o próprio remédio, marcando a posição do analista como aprendiz de uma língua singular capaz de tecer uma amarração subjetiva e promover o enganche do *falasser* no laço social.



Para Coelho dos Santos (2002b, 2012) a psicanálise participa de duas concepções do real: de um lado o real da *clínica psicanalítica*, mortificado pelo significante ou elementarizado pelo objeto *a*, passível de formalização através de certas particularidades; de outro o real da *experiência analítica*, que traz a marca irreduzível e intransmissível da singularidade, do modo de gozar de cada *fallasser*. Entretanto, a autora orienta que o fundamento do real nestas concepções, o da clínica e o da experiência, é único: o real enquanto impossível, fruto do desamparo estrutural na natureza humana. Tal como a ciência, o inconsciente é incapaz de tudo dizer. Para além do seu valor de ficção, descrito nas linhas da estrutura, que faz emergir o ineditismo constante da emergência de cada novo corpo.

Maleval (2008b) demonstra essa tensão existente no interior de nosso campo, uma que favorece o vigor das estruturas clínicas e outra que considera o desaparecimento da estrutura na passagem ao *sinthoma*. Para ele, a existência de diferentes formas de *sinthoma* não invalida a organização das estruturas clínicas. A estrutura se reencontraria na noção de *sinthoma*, ao considerar sua função de tratar o real e de localizar o sujeito no laço social. Ele supõe modalidades de *sinthoma*, ou de amarração, de acordo com a estrutura: o *sinthoma-desabonado-do-inconsciente* nas psicoses; o *sinthoma-erótico* (ou civilizatório) na neurose; o *sinthoma-fetice* na perversão, etc. Nessa perspectiva, temos modalidades de enganche singulares no laço social, mas seguindo uma lógica interna de cada estrutura clínica.

Essa conexão do gozo do *Um* ao campo do Outro representa uma função civilizadora, a qual Dhéret (2002/2006) argumenta dever visar o tratamento analítico, permitindo ao sujeito responder ao impossível da relação sexual engendrando o laço social pela via da exceção, por uma identificação com um ideal singular, em detrimento da individualização absolutista do gozo e de seu peso de retraimento

autista. Ela aponta que a orientação lacaniana opõe-se à lógica do *para todos*, mas sustenta que a solução pela via do *sinthoma* deve também ser capaz de conectar o sujeito à civilização, abrindo as vias do discurso e do enlace ao campo do Outro.

Concluimos que o enlace estrutural em contiguidade entre a clínica e a experiência nos permite sustentar que as parcerias analíticas compreendem o processo lógico da constituição subjetiva proposta pela psicanálise. A cada clínica temos em jogo não apenas uma leitura de sua época, mas uma certa função no seio da própria experiência. A fineza diagnóstica entendida não apenas na lógica do Nome-do-Pai, como também na lógica do *não-todo*, constitui um fundamento necessário ao ofício do analista na parceria em jogo. Essa orientação possibilita não optarmos por uma resposta reacionária a favor do resgate das estruturas simbólicas tradicionais, nem por um refúgio imaginário que insista em não perceber o abalo nas estruturas elementares, muito menos pela entrega ao discurso da ciência contemporânea (Miller, 2004/2005), mas sim por uma orientação pelo real do sintoma. Nessa perspectiva a intervenção do analista no século XXI está para além da interpretação da trama inconsciente, e não apenas como semblante do objeto a da fantasia no discurso. Mas, face ao avanço da exarcerbação do direito ao gozo alheio ao laço social, faz-se necessário uma abordagem prévia do gozo e sua reintrodução ao campo do discurso. Este trabalho aposta na noção de *parceiro-sintoma*, um dos parceiros na série proposta por Miller, como estratégia para promover efeitos de forçamento na articulação do gozo de *lalíngua* com o campo da linguagem, visando a restaurar a palavra. O analista como *parceiro-sintoma* do sujeito pode vir a possibilitar, por meio de seu ato, o encadeamento discursivo que a clínica psicanalítica nos orienta. Uma aposta que abre vias para deslocar o analisando do silêncio destrutivo e segregacionista das sintomatologias

contemporâneas, esclarecendo seu modo singular de estabelecer as parcerias com o mundo e a fim de inscrever-las no laço social.

### Referências bibliográficas

- Abreu, D.N. (2007) Psicoterapia, Psicanálise pura e Psicanálise aplicada. In: **CES Revista** – Periódico oficial do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora: CES/JF, 2007, p.211-22.
- Abreu, D.N. (2008) A prática entre vários: a psicanálise na instituição de saúde mental. In: **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia - UERJ**, Rio de Janeiro, Ano.8, n.11, 2008 p.74-82. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v8n1/artigos/html/v8n1a08.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2009.
- Abreu, D.N. (2010) O analista na cidade: impasses e enlaços entre psicanálise pura e psicanálise aplicada. In: **aSephallus** - Revista Eletrônica do Núcleo Sephora.v.5. n.9. Rio de Janeiro: ISEPOL, 2010. Disponível em: <[http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero\\_09/artigo\\_02\\_revista9.html](http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_09/artigo_02_revista9.html)>. Acesso em: 11 mar. 2011.
- Arenas, A. (2012) A clínica e o laço. In: **Opção Lacaniana Online** - Revista Brasileira de Psicanálise – EBP.n.7. São Paulo: EBP, 2012.
- Barros-Brisset, F.O. et all. A responsabilidade de cada um na era do direito ao gozo. In: **Responsabilidades**: revista interdisciplinar do Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário – PAI-PJ. v.2. n.1. Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais, 2012, p.13-17.
- Beividas, W. O Estilo em Lacan e a “Estilística” pós-lacaniana. In: **Psicologia & Psicanálise**.nº 6. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia UFRJ, 1995, p.33-48.
- Brousse, M-H. (2009) La psychose ordinaire à la lumière de la théorie lacanienne du discours. In: **Quarto** nº 94/95. Revue de psychanalyse. Bruxelas: ECF, 2009, p.10-15.
- Cabral, N.M. (2009) **A economia pulsional no ensino de Lacan**. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica – UFRJ, 2009.
- Checchia, M.A. (2004) Considerações iniciais sobre lógica e teoria lacaniana. In: **Revista de Psicologia da USP**. 15(1/2). São Paulo: USP, 2004, p.321-338.
- Cirino, O. (2001) **Psicanálise e psiquiatria com crianças**: desenvolvimento ou estrutura. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- Coelho dos Santos, T. (2001a) **Quem precisa de análise hoje?** São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.
- Coelho dos Santos, T. (2001b) Acting-out: o objeto causa do desejo na sessão analítica. In: **Opção Lacaniana** - Revista Brasileira de Psicanálise - EBP. n.29. São Paulo: Eólia, 2001, p.40-47.

Coelho dos Santos, T. (2002a) O analista como parceiro dos sintomas inclassificáveis. In: **Latusa**. n.7. Rio de Janeiro: EBP-RJ, 2002, p.153-168.

Coelho dos Santos, T. (2002b) **Paradigmas do último ensino de Lacan**. Rio de Janeiro: Sephora/UFRJ, 2002.

Coelho dos Santos, T. (2002c) A angústia na clínica da histeria e da neurose obsessiva. In: **Angústia**. São Paulo: Escuta, 2002, p.37-52.

Coelho dos Santos, T. (2005) A psicopatologia psicanalítica de Freud a Lacan. In: **Pulsional** – Revista de Psicanálise. ano XVIII. n.184. São Paulo: Escuta, 2005, p.74-76.

Coelho dos Santos, T. (2006) **Sinthoma: corpo e laço social**. Rio de Janeiro: Sephora/UFRJ, 2006.

Coelho dos Santos, T. (2008a) A política do psicanalista: o saber da psicanálise entre ciência e religião. In: **Psicologia em Revista**. v.14. n.1. Belo Horizonte: 2008, p.63-82.

Coelho dos Santos, T. (2008b) Sobre os finais de análise: sexualização e invenção. In: **Tempo psicanalítico** – Revista. v.40.1. Rio de Janeiro: 2008, p.105-120.

Coelho dos Santos, T. (2009a) Do saber exposto ao saber suposto e retorno: ensino, pesquisa e transmissão da psicanálise. In: **Opção Lacaniana** - Revista Brasileira de Psicanálise - EBP. n.54. São Paulo: Eolia, 2009, p.83-93.

Coelho dos Santos, T. (2009b) Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexualização à invenção do parceiro-sinthoma. In: **Ágora - Estudos em Teoria Psicanalítica**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. v.XII. n.1. Rio de Janeiro: PPGTP/IP/UFRJ, 2009, p.9-26.

Coelho dos Santos, T. (2010) Pela ex-sistência de um significante novo! In: **aSEPHallus** - Revista eletrônica do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. v.V. n.10. Rio de Janeiro: ISEPOL, 2010.

Coelho dos Santos, T. (2012) Existe uma nova doutrina da ciência na psicanálise? In: **De que real se trata na clínica psicanalítica?** Psicanálise, ciência e discursos da ciência. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012, p.35-61.

Coelho dos Santos, T.; Santiago, J. (2012) Apresentação. In: **De que real se trata na clínica psicanalítica?** Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012, p.07-11.

Contijo Salum, M.J. (2009) Crime, violência e responsabilidade na clínica psicanalítica contemporânea. In: **aSephallus**- Revista Eletrônica do Núcleo Sephora. v.4. n.8. Rio de Janeiro: ISEPOL, 2009. Disponível em <[http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero\\_08/artigo\\_01\\_port.html](http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_08/artigo_01_port.html)>. Acesso em: 12 mar. 2011.

Cottet, S.(1985) O psicanalista objeto a. In: **Falo** – Revista de Estudos Clínicos.n.1. Salvador: Fator Editora, 1988, p.73-80.

Cottet, S.(1989) **Freud e o desejo do psicanalista**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1989.

Cottet, S. (1994) Dois modos de Interpretação. In: **Opção Lacaniana** - Revista Brasileira de Psicanálise – EBP.n.10. São Paulo: Eólia, 1994.

Cottet, S. (1995) A interpretação incide sobre a causa do desejo. In: **Correio** – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. EBP. n.13. São Paulo: EBP, 1995, p.26-35.

Cottet, S. (1999) L'hypothèse continuiste dans les psychoses. In: **L'Essai**. Revue du département de psychanalyse de l'Université Paris VIII, n.2. Paris: Université Paris VIII, 1999, p.9-16.

Dafunchio, N.S. (2009) **Seminários: Clínica da sexuação; Inibição, Sintoma e Angústia: uma clínica nodal das neuroses**. Salvador: EBP-BA, 2013.

Deutsch, H. (1918-30) Um caso de fobia de galinhas. In: **Papeis de psicanálise** – Revista do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. n.1. v.1. Belo Horizonte: IPSM-MG, 2004, p.125-32.

Dhéret, J. (2002) L'analyse civilisatrice. In: **Quarto** – Revue del'Ecole de la Cause freudienne – Belgique. n.86.Bruxelles: ECF-Belgique, 2006, p.36-44

D'Ottaviano, Í.M.L.; Feitosa, H.A. (2003) **Sobre a história da lógica, a lógica clássica e o surgimento das lógicas não-clássicas**. In: Página Educacional do Cle. Campinas: UNICAMPO, 2003, p.1-34. Disponível em: <ftp://ftp.cle.unicamp.br/pub/arquivos/educacional/ArtGT.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2013.

Fernandez, L.R. (2000) **O olhar do engano: o autismo e o Outro primordial**. São Paulo: Escuta, 2000.

Freud, S. (1896) Carta 52. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.I. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.281-87.

Freud, S. (1897) Carta 71. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.I. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.314-17.

Freud, S. (1900) A interpretação dos sonhos. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.IV. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.13-363.

Freud, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.VII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.117-231.

Freud, S. (1908) Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.IX. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.163-86.

Freud, S. (1909[1908]) Romances familiares. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.IX. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.215-22.

Freud, S. (1910a) As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.XI. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.147-56.

Freud, S. (1910b) Um tipo especial de escolha de objeto deita pelos homens. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.XI. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.169-80.

Freud, S. (1911) Notas psicanalíticas sobre o relato autobiográfico de um caso de paranóia. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.XII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.13-89.

Freud, S. (1913) Sobre o início do tratamento. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.XII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.135-58.

Freud, S. (1913-14) Totem e Tabu. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v.XIII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.11-163.

Freud, S. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.XIV. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.75-108.

Freud, S. (1915) O inconsciente. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v.XIV. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.163-222.

Freud, S. (1915[1914]) Observações sobre o amor transferencial. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.XII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.173-88.

Freud, S. (1918) Linhas de progresso na terapia analítica. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.XVII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.171-81.

Freud, S. (1918[1917]) O tabu da virgindade. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.XI. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.197-215.

Freud, S. (1919) O estranho In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.XVII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.235-269.

Freud, S. (1919[1918]) Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v.XVII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.217-220.

Freud, S. (1920) Além do princípio do prazer. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v.XVIII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.11-75.

Freud, S. (1921) Psicologia de grupo e a análise do ego. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v.XVIII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.77-154.

Freud, S. (1923a) O Ego e o Id. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v.XIX. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.13-80.

Freud, S. (1923b) A organização genital infantil. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v.XIX. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.153-61.

Freud, S. (1924) A dissolução do complexo de Édipo. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v.XIX. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.189-99.

Freud, S. (1925) Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.XVII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.271-86.

Freud, S. (1930[1929]) O mal-estar na civilização. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v.XXI. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.65-158.

Freud, S. (1931) Sexualidade feminina. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v.XXI. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.229-51.

Freud, S. (1932) Explicações, aplicações e orientações. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.XXII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.135-154.

Freud, S. (1933[1932]) Feminilidade. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v.XXII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.113-34.



Freud, S. (1937) Análise terminável e interminável. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**.v.XXIII. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.223-270.

Freud, S. (1950[1895]) Projeto para uma Psicologia Científica. In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v.I.2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.333-454.

Gazzola, L.R. (2002) **Estratégias na neurose obsessiva**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Guerra, A.M.C. (2007) **A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência**.Rio de Janeiro: Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica – UFRJ, 2007.

Guimarães, L. (2007) Como formalizar um caso clínico. In: **aSephallus**- Revista Eletrônica do Núcleo Sephora. v.3. n.6. Rio de Janeiro: ISEPOL, 2008. Disponível em <[http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero\\_08/artigo\\_01\\_port.html](http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_08/artigo_01_port.html)>. Acesso em: 12 mar. 2011.

Lacan, J. (1932) **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade**. 2.ed.Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2011.

Lacan, J. (1938) Os complexos familiares da formação do indivíduo. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.29-90.

Lacan, J. (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.96-103.

Lacan, J. (1951) Intervenção sobre a transferência. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.214-25.

Lacan, J. (1952) **O mito individual do neurótico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Lacan, J. (1953) Função e campo da fala e da linguagem. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.238-324.

Lacan, J. (1953-54) **O seminário - livro 1 - escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

Lacan, J. (1954-55) **O Seminário - livro 2 - o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Lacan, J. (1955) Variantes do tratamento padrão. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.325-64.

Lacan, J. (1955-56) **O seminário - livro 3 – as psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Lacan, J. (1956-57) **O seminário - livro 4 – as relações de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

Lacan, J. (1957-58) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.537-590.

Lacan, J. (1957-58) **O seminário - livro 5 – as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

Lacan, J. (1957a) A psicanálise e seu ensino. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.438-60.

Lacan, J. (1957b) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.496-533.

Lacan, J. (1958) A significação do falo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.692-703.

Lacan, J. (1959-60) **O seminário - livro 7 - a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

Lacan, J. (1960a) Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.734-748.

Lacan, J. (1960b) A subversão do sujeito e dialética do desejo, in: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.807-42.

Lacan, J. (1960-61) **O seminário - livro 8 - a transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

Lacan, J. (1962-63) **O seminário - livro 10 - a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Lacan, J. (1963) Kant com Sade. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.726-33.

Lacan, J. (1964) **O seminário - livro 11 - os quatro conceitos fundamentais em psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Lacan, J. (1964). **Os Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Lacan, J. (1966-67) **O Seminário – Livro 14 – a lógica do fantasma**. Inédito.

Lacan, J. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.248-64.

Lacan, J. (1967-68) **O Seminário – Livro 15 – o ato psicanalítico**. Inédito.

Lacan, J. (1968-69) **O seminário - livro 16 - de um Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Lacan, J. (1969-70) **O Seminário, livro 17 - o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Lacan, J. (1971) Ato de Fundação. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.235-47.

Lacan, J. (1971-72) **Estou falando com as paredes**: conversas na Capela de Sainte-Anne Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Lacan, J. (1971-72) **O seminário - livro 19 – ...ou pior**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

Lacan, J. (1972-73) **O Seminário – livro 20 – mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

Lacan, J. (1972) O aturdido. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.448-97.

Lacan, J. (1973) Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Lacan, J. (1973) Televisão. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p.508-43.

Lacan, J. (1974) **A terceira**. Inédito.

Lacan, J. (1974-75) **O Seminário – Livro 22 – RSI**. Inédito.

Lacan, J. (1975-76) **O Seminário, livro 23: o sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Lacan, J. (1976-77) **O seminário – L'insu que sait de l'une bévue s'aile a mourre**. Inédito.

Lacan, J. (1976-77) **O Seminário – Livro 24 – L'insu-que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre**. Inédito.

Lacan, J. (1977). Abertura da seção clínica. In: **Opção Lacaniana** - Revista Brasileira de Psicanálise - EBP. n.30. São Paulo: Eólia, 2001, p.06-09.

Lacan, J. (1978) Tranferência para Saint Denis? In: **Correio** – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. EBP.n.65. São Paulo: EBP, 2010, p.31-32.

Laia, S. (2006) Angústia e sexualidade masculina. In: **Curinga** - Revistada Escola Brasileira de Psicanálise Sessão Minas Gerais. EBP-MG. n.22. Belo Horizonte: EPB/MG, 2006, p.85-90.

Laurent, D. (2000) Desidentificação de uma mulher. In: **Opção Lacaniana** - Revista Brasileira de Psicanálise – EBP.n.29. São Paulo: Eolia, 2000, p.38-41.

Laurent, D. (2000) Desidentificação de uma mulher. In: **Opção Lacaniana** - Revista Brasileira de Psicanálise – EBP.n.30. São Paulo: Eolia, 2001, p.22-23.

Laurent, D. (2006) O sujeito e seus parceiros libidinais: do fantasma ao sintoma. In: **aSephallus** - Revista Eletrônica do Núcleo Sephora. Ano.1 n.2. Rio de Janeiro: ISEPOL, 2006. Disponível em <[http://www.isepol.com/asephallus/numero\\_02/traducao.htm](http://www.isepol.com/asephallus/numero_02/traducao.htm)>. Acesso em: 12 mar. 2011.

Laurent, E. (2007) Discurso de candidatura à função de Delegado Geral 2006-2008, in: **A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007, p.201-14.

Lévi-Strauss, C.(1949) **Estruturas elementares do parentesco**. São Paulo: Vozes, 1982.

Lopes, R. G. (2007) O desejo do analista e o discurso da ciência. In: **aSephallus**- Revista Eletrônica do Núcleo Sephora. v.3. n.5. Rio de Janeiro: ISEPOL, 2008.

Lopes, R. G. (2010) Discurso do psicanalista: formalização do desejo do analista. In: **aSephallus** - Revista Eletrônica do Núcleo Sephora. v.5. n.10. Rio de Janeiro: ISEPOL, 2010.

Maia, M.A. (2006) A neotransferência. In: **Latusa Digital** - Revista da EBP-Rio, Rio de Janeiro. A.3. n.26. 2006.

Maleval, J-C. (1996) **Logique du délire**. Paris: Masson, 1996.

Maleval, J-C. (2000) **La forclusion du nom-du-père**. Paris: Seuil, 2000.

Maleval, J-C. (2003) **Elements pour une apprehension clinique de la psychose ordinaire**. Séminaire de la Découverte Freudienne. 18-19 janvier 2003. Disponível em: <[http://w3.erc.univ-tlse2.fr/pdf/elements\\_psychose\\_ordinaire.pdf](http://w3.erc.univ-tlse2.fr/pdf/elements_psychose_ordinaire.pdf)>. Acesso em 30 mar. 2013.

Maleval, J-C. (2008a) A unidade da psicologia sobreviveu. In: **aSEPHallus** - Revista eletrônica do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. v.V. n.9. Rio de Janeiro: ISEPOL, 2009.

Maleval, J-C. (2008b) Conversación con Jean-Claude Maleval. In: **Virtualia** – Revista Digital de la Escuela de la Orientación Lacaniana - EOL. n.18. Buenos Aires: Grama, 2008.

Maleval, J-C. (2012a) **Écoutez les autistes!** Paris: Navarin, 2012.

Maleval, J-C. (2012b) **Étonnances mystifications**: de la psychothérapie autoritaire. Paris: Navarim, 2012.

Maleval, J-C. (2013) **Hay tantas normalidades como personas**. Entrevista para o Jornal La Vanguarda realizada em 18 de janeiro de 2013. Disponível em:

<<http://www.lavanguardia.com/lacontra/20130118/54362013786/la-contra-jean-claude-maleval.html>>. Acesso em: 05 jun. 2013.

Miller, J-A. (1964) Ação da Estrutura. In: **Matemas I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.09-23.

Miller, J-A. (1979) **O percurso de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

Miller, J-A. (1984) Leitura crítica dos 'Complexos familiares', de Jacques Lacan. In: **Opção Lacaniana Online**- Revista Brasileira de Psicanálise – EBP.n.2. São Paulo: Eólia, 2005.

Miller, J-A. (1985) 1, 2, 3, 4. In: **Phoenix**– Revista da Escolha Brasileira de Psicanálise Delegação Paraná. n.3. Curitiba: EBP – Delegação Paraná, 2004, p.9-42.

Miller, J-A. (1988) Freud e a teoria da cultura. In: **Lacan elucidado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p.287-301.

Miller, J-A. (1989) Discurso do método psicanalítico. In: **Lacan elucidado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p.221-29.

Miller, J-A. (1990) Contextos e conceitos. In: **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997, p.15-28.

Miller, J-A. (1993[1988]) Saúde mental e a ordem pública. In: **Curinga**- Revistada Escola Brasileira de Psicanálise Sessão Minas Gerais. EBP-MG.n.13. Belo Horizonte: EPB/MG, 1999, p.20-31.

Miller, J-A. (1993) **A lógica na direção da cura**. Belo Horizonte: EBP-MG, 1995.

Miller, J.-A. (1997) A teoria do parceiro. In: **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p.153-207.

Miller, J.-A. (1998). **O osso de uma análise**. Salvador: EBP-BA, 1998.

Miller, J-A. (1998) O amor sintomático. In: **O sintoma-charlatão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.22-34.

Miller, J-A. (1998) **O Rouxinol de Lacan**. Disponível em: <[http://ea.eol.org.ar/03/pt/textos/txt/pdf/el\\_ruisenor.pdf](http://ea.eol.org.ar/03/pt/textos/txt/pdf/el_ruisenor.pdf)>. Acesso em: 09 abr. 2009.

Miller, J-A. (1999) Os seis paradigmas do gozo. In: **Opção Lacaniana** - Revista Brasileira de Psicanálise – EBP.n.26/27. São Paulo: Eolia, 2000, p.87-105.

Miller, J-A. (2001) Psychanalyse pure, psychanalyse appliquée et psychotérapie. In: **Revue de la Cause Freudienne**, n.48. Paris: ECF, 2001, p.5-21.

Miller, J-A. (2002-03) **Um esforço de poesia**. Seminário de Orientação Lacaniana. Inédito.

Miller, J-A. (2003a) Megera Modernidade. In: **O sobrinho de Lacan**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p.108-24.

Miller, J-A. (2003b) Assuntos de família no inconsciente. In: **aSephallus**- Revista Eletrônica do Núcleo Sephora.v.2. n.4.Rio de Janeiro: ISEPOL, 2007. Disponível em: <[www.nucleosephora.com/asephallus/numero\\_04/artigo\\_01.htm](http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_04/artigo_01.htm).> Acesso em: 11 mar. 2011.

Miller, J-A. (2005) Peças avulsas. In: **Opção Lacaniana** - Revista Brasileira de Psicanálise – EBP.n.44. São Paulo: Eolia, 2005, p.9-27.

Miller, J-A. (2006) Nosso sujeito suposto saber. In: **Opção Lacaniana** - Revista Brasileira de Psicanálise – EBP.n.47. São Paulo: Eolia, 2006, p.11-14.

Miller, J-A. (2006-07) **Perspectivas do Seminário 23 de Lacan**: O sinthoma. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2010.

Miller, J-A. (2008) Rumo ao PIPOL 4. In: **Correio** – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - EBP.n.60. Rio de Janeiro: EBP, 2008, p.7-14.

Miller, J.-A. (2008-09) **Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan**: entre desejo e gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

Miller, J.-A. (2009) Efeito do retorno sobre a psicose ordinária. In: **Opção Lacaniana Online** - Revista Brasileira de Psicanálise – EBP.Ano 1. São Paulo: EBP, 2010. Disponível em: <[www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero3/texto1.html](http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero3/texto1.html)>. Acesso em: 11 mar. 2013.

Miller, J-A. (2012) **O real no século XXI**. In: Página eletrônica da Associação Mundial de Psicanálise – AMP. Disponível em: <[www.wapol.org/pt/articulos/TemplateImpresion.asp?intPublicacion=38&intEdicion=13&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2493&intIdiomaArticulo=9](http://www.wapol.org/pt/articulos/TemplateImpresion.asp?intPublicacion=38&intEdicion=13&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2493&intIdiomaArticulo=9)>. Acesso em: 05 maio 2013.

Miller, J.-A. Laurent, É. (1997) O Outro que não existe e seus comitês de ética. In: **Curinga**- Revista da Escola Brasileira de Psicanálise Sessão Minas Gerais. EBP-MG. n.12. Belo Horizonte: EBP-MG, 1998, p.4-18.

Miller, J-A.; Milner, J-C. (2003) **Você quer mesmo ser avaliado?** Entrevistas sobre uma máquina de impostura. Barueri (SP): Manole, 2006.

Miranda, S. M. (2008) **A comunhão do opaco**: arte, poesia e transmissão em Amilcar de Castro. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

Murta, A. (2011) O passe, o rateio e um psicanalista. In: **Opção Lacaniana Online**. Ano 2. n.5. São Paulo: EBP, 2011.

Naveau, P. (2004). **Les psychoses et le lien social: le noeud défait**. Paris: Anthropos, 2004.

Roudinesco, E. (1993) **Jacques Lacan**:Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

Santiago, A. L. (2009) Psicanálise aplicada ao campo da educação: intervenção da desinserção social na escola. In: **Inovações no ensino e na pesquisa em psicanálise aplicada**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p.66-82.

Tinoco, V.M. (2004) **Do enlace entre toxicomania e a psicose**: efeitos e manejos clínicos. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica – IP/UFRJ. 2004.

Tundanca, L. (2006) **De lo político a lo impolítico: uma leitura social del sintoma**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2006.

Vicens, A. (2009) Do cinismo à ironia.In: **Opção Lacaniana** - Revista Brasileira de Psicanálise – EBP. n.55. São Paulo: Eolia, 2009, p.77-91.

Vicens, A. (2008) D`un objet à un autre. In: **La Lettre mensuelle**. n.271. Paris: ECF, 2008, p.22-25.